







A FRÁGIL JUSTIÇA DOS HOMENS

escrito por

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG

2024

Primeira edição | Junho de 2024

Copyright © 2024 *by*
Antonio Martines Brentan

Dados para contato com o autor: Antonio Martines Brentan
Av. São Sebastião, 564 - CEP 38292-000 - São Sebastião Pontal - MG

Copyright © [Todos os Direitos Reservados 2024] Essa obra possui Direitos Autorais reservados ao autor. É expressamente proibida toda e qualquer reprodução [cópia] republicação, transmissão, modificação, adaptação ou qualquer forma de utilização das imagens, textos, documentos, arquivos e fotos, no todo ou em parte, sem autorização prévia [por escrito] do autor ou toda e qualquer utilização considerada abusiva ou indevida deste material será penalizada e sofrerá as sanções previstas em Lei.

Diagramação e composição: Marcos Ferreira

Revisão gramatical: Autor

Capa e composição: Marcos Ferreira

Imagens da capa e contra-capas: Zara Lúcia

...

Disponível online
antoniomartinesbrentan.com.br



A FRÁGIL JUSTIÇA DOS HOMENS

escrito por

Antonio Martines Brentan

Copyright © 2024 by Antonio Martines Brentan
Av. São Sebastião, 564 - CEP 38292-000 - São Sebastião Pontal - MG

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
(Realizada pelo autor, São Sebastião Pontal - MG, Brasil)

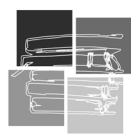
Martines Brentan, Antonio (Escritor).

A Frágil Justiça dos Homens -- Antonio Martines
Brentan. -- São Sebastião Pontal, MG. ; Zara Lúcia
(fotografia) : Edição do autor. 1ª ed. maio de 2024.

1. Justiça 2. Bem-estar 3. Romance
4. Experiência de Vida I. Brentan, Antonio
Martines, 1956 II. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance : bem-estar : Justiça - Filosofia de vida



Índice

Prefácio	9
Introdução	13
Armando, o Professor	19
Ovelha Negra.....	27
Ovelha Tosquiada.....	33
O Pai da Criança	39
Procura-se um Professor	45
Sr. Catarino, Criminoso Contumaz.....	53
Reconhecimento de um Trabalho	59
A Verdade Demora, mas Aparece.....	65
A Vida Pacata na Roça.....	73
O Perfil da Velha Professora Nova.....	79
Colhemos Aquilo que Semeamos	85
Há Males que Vêm para o Bem	91
Fraqueza da Carne, ou do Espírito	97

Nada Acontece por Acaso	103
Quem Não Deve, Não Teme	111
Nada Como um Dia, após o Outro	119
Lúcia continua Professora... ..	125
Quem Poderia Explicar?	131
Quem é vivo sempre aparece!	137
Não Nos Deixei Cair em Tentação	143
Todo Problema Requer Solução	151
Trabalho Bem-feito	157
A Felicidade é um Estado de Espírito	163
Advogando em Causa Própria.....	171
A Lei do Desonesto	177
A Lei do Mais Inteligente	185
A Recaída de Armando	193
A Desdita de Lúcia	201
Casa Nova, Vida Nova	207
O Verdadeiro "Professor Armando"	213
Um Caso Inusitado.....	219
Eva, e Seu Paraíso Imaginário	225
Nossa Fé, Nossa Fortaleza	233
O Trabalho Dignifica o Homem	239
Tudo ao Seu Tempo.....	245



Prefácio |

AS DIFICULDADES SEMPRE ESTIVERAM presentes na vida do homem, no passado mais que no presente, mas não há nada que com dedicação, perseverança, amor e tolerância não possa ser superado. As dificuldades que nos referimos, são generalizadas, e em todos os sentidos. Criadas pelos homens, em detrimento dele mesmo. No passado não muito distante, para se escrever um romance, o escritor se municiava de penas e tintas, calhamaços de papel, um bom dicionário, iluminados pela luz do dia, ou à noite, iluminado por um candeeiro eficiente, durante dias, meses, e até anos de exaustiva dedicação, escrevia um sem número de folhas de manuscritos, depois submetia o escrito, ao crivo de um interprete de

escrita, ou um calígrafo, em seguida era confiado a um revisor de texto, (profissional abalizado no mister), para detectar os possíveis erros de sintaxe, e ortografia, depois era mandado para uma gráfica, que através de um processo, quase artesanal, montavam com caracteres gráficos, página por página, para compor um livro. Depois surgiram às máquinas datilográficas, eliminando assim à dificuldade de decifrar o que havia se escrito. Com o advento do computador, a participação do revisor deixou de ser necessária, o próprio equipamento passou detectar os erros de sintaxe e ortografia, era exatamente onde pretendíamos chegar.

Começaram aparecer as gerações de computadores, o Pentium 1, fora substituído pelo Pentium 2, e não se parou por aí, e a família, e os modelos se expandiram vertiginosamente, sempre o sucessor superando seu antecessor. Se submetermos um texto de uma obra, de qualquer escritor famoso, tipo Érico Veríssimo. Ao crivo da máquina inteligente, cada uma delas detectará sob seu complexo analítico, aquilo que não está mais condizente com as regras da gramática vigente. A própria língua portuguesa está em constante processo de alteração, para fazer-nos entender, que nada deverá ser definitivo, tudo poderá ser melhorado ou piorado. Tornando-nos assim reféns desse sistema supostamente aperfeiçoador. Digo supostamente, por entender que o objetivo da escrita, é fazer que se entenda, aquilo que desejamos expressar.

Talvez por essa razão tenha me identificado mais com os números, desde que comecei estudar aritmética, há mais de seis décadas, aprendi que dois mais dois, são quatro, e continuará sendo indefinidamente, se bem que tal ciência fora conhecida antes como álgebra, e hoje não se fala mais aritmética, e sim matemática, ou matemática moderna, vítima do processo mutante à que estão sujeitas as palavras, exatamente onde pretendíamos chegar.

Muitos seguidores religiosos, interpretam a bíblia, e os evangelhos de forma literal, as palavras e seu sentido comprovadamente, estão em constante mutação. Os editores bíblicos por suas vezes, vêm ao longo dos séculos atualizando os contextos sagrados, de conformidade com suas pretensões e conveniências. Como afivelarmos às palavras escritas pelos homens, há séculos? Como tudo evolui, a compreensão das coisas sagradas, necessariamente para serem bem compreendidas, precisavam passar pelo crivo da lógica e da razão, para remover a fuligem acumulada pela ação do tempo.

Talvez essa interpretação seja própria de pessoas que como eu, precisam entender para crer, que enxergam entre linhas daquelas frases milenares, muitas crendices e suposições, ditas com o objetivo de se fazer acreditar, pressionadas pelo desconhecimento e pelo medo, da existência de seres mitológicos e lendários, aproveitando da ignorância de pessoas que possuíam

à época outra visão de mundo, e de Deus. Hoje para serem verdadeiramente compreendidas, deverão serem decodificadas, todos hão de convir que a visão de mundo, e de Deus hoje difere em muito daqueles tempos. Quando Deus era tido como julgador severo, que recomendava “Olho por olho, dente por dente”. E condenava os pecadores a penas eternas, sob tortura de uma fogueira que jamais se apagava. JESUS, em Seus Evangelhos, fala-nos de Deus, como a um Pai Bom, Amoroso e Justo, que deseja que nos amemos uns aos outros, e que perdoássemos nossos inimigos, e os que nos ofendem. Mas muitos têm dificuldades para aceitar essas verdades, são avessos à possibilidade que seja possível que o homem viva num mundo de concórdia e fraternidade, possuem ainda a mesma visão dos fariseus da época, que foram considerados por Jesus, hipócritas. E ainda muitos continuam vendo tudo como antigamente. E o sistema religioso aproveitando-se do medo dessas pessoas, produto da ignorância e desconhecimento, para obter delas obediência, entre outros favores, em forma de contribuições, muitas vezes impostas, tornando algumas religiões, verdadeiros impérios financeiros. Fazendo das coisas sagradas, uma fonte de renda, em detrimento à elevação Espiritual.

Antonio Martinez Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 04/02/2024.



Introdução |

A PROFISSÃO DE PROFESSOR TALVEZ seja uma das mais nobres, por estar revestida de uma responsabilidade muito grande, a pessoa que dispuser ocupá-la, no mínimo tem que gostar, e possuir os requisitos necessários para tal. Mas a carência de profissionais com a devida vocação, e formação acadêmica nessa área, atualmente não constitui mais um problema, mas há cinquenta anos, época a que reportaremos os acontecimentos de nosso romance, a situação no interior dos Estados brasileiros, era bem grave. Então os órgãos públicos responsáveis por essa área, acabavam se servindo de profissionais, nem sempre qualificados para a função.

Muitos podem pensar que tenha sido um erro acabar com as escolas rurais, talvez esse nosso trabalho, tenha o objetivo de conscientizar àqueles que assim pensam, que em nossa visão, foi um progresso muito grande. O órgão público responsável por esse departamento, na época denominado Secretaria Municipal de Educação, entregava uma escola rural, e o destino de dezenas de crianças, nas mãos de um suposto profissional, e não tomava conhecimento do que lá poderia acontecer.

A qualidade do ensino dessas escolas, eram muito insuficientes, por uma série de razões didaticamente não recomendadas, imaginem uma professora sem a devida formação, ensinar quarenta alunos, de quatro níveis diferentes, no mesmo espaço, ao mesmo tempo. Apenas uma lousa com menos de quatro metros de comprimento, daria um metro para cada série. E nesse espaço, o professor teria que passar todos os conteúdos e atividades. Somente quem enfrentou esse desafio, faz ideia da dificuldade. Ensinar gramática, matemática, ciências, história, geografia, em apenas um metro quadrado, em três níveis diferentes ao mesmo tempo. Não existiam nessa época livros individuais, de conteúdos e exercícios, como dispõem hoje, as escolas atuais. Existiam apenas os cadernos específicos, tipo brochura, para registrar os conteúdos de cada disciplina.

O mais incrível, todos dizem que antigamente, os alunos aprendiam mais. E isso não é uma crendice infundada,

mas uma verdade, não queremos dizer que os professores antigamente faziam milagres, o que estamos tentando dizer, que diante tantos recursos e facilidades, o resultado dos dias atuais, mesmo nas escolas urbanas, são muito insuficientes.

Não obstante cada um tenha sua opinião, um fato é inquestionável. Há cinquenta anos, quando o aluno concluía a quarta série primária, necessariamente teria que saber ler e escrever, corretamente, executar as quatro operações, ter noção de geometria. Saberia diferenciar, e produzir, uma redação, ou uma composição. Conheceria os nomes de cada estado da federação, e de sua capital. Conheceria os nomes, e quem foram os personagens principais da história de nosso país, que fizeram o Brasil ser a nação, que é hoje. Isso seria apenas conhecimentos elementares.

Compete-nos perguntar, o que teria acontecido com a educação de nosso país? Se todos dizem, que as crianças de hoje são mais inteligentes?

Essa dificuldade não é uma exclusividade do ensino público, os alunos das escolas particulares, apresentam as mesmas deficiências. O ensino atual em geral, não priva pela excelência de qualidade, como um descaso generalizado. O próprio ensino superior, não consegue reparar, nem corrigir, permite e tolera a ineficiência, e o caos se estabelece e persevera.

Há cinquenta anos, quando um aluno concluía o curso ginásial, teria lido algumas dezenas de roman-

ces, e conheceria o trabalho de dezenas de escritores renomados. Saberia o nome, e conheceria dezenas de poesias e poemas, de tantos de nossos poetas consagrados. Saberia analisar a qualidade de um texto literário, nos aspectos inerentes à sintaxe, e a morfologia.

Muitos podem pensar que sou saudosista, com meus conceitos ultrapassados, estribados, em realidades que prescreveram, que os métodos evoluíram, e o resultado que se busca obter hoje são outros. Caso for assim, reconheço que não estaria mais apto exercer essa profissão, que no passado tive a oportunidade e a honra de exercer.

A história que pretendemos escrever, não fora baseado em fatos, nunca acontecera que eu tenha conhecimento, mas poderia ter ocorrido. Os personagens que criaremos nunca existiram, mas poderiam terem existidos. O que tentaremos demonstrar, o quão vulneráveis e desprotegidas estavam essas crianças, e os adolescentes dessas comunidades rurais, quando o professor tinha total autonomia, para pôr em prática, tudo que imaginava ser correto, como se o que praticamos e negligenciamos no presente, não refletissem no futuro desses seres, e definissem a sociedade do porvir. Sem mencionarmos tantas outras influências nefastas e tendenciosas, arraigadas nos procedimentos das pessoas, em todos os níveis sociais de nossa sociedade.

Entendemos que a imagem, e a conduta de um professor, sempre fora, e ainda é, uma espécie de exemplo

a seguir, um modelo para as crianças, além de conhecimentos, tem que demonstrar retidão em seu caráter e procedimento, deixar bem explícito aquilo que se pode, como também o que não se deve fazer, para isso tem que dar o seu testemunho, servir como modelo, sem desconsiderarmos o papel não menos relevante, e importante dos pais, para direcionar seus filhos, no caminho do bem.

Não obstante ter citado que os acontecimentos dessa nossa história, nunca ocorreram. Decidimos aventar esse assunto, baseado em algumas conversas, ouvidas de alguns colegas da área, quando exerci essa função na década dos anos setenta, posturas que não coadunavam com a conduta correta e ilibada, de um profissional apto exercer essa função. Recordando esses depoimentos deprimentes, suscitou-me a ideia de escrever algo que envolvesse esses assuntos, que sem dúvida estão, ou estiveram presentes nas vidas das pessoas, dessas comunidades rurais.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 05/02/2024.





Armando, o Professor

ARMANDO FELÍCIO PEREIRA, AOS dezoito anos de idade, por razões que no decorrer de nossos relatos esclarecemos, entendeu que poderia exercer o cargo de professor primário. Com certa antecedência, para o início do ano letivo, foi até a Prefeitura do município, em que morava, procurou a pessoa encarregada pela Secretaria de Educação, e expôs suas intenções. Não obstante não ser uma pessoa qualificada para função, por ter concluído apenas o curso ginásial da época, e não possuir nenhuma experiência anterior, não foi descartada a possibilidade de ser aproveitado, devido às circunstâncias a que referimos, escassez de profissionais qualificados,

nessa área, mas poderia vir ser contratado, caso não aparecessem candidatos em melhores condições. Isso nos idos da década dos anos setenta. Deixou suas referências, seu endereço, e ficou aguardando ser chamado.

Passados alguns dias quando se aproximava o início das aulas, recebeu recado em sua casa, para comparecer à Secretaria de Educação, foi notificado pela autoridade competente, que haveria uma vaga de professor, numa comunidade rural, relativamente distante e isolada, caso interessasse seria levado até lá para conhecer. Armando se dispôs ir até a localidade, apesar das dificuldades que teria que enfrentar, devido às condições, e falta de estrutura, acabou por efeito das circunstâncias aceitando o trabalho.

As razões que levaram Armando optar por lecionar, foi devido aos atritos que estava ocorrendo com seus pais. Quando concluíra o curso ginásial, não quisera mais continuar estudando, se envolveu com alguns jovens desocupados de sua idade, e passou ter uma vida desregrada na ociosidade, aprendeu fumar e beber, se recusava ajudar o pai em seu trabalho de pedreiro, ou arrumar um outro emprego qualquer para se manter. Agora com dezoito anos, Sr. Eugênio entendeu, que não era mais possível admitir que o filho continuasse vivendo daquela maneira. Com anuência da esposa Dona Celina, preocupados com a situação do filho, o intimaram arrumar um trabalho, era a condição para que ele

continuasse morando na casa dos pais naquele início de ano, afinal eram pessoas pobres, era necessário que ele também contribuísse, e tivesse seu próprio dinheiro para suas necessidades.

No centro comunitário rural, onde se localizava a escola, havia uma espécie de alojamento para o professor morar, o espaço era suficiente para abrigar uma pequena família, caso o professor fosse casado. No caso de Armando se quisesse economizar, poderia ele mesmo, preparar suas refeições, lavar suas roupas, morar sozinho, em total privacidade. Nessa pequena residência, havia a pequena cozinha montada, com fogão, armário, mesa e geladeira, na sala um sofá e estante, o quarto com cama de casal, e um pequeno guarda-roupas, um pequeno banheiro interno, na varanda externa, um tanque para se lavar roupas.

O centro comunitário localizava-se, em um sítio relativamente grande, que pertencia, e residiam uma família de evangélicos, bastante numerosa, os patriarcas, um casal de septuagenários, Sr. Albertino Pedrosa e Dona Marieta, as famílias de cinco de seus filhos, que optaram por morar ali no sítio do pai, cada qual em sua casa, todas próximas umas das outras, formando um pequeno aglomerado de casas. Entre os netos e netas de Sr. Albertino, existiam alguns rapazes, algumas moças e alguns adolescentes, que há muito tempo haviam deixado à escola, por haverem concluído a quarta série, como

eram solteiros, ainda trabalhavam e moravam com os pais, a maioria dos netos e netas, ainda pequenos, frequentavam a escola.

Armando chegou para trabalhar em uma segunda-feira, quando o sol praticamente estava se pondo no horizonte, devido às dificuldades para se chegar ao local. Pelo adiantado da hora, se dirigiu até a casa mais próxima da escola, e do alojamento, onde morava um dos filhos de Sr. Albertino, que se chamava Alfredo Pedrosa, casado com Dona Sandra, e tinham ao todo, cinco filhos, sendo dois rapazes, e três menores, que ainda frequentavam à escola, duas meninas, e um menino, o caçula.

O professor foi muito bem recebido por Sr. Alfredo, e toda sua família, como estava quase no horário do jantar, devido ao adiantado da hora, como dissemos, foi convidado ficar, Armando aceitou o convite, depois do jantar, conversando com Sr. Alfredo e Dona Sandra, disse que estava achando difícil, preparar suas refeições, como também lavar suas roupas, caso existisse possibilidade, preferia não se envolver com essas tarefas, e pagar por esses serviços. Dona Sandra de imediato, disse que não poderia, alegando que já tinha muitas obrigações, talvez algumas de suas cunhadas, ou alguma outra vizinha, mediante pagamento, aceitaria lavar suas roupas, e fornecer as refeições. Então ficou decidido que Sr. Alfredo e Dona Sandra, conversariam com essas pessoas,

para resolver esse seu problema. Armando agradeceu pelo jantar, e pelo favor que prestariam, desejou boa noite a todos, e foi para seu alojamento.

No dia seguinte, Sr. Alfredo e a esposa, conversando com os parentes, e outros vizinhos, inclusive com ajuda de Sr. Albertino, chegaram à conclusão, caso fossem cobrar por esses serviços, certamente comprometeria parte expressiva de seu salário, que não era tão significativo, num gesto de boa vontade, e solidariedade, deliberaram que as famílias em melhores condições, que possuísem filhos frequentando à escola, em torno de trinta crianças, talvez umas dez famílias, inclusive Sr. Albertino, propuseram contribuir com uma parcela, e pagariam essas despesas, e uma das moradoras prontificou-se prestar os serviços, para atender ao professor.

Na terça-feira começaram as aulas na escolinha rural, as aulas começavam as sete horas, e terminavam as onze e meia, com meia hora para o intervalo. Nesse primeiro dia, Armando almoçou e jantou, na casa de Sr. Alfredo, depois do jantar fora informado, que a partir do próximo dia, Dona Rosália forneceria suas refeições, e não lhes custariam nada, os moradores arcariam com as despesas. Armando demonstrou ter ficado muito feliz, com o patrocínio.

Em seu primeiro dia de trabalho, Armando um tanto despreparado, não providenciou nenhum material para ser trabalhado, passou o tempo todo conversando com

os alunos, a sua maneira tentando cativá-los, conquistar suas amizades e simpatias. Como era fumante, fumava deliberadamente dentro da sala, indiretamente deixando entender, que o vício do cigarro, não era algo pernicioso. A maioria das crianças presenciavam os pais fumarem em suas casas, na escola, assistiam ao professor fumando, conspirando para que no futuro tornassem também fumantes.

No segundo dia de aula, deliberou por sua conta e risco, dividir os alunos em dois grupos, os que nada sabiam, e os que sabiam ler e escrever. Aos primeiros tentaria alfabetizá-los, aos demais, sacrificando os da segunda e terceira séries, em detrimentos aos da quarta série, ensinar algo comum a todos, sem perceber que os primeiros quase nada conseguiriam aprender, por estar pulando etapas, e os últimos já sabiam o que ele ensinaria. Os alunos obedientes e submissos, não reclamaram, nem comentaram nada com os pais, o método inovador de ensino posto em prática pelo novo professor. Quando o correto seria preparar três planos de aula, dosar as dificuldades dos conteúdos de acordo com os níveis de conhecimentos de cada série.

No quadro de alunos de Armando, existiam crianças de sete anos de idade, e alguns adolescentes com quatorze anos. Passados alguns dias, devido às dificuldades, e sua inexperiência, Armando dava mais atenção aos mais adultos, enquanto os pequenos se entretinham rabiscando os cadernos. À missão de se alfabetizar uma

criança é um trabalho criterioso, que exige dedicação e acompanhamento rigoroso, e à princípio não estava acontecendo. Às vezes o professor se distraía conversando assuntos alheios ao seu trabalho, com os alunos adolescentes, sem preocupar que o tempo era pouco, e as obrigações eram muitas.

Quando saía da escola, e ia para seu alojamento, encontrava a matula do almoço lhe esperando, almoçava, depois deitava em sua cama para descansar. À tarde costumava ir até as casas da vizinhança, conversar com as donas de casas, os maridos e os filhos maiores trabalhavam nas roças. Até então essas conversas, não oferecia nenhum constrangimento, mas existiam mulheres que não gostavam dessas suas visitas inconvenientes, por motivo dos serviços caseiros, ou por implicância de seus maridos ciumentos.

Logo iniciou-se a colheita do algodão, nessa ocasião todos da família iam para as roças, a maioria das casas ficavam fechadas. Sem ter com quem conversar, Armando ia até as roças, e andava de um lado para outro, conversando com os trabalhadores, às vezes se dispunha ajudá-los, sem perceber que mais atrapalhava que ajudava, devido suas conversas sem muita importância.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 21/01/2024.





Ovelha Negra |

MORAVA NESSA COMUNIDADE, em um sítio vizinho, a família de Sr. Filomeno da Silva, casado com Dona Rosália, justamente a senhora que se propôs fornecer as refeições para o professor, esse casal tinha três filhas adolescentes, que não mais frequentavam à escola. A mais velha com dezoito anos, chamava-se Iraci, a segunda com dezesseis anos, chamava-se Lúcia, e a caçula com quatorze anos, chamava-se Vilma, mas todos a chamavam Vivi. Sr. Filomeno não era o proprietário do sítio, trabalhava na condição de empregado, as três filhas sempre ajudaram o pai, principalmente nos trabalhos da roça, mesmo nos tempos, quando fre-

quentavam a escola. Iraci a mais velha, namorava há algum tempo Ananias, um rapaz de vinte anos, que pertencia à família Pedrosa, as outras duas não tinham namorados.

Andando pelas roças, conversando, e conhecendo os moradores do lugar, Armando por coincidência foi até o local onde trabalhavam Sr. Filomeno com a família, colhendo algodão em sua roça. Conversando com esse casal, ficaria sabendo que aquela família era quem fornecia suas refeições, por que até então, conhecia apenas Vivi, a filha caçula que levava as matulas de seu almoço e jantar até o alojamento, então passara conhecer superficialmente também Iraci e Lúcia. As mocinhas muito simples, e tímidas, vestidas com trajes roceiros, protegidas do sol com chapéus e lenços, olharam com curiosidade para o professor, que estava bem-vestido, e falava com uma certa facilidade.

Armando nada percebeu, mas Lúcia gostou dele, o jeito como conversou e tratou seus pais, demonstrou ser uma pessoa simples, talvez fosse um bom rapaz. Lúcia como estava um pouco distante, e da maneira como estava vestida, não chegou chamar sua atenção, se tivesse aproximado dela, e olhado em seus lindos olhos negros, certamente arrancaria dela, e perceberia a beleza de seu sorriso. Outro detalhe sobre Lúcia que nos compete revelar, que quando frequentava a escola, sempre fora a melhor aluna da turma, todos seus

professores a elogiavam, depois que deixou a escola continuou lendo livros e revistas, e tudo que aparecia, gostava de ouvir músicas e notícias no rádio, estava sempre bem informada, apesar de ser muito romântica, não tinha namorado, gostava de passar suas horas livres, lendo ou escrevendo alguma coisa, os rapazes da comunidade a considerava muito convencida, por ignorá-los. Conversou um pouco com os pais das meninas, e voltou pelo mesmo caminho que o tinha levado até lá, sem se aproximar delas. Lúcia nada comentou com as irmãs, mas a presença de Armando, fez nascer em seu coração romântico, completamente desabitado, um misto de esperança e desejo de namorá-lo.

Muito raramente Armando ia passar os finais de semana na casa dos pais, isso devido à distância, e a precariedade dos meios de transporte. No primeiro domingo que sucedeu à visita do professor à roça de Sr. Filomeno, Lúcia fez questão de acompanhar Vivi até o alojamento para levar o almoço ao professor. Vestiu-se apropriadamente, amarrou os cabelos com esmero, passou discretamente batom suave nos lábios, e lá se foram as duas. Quando chegaram ao alojamento, provocaram propositadamente um barulho no portão, para chamar atenção do morador, que estava no interior da habitação. Armando apareceu usando apenas short e chinelos, cumprimentou as duas, então percebeu que Lúcia, além de ser jovem, tinha lá seus encantos, e beleza. Olhou-

-o nos olhos, e o contemplou com seu sorriso de moça tímida, mas muito insinuante. Vivi que era ainda uma moçoila, que daí mais dois anos, certamente seria bonita como à irmã, por sua vez, como sempre fazia, adentrou à cozinha, deixou a matula do almoço, pegou a matula do jantar do dia anterior, e fez entender que já iam embora. Antes que elas saíssem, Armando perguntou:

— Quem é essa moça bonita?

Vivi que o conhecia melhor, respondeu: — Essa é minha irmã do meio, chama-se Lúcia.

Armando querendo prolongar a conversa, perguntou a Vivi: — E você, como se chama?

— Meu nome é Vilma, mas prefiro que me chamem mesmo por Vivi.

Armando querendo ouvir a voz de Lúcia, que até então, nada tinha falado, apenas sorrido, perguntou diretamente a ela: — E você Lúcia como prefere ser chamada?

— Pode ser Lúcia mesmo, gosto de meu nome.

— Qual o nome da outra vossa irmã?

Lúcia um pouco mais à vontade respondeu: — Nossa irmã, a mais velha chama-se Iraci.

Armando completou, encerrando a conversa: — Foi um prazer de minha parte, conhecê-la, você é muito bonita.

— Obrigado, o prazer também foi meu em conhecê-lo.

Depois dessa conversa, o coração de Lúcia que até a pouco tempo estava completamente desabitado, entregava as chaves a Armando, competia a ele, abrir e ocupá-lo, Lúcia sem dúvida permitiria que ele adentrasse. Se antes ela já havia gostado dele, depois dos elogios que ouviu, o considerava agora, seu provável pretendente, porque naquela comunidade não se interessara por ninguém, senão surgisse nenhum fato grave que o descredenciasse, ele certamente ocuparia absoluto aquele seu coração carente.

Armando como fizemos entender, era do tipo imprevisível, sua índole para nós ainda, um tanto desconhecida, como professor à princípio era muito insuficiente, talvez pelo seu despreparo profissional, faltava-lhe maturidade, e responsabilidade. Mas esperamos que no decorrer dos dias possam lhe fazer entender, que assumiu um compromisso muito sério, aquelas crianças necessitavam serem devidamente orientadas. Caso ele não correspondesse a essas necessidades, certamente teria problemas.

Na verdade, a essas alturas, Armando estava se sentindo a cereja do bolo, a maioria das mocinhas bonitas, e de famílias respeitáveis, que ele passara conhecer, e tivera a oportunidade de conversar, e algumas de suas alunas mais adultas, deixavam entender que se interessavam por ele, talvez pelo fato de ser o professor, ainda muito jovem, boa aparência, desinibido e falante. Ninguém naquela

localidade conhecia seus antecedentes, dos tempos que morava com os pais, às pessoas da cidade, onde morava que o conheciam, consideravam sua reputação bastante prejudicada, o tinham como um desocupado, por fazer parte de uma turminha, como dissemos, da pesada, pelos padrões da época, as coisas que faziam, e como se comportavam, eram repudiados veementes pela população, os denegriam ao ponto de comprometer até seus familiares, havia quem os consideravam verdadeiros marginais.

Sem a intenção de querer comparar, quase a totalidade dos jovens daquela comunidade rural, eram pessoas muito simples, trabalhadores da roça, corretos, obedientes aos pais, sem malícia, e maldade. Armando era diferente daqueles rapazes, naqueles últimos três anos, que vivera pelas ruas em má companhia, adquiriu malandragem e malícia do jovem desocupado urbano, aprendeu beber, fumar, se relacionar com meninas levianas e libertinas. Esse tipo de comportamento para as moças daquela localidade, praticamente não existia. Faz-se oportuno lembrar, que estamos reportando aos anos da década dos anos setenta. Caso Armando decidisse não se adequar aos padrões e costumes locais, logo perceberiam que não era uma pessoa confiável, e certamente teria alguns problemas.

Antonio Martinez Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 22/01/2024.



Ovelha Tosquiada |

ARMANDO ERA O TIPO DO professor que os alunos gostavam, por ser permissivo, nada cobrava, nem exigia dos alunos, havia se passado dois meses, à colheita do algodão tinha terminado, e os poucos alunos a serem alfabetizados, muito pouco progresso revelavam, algumas mães demonstravam preocupação, e se perguntava: Seria deficiência do filho, então saía comentando, e descobria que a situação dos demais eram as mesmas. Como dissemos, alfabetizar uma criança é trabalho criterioso, exige acompanhamento rigoroso, e o concurso do tempo. O progresso das crianças, apesar de contínuo, é muito lento, à medida que vão conhecendo o

universo das consoantes, os horizontes vão se descor-
tinando, e o professor atento percebe claramente, se a
criança está progredindo ou não.

Lúcia apesar de apaixonada pelo professor, logo se
decepcionara, assim como todos, ficou sabendo através
do falatório generalizado, que seu pretendente secreto,
era uma metralhadora giratória, e atirava para todos
os lados, nesse curto período tinha se envolvido com
várias garotas da localidade, inclusive algumas de suas
alunas, a todas usava os mesmos argumentos, e fazia as
mesmas promessas impossíveis, e contava as mesmas
mentiras. Dizia ser quem não era, possuir aquilo que
nunca teve, e conhecer aquilo que ignorava. Armando
estava deslumbrado com as facilidades, sentia ser um
príncipe encantado, sem saber ele, que o prazo de vali-
dade de seu suposto encanto logo expiraria.

Não obstante Armando já ter percorrido, e conhe-
cido todas aquelas casas, aquelas roças, e praticamente
todas aquelas pessoas, aos sábados e domingos, se ausen-
tava, e seus passeios eram longos e demorados, ao ponto
de passar às noites fora. Existia uma fazenda bem distan-
te da comunidade, chamada Barro Preto, que pertencia
a uma outra comunidade, lá moravam muitas famílias,
algumas delas de nordestinos, Armando começou fre-
quentar aquelas casas, sem o menor constrangimento,
conversava com os rapazes, com as mocinhas, e com os
adultos, com mais frequência, a casa de um pernambu-

cano chamado Sr. Catarino Castanheiro, e começou ter um caso de namoro com sua filha, uma jovem de apenas quinze anos, que se chamava Porfíria. Segundo diziam, o pai dela era o homem mais temido daquela região, brigava por qualquer motivo, extremamente violento e ignorante. Armando com seus modos conquistador, com suas mentiras, teria falado mais do que devia, prometido mais do que podia dar, e passado uma imagem falsa, de quem realmente era.

Essas mesmas fontes informativas, diziam que Porfíria era do tipo espevitada, namoradeira e barraqueira, e com essa pouca idade, já não gozava boa reputação, orientada pelo pai valente, e interesseiro, foi instruída que facilitasse ao máximo as coisas para Armando, outro partido como aquele, tão cedo não apareceria. Os pais alcoviteiros afrouxaram a vigília, durante às noites, Porfíria com a convivência dos pais, ia até onde Armando estava dormindo, um cômodo externo da casa, e lá faziam tudo que queriam, e o que não deviam. Diria que o namoro dos dois, estava indo muito bem, quando foi do meio para o fim, Porfíria deu o alarme, havia se engravidado. Como a filha tinha feito o dever de casa direitinho, competia agora ao Sr. Catarino fazer sua parte, e nisso se considerava competente.

Em um sábado pela manhã, assim que chegou à casa da namorada, foi surpreendido com a presença de Sr. Catarino, que o esperava, com seu discurso já prepa-

rado. Na presença da filha, e da esposa Dona Balbina, cúmplice da armadilha, com uma calma surpreendente foi falando:

— Muito bem Armando, você chegou em nossa casa, não faz muito tempo, foi muito bem recebido por todos, começou namorar nossa menina, passou se servir em nossa mesa, dormir sob nosso teto, dizendo ter isso e aquilo, ser isso e aquilo outro, e todos nós passamos o estimar como se fosse um dos nossos, e na calada da noite, para nossa surpresa e decepção, aproveitou-se da inocência de nossa pequena, e a engravidou. Gostaria que nos dissesse, o que pretende fazer agora?

À medida que Sr. Catarino ia revelando seu discurso ensaiado, Armando ia empalidecendo, quando terminou, estava branco como uma folha de papel, quis dizer qualquer coisa, mas sua voz não saiu. Dona Balbina pediu à filha que buscasse um copo d'água, depois de tomar a água, sua cabeça foi readquirindo noção da realidade, então perguntou a Porfíria:

- Como isso foi possível acontecer?
- Bem que te avisei, mas não quis me escutar.
- Então rapaz, o que pretende fazer agora?
- Estou pensando voltar pra casa e pensar em uma solução.
- Só se levar Porfíria com você?
- E se não puder levá-la, agora?
- Você não sai daqui, sem levá-la.

Porfíria disse ao namorado: – Minhas malas estão arrumadas, vou buscá-las.

Não restou outra saída para Armando, assim que Porfíria trouxe uma mala grande, e uma sacola pequena, pegou-a, colocou sobre os ombros, saiu sem se despedir, Porfíria deu um abraço rapidamente nos pais, com um sorriso de vitória, pegou a sacola e correu para alcançar Armando, agora seu provável futuro marido.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 22/01/2024.





O Pai da Criança |

ASSIM QUE SE DISTANCIARAM da casa, Armando disse um monte de desaforos para Porfíria, imputando a ela, somente a ela, a culpa pelo ocorrido. Que tinha sido ela, quem o havia procurado no quarto onde estava dormindo, que não havia pedido nada a ela, que fizera tudo de caso pensado, que era uma safada, sem vergonha, para se oferecer a ele como uma vadia.

Porfíria permitiu ser ofendida sem se manifestar, de seus olhos não jorrou nenhuma lágrima, quando percebeu que tinha dito tudo que queria, disse:

— Você, querendo ou não, é o pai de meu filho, se não quiser assumir, eu volto daqui, e você vai se entender com meu pai.

Armando deu-lhe um empurrão, ela caiu na areia da estrada. Levantou-se como uma fera ferida, colocou o dedo na cara do professor, e disse:

— Essa é a primeira e última vez que você me bateu, se acontecer uma próxima, não será meu pai quem vai matá-lo, eu mesmo farei isso.

Armando ajoelhou no lado da estrada, e chorou alto como uma criança, depois falou:

— Eu nunca gostei de você, nunca pensei em me casar com uma pessoa, tão feia e burra como você. Não tenho medo de suas ameaças, nem de seu pai. Pode voltar, dizer para ele, que o esperarei, ele sabe onde me encontrar.

Porfíria deixou a mala na estrada, apenas com a sacola voltou pra casa. Depois que ela se foi, Armando olhou a sua volta, viu um cerrado não muito distante de onde estava, teria que correr uns dez minutos por uma pastagem abandonada para chegar até lá, chegando lá ninguém o pegaria. Não pensou muito, atravessou a cerca de arame farpado e embrenhou-se pelo pasto correndo.

Porfíria chegou de volta à casa, para impressionar os pais, agora chorava. Quando Sr. Catarino viu a filha sozinha emudeceu. Então ela falou:

— O safado me ofendeu, dizendo que não prestava, que era uma vadia, depois me bateu, derrubando-me na areia da estrada, e mandou que voltasse,

que não tinha medo do senhor, e estaria lhe esperando, e saberia onde encontrá-lo.

Sr. Catarino coçou a cabeça, depois falou:

— Prometo a vocês duas, que vou matar aquele desgraçado, ou não me chamo Catarino Castanheiro. Você não disse a ele quem era o pai da criança?

— Disse que era ele.

— Ele acreditou?

— Acho que acreditou, não me disse nada.

Dona Balbina que acompanhava a conversa, perguntou: – E sua mala?

— Deve ter ficado lá na estrada, onde brigamos.

Sr. Catarino entendeu que à maneira pacífica e civilizada, como falou com ele, não impôs respeito, não revelou quem ele era na verdade, não o intimidou o bastante, não foi nenhum pouco eficiente, mas logo ele o conheceria quem realmente era, então disse à esposa e à filha: – Vou buscar a mala.

Sr. Catarino era pernambucano como dissemos, nunca se apartava de sua peixeira, de quase trinta centímetros de comprimento, não seria conveniente revelar, o que já tinha feito com aquela faca, na verdade ele a trazia sempre bem ariada e afiada. Foi até o local que estava a mala, sem nenhuma dificuldade viu as pegadas da botina de Armando, no lugar onde atravessou a cerca de arame, e entrou pelo pasto. Pensou consigo mesmo, mesmo não

sendo o pai da criança, vai morrer como morreu o verdadeiro.

Sr. Catarino chegou em casa com a mala da filha, deixou a sobre à mesa, estava visivelmente nervoso, quando estava assim, ninguém lhe importunava, o homem era de fato muito temperamental, foi para o quintal, sentou-se numa espécie de banco improvisado, sob uma sombra, e ficou pensando. De seus sete filhos, seis já tinham se casado, eram trabalhadores, nunca havia causado problemas para eles. A filha caçula extemporânea, Porfíria o tinha causado mais problemas que os outros seis juntos. E se sentia também culpado, por ter sempre lhe protegido além do normal, mesmo quando cometia faltas graves. Particularmente nesse último caso, tentando encobrir algo grave acontecido com a filha, o induziu cometer um outro, agora teria que agir para salvar sua reputação, que já era bastante comprometida.

Almoçou sem trocar uma palavra com ninguém, foi até o pasto, pegou seu velho burro, o arriou com uma tralha muito velha e carcomida, montou e saiu sem dizer aonde iria. As duas horas da tarde, chegou à comunidade, no alojamento onde Armando morava, estava tudo fechado, foi até a casa de Sr. Alfredo Pedrosa, lá ficou sabendo que ultimamente o professor saía no sábado pela manhã, e só retornava no domingo quando era noite. Sem ser perguntado, disse que gostava

ria que um seu filho de oito anos, começasse frequentar a escola, sem dizer seu nome, nem onde morava, disse que voltaria durante a semana, agradeceu, se despediu, montou seu burro e desapareceu.

Quando Armando começou se envolver com Porfíria, um morador vizinho de Sr. Catarino, também nordestino que se chamava Sr. Tadeu, lhe aconselhou, para não se envolver com as pessoas daquela família, que era um vespeiro perigoso. Lá escondido no meio do cerrado, Armando se lembrou desse acontecimento, mas agora era muito tarde, havia se envolvido mais do que pretendia e imaginava. E nenhuma família de insetos correspondia exatamente com eles, se enquadrariam melhor como pertencentes à família dos ofídios peçonhentos.

Dizer que Armando estava com medo, seria desnecessário, tinha que pensar uma maneira de sair ileso dessa confusão, o que ouvira dizer de Sr. Catarino, era assustador, tanto refletiu que chegou numa conclusão, iria abandonar tudo e fugir, sua vida, era o único bem de valor que possuía, emprego não o seguraria ali, arrumaria outro, afinal reconhecia que não gostava de ensinar crianças, e elas não aprendiam aquilo que ensinava, principalmente os pequenos, não imaginava que fosse tão difícil, fazer uma criança entender, coisas tão simples e fáceis.

Como conhecia toda aquela região, devido suas andanças pelas roças e casas da vizinhança, esquivando

pelos matos e várzeas, naquele mesmo dia, Armando foi se aproximando da comunidade, quando anoiteceu, foi sorrateiramente até o alojamento, pegou todas as suas coisas, sem que ninguém o visse, pegou a estrada que o levaria até à cidade onde seus pais moravam, andara à noite toda, quando o dia amanheceu no domingo, estava bem distante, não foi difícil pegar uma carona, antes do meio dia tinha chegado à cidade. Armando não foi à casa dos pais, esperou a segunda-feira, seu terceiro pagamento estava disponível no Banco, sacou tudo que possuía na conta, à noite pegou um ônibus na rodoviária, com destino à capital. Dessa forma o professor desapareceu, e não tão cedo teríamos notícias suas.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 24/01/2024.



Procura-se um Professor

NA COMUNIDADE NA SEGUNDA-FEIRA pela manhã, as crianças esperando o professor aparecer, quando passava das oito horas, os alunos maiores foram até o alojamento, bateram, chamaram, e o professor não apareceu. Logo os moradores foram informados de seu sumiço, alguém abriu à casa, nem ele, nem suas coisas foram encontradas. Todos se perguntavam: O que teria acontecido para que o professor fosse embora, sem dizer nada a ninguém? Os moradores da comunidade desconheciam o envolvimento amoroso de Armando com Porfíria. Inclusive ninguém imaginava que ele fosse tão longe atrás de na-

morada, se na comunidade era sabido por todos, que estava envolvido com três meninas.

Somente Sr. Alfredo tinha conhecimento da visita de Sr. Catarino à comunidade no sábado à tarde, mas nada desconfiou. Foi organizada uma breve reunião dos pais dos alunos, e chegaram à conclusão de que a Secretaria Municipal de Educação, caso não tivesse conhecimento, teria de ser informada com urgência, do acontecido. Ficou deliberado que Sr. Alfredo Pedrosa, iria na terça-feira pessoalmente, até à sede do Município na Prefeitura, fazer o comunicado.

Na terça-feira Sr. Alfredo procurou o encarregado, na Secretária de Educação, mais exatamente o funcionário que o havia levado até lá, que se chamava Sr. Altamiro, e fez o comunicado, depois de minuciosa pesquisa, foi constatado que nada foram informados. O chefe deliberou que fariam imediatamente uma diligência oficial, até o endereço dos pais de Armando, lá ficaram sabendo através do depoimento deles, que o filho não apareceu, e nada sabiam. O responsável pela pasta de Educação, informou Sr. Alfredo que concederia o prazo daquela semana, para as investigações, caso o empregado não aparecesse, entregariam o caso à polícia, do estranho desaparecimento, e tomariam às devidas providências administrativas para restabelecer à continuidade das aulas.

Na quarta-feira Sr. Catarino retornou à comunidade, montado em seu velho burro, para executar o que

havia prometido à esposa, e à filha, encontrou a escola fechada, o mesmo no alojamento, foi novamente até a casa de Sr. Alfredo, e tomou conhecimento do desaparecimento do professor. Mostrou-se surpreso, disse que voltaria na próxima semana.

O assunto mais comentado na comunidade naquela semana, o desaparecimento misterioso do professor, muitas eram as opiniões, mas nenhuma com conhecimento de causa que justificasse a decisão súbita. A semana se passou, na segunda-feira, o pessoal da Secretaria de Educação do Município compareceu como prometera, mas entre eles nenhum professor para assumir à escola. Foi feita uma reunião no centro comunitário, muitos pais e alunos estavam presentes. O secretário Sr. Altamiro, investido da autoridade, que lhe fora delegada, explicou:

— Estamos no início do mês de maio, encontrar um professor à curto prazo, disposto assumir o lugar de Armando, não será uma tarefa muito fácil, devido à carência de professores, o isolamento do lugar, e o salário não muito atraente. Gostaríamos saber se aqui no âmbito da comunidade não existiria uma pessoa, com capacidade para ocupar a função, até que aparecesse um professor ou professora para preencher seu lugar?

Dona Rosália que estava presente, se manifestou dizendo: – Algumas mães aqui da comunidade têm recorrido a minha filha Lúcia, durante à noite têm ido até

nossa casa, para ela ajudar os filhos, porque as crianças estavam aprendendo mais com ela, do que com o professor Armando.

Algumas mães se manifestaram dizendo *“A Lúcia é melhor professora, do que o Armando, que ficava conversando e fumando o tempo todo, e não ensinava as crianças”*.

Ouvindo o parecer das mães, o secretário quis saber: – Vocês não estavam satisfeitos com o trabalho do professor Armando?

Uma avalanche de reclamações e críticas foram despejadas todas de uma só vez, que não foi possível compreender. Então o secretário pediu que falasse uma por vez.

Depois de ouvirem uma enxurrada de reclamações sérias e graves, a equipe da Secretaria de Educação estava convencida, que desaparecer foi a melhor coisa que o professor fez. O Secretário investido de sua competência, perguntou: – Seria possível conhecer e conversar com essa moça que se chama Lúcia?

Dona Rosália que estava acompanhada de Vivi, levantou-se e disse: – Vou pedir para Vivi ir chamá-la na roça.

— Demoraria muito ela chegar até aqui?

— Uns vinte minutos.

— Por favor senhora, peça para chamá-la.

Vivi saiu como uma flecha, ela era apenas uma menina crescida, por ser a caçula, conservava seus modos

de menina. Chegou toda cansada e ofegante, na roça, onde Sr. Filomeno e as duas filhas capinavam, e foi falando: – Lúcia a mamãe mandou te chamar para ir ao centro comunitário agora.

— Para quê mamãe quer que eu vá ao centro comunitário?

— Lá você ficará sabendo.

Sr. Filomeno disse a Lúcia: – Vai ver o que sua mãe quer com você minha filha.

Lúcia deixou a enxada, saiu acompanhando a irmã, que recusou lhe dizer do que se tratava, não demorou os vinte minutos previstos, no máximo quinze, chegaram ao salão comunitário, ao entrar pela porta lateral, vestida como estava trabalhando, retirou apenas o chapéu de palha da cabeça, todos olharam para ela sorrindo, ela se assustou e parou subitamente. O Secretário a vendo entrar, convidou para que viesse se sentar à mesa com eles. Sem saber o que estava acontecendo, caminhou até lá e foi cumprimentada por todos, depois sentou-se na cadeira que lhe ofereceram. Lúcia tinha apenas dezesseis anos, o Secretário percebeu que era menor de idade, perguntou:

— Quantos anos você tem Lúcia?

— Dezesseis.

— Pois é Lúcia, fomos informados pelos moradores aqui presentes, que você seria a única pessoa dessa comunidade, com capacidade, para ensinar essas crian-

ças, estávamos pensando aproveitá-la para substituir o professor Armando que desapareceu, mas pelo fato de ter somente dezesseis anos, acho que não será possível.

Lúcia ainda surpresa com a recepção, e com o que ouviu, apenas sorriu meigamente. O Secretário lhe perguntou: – Você acha que conseguiria substituir o professor?

Lúcia respondeu com voz firme: – Acho que não, estudei somente até a quarta série, não sou professora, como o Senhor sabe, tenho somente dezesseis anos.

— Responda com sinceridade, qual a avaliação que você faz do trabalho do professor Armando nesses três meses?

Com o mesmo tom firme na voz, Lúcia respondeu: – O que pude perceber, como os senhores poderão comprovar, através dos cadernos dos alunos, que o professor Armando dividiu a sala em dois grupos, os alfabetizados, e os analfabetos. Aos alfabetizados ele ensinava as mesmas coisas a todos, difícil para uns e muito fáceis para outros. Os analfabetos penso que teria de começar ensinando primeiro as vogais, depois começar juntar as vogais às consoantes, talvez fosse necessário o uso de uma cartilha de alfabetização, para facilitar, desconsiderar tudo o foi ensinado até agora, e recomeçar do princípio.

Todos ficaram impressionados com a segurança, e a convicção como falou. Um outro membro da equipe

perguntou: – O que você faria para resolver o problema dos alunos já alfabetizados?

— Entendo que o aluno da segunda série, está preparado para receber um nível de instrução, o aluno da terceira série outro nível mais aprofundado, e o da quarta série, ainda mais. Eu gostava tanto de escola e de estudar, que até hoje tenho guardado comigo, todos meus cadernos e livros que usei desde o primeiro dia que fui à escola, até meu último dia na quarta série. Para resolver o problema desses alunos, seguiria o programa de ensino conforme meus cadernos de cada série.

O Secretário Sr. Altamiro, estava impressionado e perguntou: – Você acha que conseguiria recuperar o tempo perdido, até no final do ano?

— Sugeriria aumentar em uma hora diária o tempo das aulas, e suspender as férias do mês de julho.

— Você aceitaria esse desafio?

— Como disse, não sou professora, tenho somente dezesseis anos, se confiarem em mim, e acharem possível, eu aceitarei.

— Podemos vir todos os meses avaliar seu trabalho?

— Entendo que esse trabalho os senhores deveriam realizar, todos os meses, em todas as escolas rurais, caso o professor não estiver correspondendo, deveriam substituí-lo imediatamente.

Depois de fazer uma breve conferência entre eles, o Secretário tomou a palavra, se dirigindo aos presentes

dissera: – Em caráter experimental, faremos um acompanhamento todos os meses de seu trabalho, caso ela mostrar-se eficiente, poderá ficar até o final desse ano letivo. Os que aceitarem Lúcia, para ensinar suas crianças, levantem os braços.

Num gesto de confiança, todos os presentes levantaram os braços. Ato contínuo o Secretário completou: – A partir de amanhã, Lúcia será a nova professora da escola, esperamos que todos colaborem o máximo com ela, para que ao seu modo, faça um bom trabalho. O professor Armando será exonerado do cargo, por motivo de abandono do trabalho. Agradecemos a presença de todos, e a colaboração que prestaram. Alguém deseja falar mais alguma coisa?

Como ninguém se manifestou, Sr. Altamiro, deu por encerrada a reunião.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 25/01/2024.



Sr. Catarino, Criminoso Contumaz

DEPOIS QUE TODOS SE FORAM, Lúcia acompanhada da mãe e da irmã, foram até onde Sr. Filomeno e Iraci capinavam, para contar o acontecido. Sr. Filomeno muito emocionado, com os olhos umedecidos, abraçou a filha, e falou: – A partir de agora, não trabalhará mais na roça, agora você é professora, poderá ir para casa, preparar-se para amanhã começar ensinar.

Com seus modos simples, visivelmente emocionada, disse ao pai: – Obrigado papai.

Como todos estavam felizes e emocionados, Sr. Filomeno falou: – Quer saber, vamos todos pra casa.

Aquele resto de dia, até à noite, Lúcia se dedicou preparar o material para seu primeiro dia de aula. Na terça-feira, estava entretida sentada numa carteira ensinando uma criança pequena, quando um senhor apareceu na porta da escola, as outras crianças a avistaram. Lúcia levantou-se foi até a porta, perguntou ao desconhecido: – O que o Senhor deseja?

— Quero falar com o professor Armando.

— Armando não é mais o professor dessa escola, ele abandonou o emprego e desapareceu, pode falar comigo, eu sou a nova professora agora.

— Me desculpe professora, meu assunto era somente com ele, até mais.

Lúcia esperou Sr. Catarino sair, montar em seu burro, e ir embora. Depois perguntou aos alunos: – Alguém de vocês conhecem aquele homem?

Todos disseram que não. Lúcia voltou ao trabalho.

Depois do meio-dia, quando Lúcia havia encerrado a aula, e voltava com as crianças para casa, foi interceptada por Sr. Alfredo, que lhe perguntou: – Eu vi quando aquele senhor foi até a escola, por duas vezes já estive aqui em casa procurando por Armando, o que ele queria agora?

— Queria falar com o professor Armando.

Não falou do filho de oito anos, que queria frequentar à escola?

— Não me disse nada sobre o filho, disse que o assunto era com o professor Armando.

— Como foi seu primeiro dia de trabalho?

— Foi tudo bem, graças a Deus, obrigado.

Sr. Alfredo muito desconfiado, entendeu que o sumiço do professor, tinha relação com aquele homem desconhecido, no mesmo sábado à tarde, que o homem apareceu procurando por ele, Armando deve ter voltado à noite pegado todas as suas coisas no alojamento e desaparecido.

Diria que depois que Lúcia assumiu o comando da escola, as crianças demonstravam outra motivação, Lúcia tinha muito jeito para ensinar, era paciente, e facilmente cativava às crianças, todos gostavam dela. Não obstante a tarefa que tinha pela frente ser desafiadora, seu entusiasmo contagiava a todos, trabalhava feliz, como estivesse realizando um sonho de infância, que sempre acalentou.

Há alguns quilômetros da comunidade, na Fazenda Barro Preto, onde moravam as famílias de nordestinos, na casa de Sr. Catarino Castanheiro e Dona Balbina, o ambiente não havia retornado à normalidade, e nem retornaria à curto prazo. O projeto arquitetado pelos pais, de casar a filha caçula, que já se encontrava grávida, com o professor, que se dizia ser um rapaz instruído, de posses, e de família importante, havia naufragado, com sua fuga inesperada. Não só frustrou os planos

deles, como de certa forma, afrontara o brio de Sr. Catarino, que era tido como o homem mais temido, em todos os lugares por onde morou, admitir ser derrotado por um moleque como Armando, ou por quem quer que seja, estava além do que poderia suportar, acreditava que através de suas bravatas, ameaças, e até mesmo violência, conseguia sempre o que pretendia, quando isso não acontecia, eliminava o adversário, esse sempre foi seu modo de solucionar seus problemas.

Outro problema o preocupava, saber que sua filha Porfíria daí alguns meses teria um filho, e esse filho não teria um pai, então seria avô de um neto bastardo. Certamente todos zombariam dele, se ao menos tivesse lavado a honra da filha, com o sangue do meliante, teria uma razão para manter sua fama de valentão. Faz-se oportuno revelar que o crime que cometera, à poucos dias atrás, em defesa da honra da filha, fora tão bem arquitetado e executado, que nenhuma suspeita recaia sobre sua pessoa, caso fosse descoberto, certamente teria que justificar-se perante à justiça, e às verdadeiras razões que o levaram executar, lhe imputariam um grau de culpabilidade monstruoso e imperdoável, se resolvessem ir mais a fundo, investigar seu passado delituoso, com certeza descobririam seus crimes do passado, não sairia tão cedo da cadeia, por que de fato, o passado daquele homem representava um perigo para a sociedade, no presente, e no futuro.

Porfíria entraria no terceiro mês de gestação, Dona Balbina desde o início aventou a possibilidade de realizar um aborto, depois apareceu Armando, que se interessou por ela, que fez a mãe recuar da decisão, então planejaram e agiram conforme relatamos. Agora talvez fosse um pouco tarde para ocultar o fato, o melhor que todos logo soubessem que Armando, o professor, era o pai da criança, havia fugido para não assumir a paternidade. Porque a verdade era conveniente que não viesse à tona, porque com ela certamente, esclareceria um assassinato bárbaro.

Esse era o clima na casa de Sr. Catarino e Dona Balbina, não que ele estivesse arrependido do que fizera, mas sim pelo que não tinha feito, quando deixou escapar com vida, aquele que frequentava sua casa, e todos tinham conhecimento que tinha um caso de namoro com a filha, era só elimina-lo e inventarem uma boa história, que ele na condição de pai amoroso e ciumento, perdesse o controle de si, quando no auge de uma discussão com o rapaz, exigiu que assumisse a responsabilidade de seus atos, e ele se recusou, dizendo que preferia matar ou morrer, que se casar com Porfíria. Então num ímpeto de cólera o matou, e o mataria quantas vezes fosse necessário, não criou uma filha por quinze anos, para um canalha vir desonrá-la, e engravidá-la dentro de sua própria casa. Se entregaria à justiça, com certeza seria inocentado, porque teria agido em legiti-

mar defesa da honra de sua filha inocente e pura, que tinha apenas quinze anos de idade.

Mas infelizmente isso não aconteceu, e o canalha saiu ileso, e ele teria que assumir o ônus, da vergonha, e da desonra. O mais sensato seria aceitar os acontecimentos sem reclamar, ou se mudar para um outro lugar, onde ninguém os conhecessem. Enquanto Sr. Catarino ponderava o que deveria ter feito, e o que deveria fazer, para amenizar sua desdita, a barriga de Porfíria crescia. Em nenhum momento Sr. Catarino refletiu nas coisas absurdas e desumanas, que havia praticado ao longo da vida, mas sentia que pela primeira vez às coisas não aconteceram como queria e gostaria.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 26/01/2024.



Reconhecimento de um Trabalho

O TEMPO HAVERIA DE PASSAR CÉLERE, fazia quarenta dias, que Lúcia tinha assumido o desafio de lecionar para aquelas crianças, então recebera à visita da equipe de funcionários da Secretaria Municipal de Educação, como havia sido programado, depois de analisarem os cadernos, fazerem perguntas aleatórias para os alunos das três séries, de acordo com os registros nos cadernos, o chefe da equipe, o Secretário Sr. Altamiro, estava admirado com o resultado. Mais surpresos ficaram, quando passaram analisar o progresso dos pequenos, apesar do pouco tempo de trabalho, e das poucas lições estudadas na cartilha, o resultado não poderia ser melhor.

Quando algumas mães perceberam a presença do pessoal da equipe de avaliadores, se organizaram e foram até à escola, assim que terminaram a visita de inspeção, às mães convidaram os integrantes da equipe para acompanhá-las até o salão comunitário que ficava próximo, primeiramente quiseram conhecer o resultado da avaliação. O chefe da equipe expôs seu parecer, tecendo elogios ao trabalho de Lúcia. Dona Sandra, uma das mães, devidamente preparada, falou em nome de todos os presentes, nesses termos:

— Quisemos conhecer o resultado de vossa avaliação, apenas por curiosidade, apesar do pouco tempo de trabalho da menina Lúcia, nós mães e pais dos alunos, estamos muitos satisfeitos, e queremos fazer uma reivindicação: A professora Lúcia preocupada com o resultado de seu trabalho, sabendo que logo os Senhores viriam, convocou-nos na semana passada para uma breve reunião, para conhecer nossa opinião, sobre seu trabalho. Dissemos a ela que estávamos muito satisfeitos, como de fato estamos. Com a chegada de mais cinco alunos, pertencentes a duas famílias que se mudaram recentemente para nossa comunidade, o número de alunos elevou-se para trinta e oito. O que vamos pedir não partiu dela, mas do nosso entendimento. Gostaríamos que os Senhores, criassem mais um turno, e Lúcia ensinaria os da primeira e segunda série na parte da manhã, dezes-

sete alunos, e os de terceira e quarta série no período da tarde, vinte e um alunos, totalizando assim os trinta e oito alunos.

O chefe perguntou de quem tinha sido a ideia, Dona Sandra um pouco emocionada, falou:

— Por incrível que pareça, quem teve essa ideia foi meu sogro, Sr. Albertino Pedrosa de setenta e dois anos, imediatamente todos concordamos, por considerarmos que os mais beneficiados seriam os alunos. Então Sr. Albertino, foi mais além. Sugeriu caso os Senhores se negarem arcarem com as despesas excedentes, nós pais dos alunos, estaremos dispostos pagarmos, só dependemos de vosso consentimento.

Todos aplaudiram Dona Sandra, pela eficiência e clareza de suas palavras. O chefe da equipe Sr. Altamiro, não consultou ninguém de sua equipe, imediatamente deu seu parecer:

— Dona Sandra, particularmente achei louvável e justa vossa reivindicação, quero parabenizar pessoalmente Sr. Albertino, pela excelente sugestão, têm meu consentimento para dividir os alunos em duas turmas como desejam, a partir de amanhã. Quanto às despesas dispenderei todos os meus esforços, para convencer meus superiores, que essa é uma obrigação, e dever da Secretaria de Educação, estou seguro de que não nos furtaremos assumir esse custo, pois temos os recursos para isso, que são oriundos dos impostos pagos pelos

contribuintes, que são vocês mesmos, produtores e trabalhadores.

Todos aplaudiram e cumprimentaram Sr. Altamiro, pelas suas palavras de apoio, antes de encerrarem a reunião, Dona Sandra, esposa de Sr. Alfredo Pedrosa. Mãe de três alunos. Tomou a palavra novamente, e pediu:

Em nome de todas às mães e pais aqui presentes, gostaria que alguém fosse até a escola, e convidasse a professora Dona Lúcia, e todos seus alunos, virem até aqui, e ouvirem diretamente do Senhor Secretário, o que juntamente acabamos de deliberar.

Uma das mães presentes se prontificou ir até a escola, que ficava menos de cem metros de distância para convidá-los. Em poucos minutos os presentes no salão, recebiam os convidados com uma salva de palmas. Lúcia como no dia que viera da roça, agora vestida como uma professora se deve vestir, parou subitamente, sem entender o motivo da recepção calorosa. O chefe da equipe pediu que ela viesse até onde eles estavam, explicou detalhadamente o que os moradores da comunidade, e a Secretaria Municipal de Educação, à revelia dela, haviam decidido implementar imediatamente, e perguntou se ela estava de acordo?

Lúcia nada respondeu, apenas balançou a cabeça aprovando, deu um sorriso meigo, e começou chorar de alegria. Todos a saudaram com uma salva de palmas.

Por esses tempos, todos já conheciam às razões do sumiço do professor Armando, esse tipo de notícia propaga com muita rapidez, mas as informações eram demasiadas desencontradas, e nenhuma delas correspondia exatamente com o que de fato teria acontecido, e o desencontro de informações deveu-se justamente por que Sr. Catarino relatava de um modo mais trágico, agressivo e violento, Dona Balbina tinha índole mais mansa, contava uma história mais complacente, e Porfíria querendo se passar por vítima inocente, dizia ter confiado nas promessas mentirosas do professor sedutor, fizera o que qualquer menina apaixonada faria. O ponto em que todos eram concordes, que Armando era o pai da criança, como negara assumir a responsabilidade, fugiu para não morrer, porque a intenção de Sr. Catarino era lavar a honra de sua filha ingênua e casta, com o sangue do pervertido namorador.

Mas nada como um dia atrás do outro, a verdade quando é intencionalmente distorcida, é como a água turva, que vai rolando sobre pedras e calhaus, e com o perpassar do tempo e do espaço percorrido, acaba por revelar-se pura e cristalina.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 26/01/2024.





A Verdade Demora, mas Aparece

O FATO QUE DEPOIS QUE LÚCIA, a professorinha como passou ser conhecida, separou às crianças em dois turnos, o resultado logo apareceu, os pequenos foram melhores assistidos e acompanhados, e os pais perceberam que os filhos estavam aprendendo ler e escrever de verdade. Todos os meses, quando a equipe de funcionários da Secretária de Educação, vinham supervisionar, e inspecionar o trabalho dela, se convenciam que não poderiam ter encontrado professora melhor do que ela, e como recompensa traziam seu pagamento em espécie, dentro de um envelope, ela simplesmente pegava-o e colocava dentro de seu caderno, e quando chegava em

casa, sem nem mesmo abri-lo, entregava ao pai, Sr. Filomeno. Não seria necessário dizer, que a situação financeira de sua família, deixou de ser tão asfixiante como antes.

Sr. Altamiro não teve nenhuma dificuldade convencer seus superiores, que a criação de um segundo turno, era uma necessidade, para escola daquela comunidade, e representava muito pouco para o orçamento da Secretaria, existiam escolas rurais que funcionavam com menos de dez alunos. Não obstante Lúcia merecer, a equipe de supervisores, tornaram seus colegas e admiradores, e seu nome passou ser conhecido no âmbito da Secretaria, como também em toda malha da rede escolar do Município, como sendo, jovem modelo de bom profissional.

O nascimento do filho de Porfíria estava previsto para os meados do mês de setembro, Sr. Catarino e Dona Balbina, acabaram se acostumando com a situação, e pelo contrário que imaginavam, nunca ninguém zombou deles por serem pais, de uma futura mãe solteira, isso poderia ocorrer com as melhores famílias. O casal ficava imaginando que logo teriam uma criança para entretê-los, e tirar seus sossegos. Em uma manhã de setembro, Porfíria sentiu que o momento do parto havia se aproximado, Sr. Catarino foi às pressas até a sede da Fazenda, e ajustou o gerente para levá-los com sua camioneta, até um povoado não muito próximo,

onde havia um posto de atendimento médico, e aconteceria o parto. O motorista deixou os três no posto, e retornou para seus afazeres.

Dona Balbina acompanhando à filha, foram conduzidas por uma enfermeira, até à sala, onde o obstetra realizaria o parto. Sr. Catarino ficou na sala de espera, aguardando nervoso, andando de um lado para outro, como se fosse ele o pai da criança.

Passados quase duas horas, Dona Balbina saiu da sala, e veio ao encontro do marido, Sr. Catarino percebeu algo estranho no semblante da esposa, quando se aproximou percebeu que ela chorava. Imediatamente perguntou:

— Aconteceu alguma coisa de errado com nossa filha Balbina?

— Aconteceu sim. Nossa neta filha de Porfíria, é uma criança praticamente negra.

— Como assim? Se os dois pais eram brancos.

Faz-se oportuno esclarecer que Porfíria apesar de ser filha de nordestinos, seus pais, ela, e seus seis irmãos eram todos brancos. O rapaz chamado Basílio, assassinado e jogado dentro de um poço profundo abandonado, de uma velha tapera, era também branco, sem nenhum traço de negro. Armando o professor, era igualmente branco como Basílio. E Porfíria à época disse ao pai que Basílio, um jovem de apenas dezoito anos, que trabalhava como vaqueiro na Fazenda Barro Preto,

a havia estuprado no dia anterior, e estaria se mudando da Fazenda naquele dia, para não responder pelo que fizera.

Sr. Catarino se pôs de tocaia, viu quando ele deixou a sede da Fazenda, levando suas coisas, que consistia basicamente em uma enorme mochila, o espreitou à certa distância, sem que ninguém o vissem, o surpreendeu quando passava por uma trilha, perto de uma tapera abandonada, da própria Fazenda Barro Preto. O dominou, levou até lá, o torturou de todas às formas cruéis imagináveis, para que confessasse seu crime, o rapaz lhe implorou, jurou por tudo que é sagrado, dizendo-se inocente. Sabendo que iria morrer, agonizante de dor, contou-lhe uma história, Sr. Catarino não acreditou, mais nervoso ficou, então deferiu-lhe várias facadas, depois revistou os bolsos de sua calça, subtraiu-lhe o dinheiro que levava, produto de seu trabalho, e de seus direitos, da rescisão de contrato, arrastou seu corpo, e atirou dentro do poço profundo e abandonado. A história que ouviu, achou tão absurda, que nunca disse nada a ninguém, nem mesmo à esposa. Nesse momento que Dona Balbina lhe deu essa notícia, suas vistas se escureceram, como se fosse desmaiar, então reviu Basílio ajoelhado a sua frente, implorando em nome de Deus que não o matasse, que acreditasse naquilo que lhe havia contado, que jamais havia tocado em Porfíria. Dona Balbina percebeu a palidez do marido, o conduziu até

uma cadeira e o fez sentar-se. Sr. Catarino viu tudo escurecer novamente, seu corpo foi tombando lentamente, uma enfermeira que ali estava, veio ajudá-la, e percebeu que estava parcialmente sem sentidos, foi colocado em uma maca e o conduziram para um quarto, duas enfermeiras com ajuda de Dona Balbina o deitaram em uma cama, colocaram uma gaze humedecida em suas narinas, e aos poucos ele foi readquirindo a consciência. Quando recuperou os sentidos, desatou um choro comovido. A esposa que nunca o tinha visto chorando, achou que estava enlouquecendo, ele quis se levantar, mas foi impedido, nisso chegou o médico e lhe aplicou uma injeção no músculo do braço, ele olhou de um modo estranho para esposa, e apagou novamente.

Faz-se necessário explicar como ocorreu a gravidez de Porfíria, por que nem mesmo ela saberia dizer precisamente quem era o pai da criança. Quando apresentamos Porfíria, dissemos que era uma jovem de quinze anos, namoradeira, espevitada, e barraqueira, acrescentaríamos, mentirosa e vingativa. Fazia três anos que toda a família Castanheiro, havia se mudado para Fazenda Barro Preto. Os filhos e os genros de Sr. Catarino, trabalhavam juntos, vieram para plantar uma grande área de roças, mais especificamente lavoura de algodão, nessa Fazenda Barro Preto. Com eles vieram os pais, e a irmã caçula. Quando se mudaram, Porfíria tinha apenas doze anos, aos treze anos começou se en-

volver com rapazes, que trabalhavam como diaristas para agricultores da fazenda, às escondidas dos pais e dos irmãos.

Basílio trabalhava como vaqueiro na Fazenda, conheceu Porfíria, andando pelos caminhos da Fazenda, quando ela ia levar o almoço para o pai na roça, no início gostou dela, até desejou namorá-la sério, mas ouvindo as conversas desses diaristas, ficou sabendo de algumas atitudes dela, que o fez desistir de querer namorá-la, passou observá-la atentamente, descobriu que ela não era realmente, quem pensava ser, se relacionava com qualquer tipo de homem, pelas roças, e pelos matos. Porfíria começou se insinuar para Basílio, que teria dito a ela que não era o tipo de moça que procurava. Ela passou persegui-lo acintosamente, ele passou evitá-la, porque estava muito decepcionado, por ainda gostar dela, e por medo de seu pai, que todos diziam ser muito bravo. Porfíria não desistiu, por quase dois anos obsessivamente o perseguiu, temendo que acontecesse o pior, Basílio resolveu deixar o trabalho, e se mudar da Fazenda, quando ela soube que iria embora, sem conseguir o que queria. Disse aos pais que no dia anterior ele a havia estuprado, que estava indo embora naquele dia para não se casar com ela. Sr. Catarino o flagrou quando estava indo embora da Fazenda a pé, o levou para tapera, o torturou impiedosamente, mas ele não assumiu, e se dizia inocente.

Então revelou ao pai dela que estava indo embora da Fazenda, justamente porque o perseguia, e não queria se envolver com ela. Contou tudo que sabia ao seu respeito. Em vez de convencê-lo, o fez enfurecer ainda mais, então ele o matou, pegou para si todo dinheiro que levava no bolso, atirou seu corpo, e sua mochila, onde se encontrava todas suas coisas, no poço abandonado da tapera, e o fechou novamente com os mesmos troncos de paus.

Chegando em casa disse à esposa e a filha, que Basílio havia se negado confessar, que a estuprara, como começou difamá-la para se defender, ele o matou. Passado um mês quando à colheita de algodão havia terminado, e os diaristas ido embora, apareceu por lá o professor Armando, contando um monte de mentiras, interessado em Porfíria, começou namorá-la e frequentar sua casa, então Porfíria descobriu que estava grávida, sem dizer quem era o pai da criança, contou a sua mãe, e ela ao marido, deduziram que engravidara quando fora estuprada. A instruíram para facilitar às coisas para Armando, que passou dormir em sua casa, nas noites de sábado, durante à noite Porfíria com anuência dos pais, ia até o quarto que ele dormia, que ficava na parte externa da casa, não foi difícil atribuírem a ele a autoria de sua gravidez.

Depois que ouviu a esposa dizer que a criança era negra, compreendeu que Basílio não estava mentindo, e

morreu inocentemente. E só não cometeu mais um crime, porque Armando conseguiu fugir.

Não será difícil descobrir quem é o pai da criança. Uma criança que nasce em meados de setembro, necessariamente deve ter sido concebida, durante o mês de dezembro. Segundo Porfíria ela teria sido estuprada por Basílio pelo menos, dois meses depois, no dia seguinte ele fora assassinado.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 28/01/2024.



A Vida Pacata na Roça

DEITADO EM UMA CAMA DO POSTO de atendimento médico, em seus momentos de lucidez, Sr. Catarino revivia a visagem que tivera, Basílio implorando-lhe em nome de Deus, que não o matasse, que era inocente. Então passou rememorar os acontecimentos da época, lembrou-se que por uns três meses, justamente do mês de outubro ao mês de dezembro, hospedou em um cômodo externo de sua casa, um rapaz negro, que lhe ajudava nos trabalhos da roça, chamava-se Odilon, de repente cismou que desejava ir embora, apesar de insistir para que não fosse, acabou se demitindo, e desapareceu. Se a história que Basílio contou fosse verdadeira, o pai da

criança só poderia ser ele, porque não se lembrava de nenhum outro rapaz tão negro, que tivesse trabalhado naquelas roças.

No dia seguinte Porfíria obtivera alta do médico, e todos foram liberados voltarem para casa. Sr. Catarino alugara um carro na localidade e voltaram. O relacionamento dele com a filha, sempre foi muito próximo, depois que viu a criança, passou ter ódio mortal da filha e da neta. Assim que chegaram em casa, a primeira coisa que deliberou fazer, foi esclarecer à situação. Então foi categórico, sem nada lhe perguntar, foi dizendo: – Porfíria o pai de sua filha era o Odilon, não o Basílio. Como ela não contestou, apesar de não confirmar, entenderam como uma confissão.

Sr. Catarino, por todos aqueles meses que antecederam o nascimento da criança, tentando aliviar a culpa da filha, e encobrir o crime que cometera, afirmava com convicção, para seus conhecidos, que o professor Armando, era o pai da criança, por ter ele, certa semelhança com o vaqueiro, principalmente a cor da pele, como deliberou não assumir a responsabilidade de seu ato, para não morrer, havia abandonado o emprego de professor, e desaparecido. E agora como justificar, o aparecimento daquela criança negra, que de certa forma inocentaria o professor, por ser branco. Dissera à esposa e a filha, que não mostrasse à criança a ninguém, nem comentasse nada sobre o assunto. Te-

riam que se mudar, para um local onde ninguém os conhecessem, não suportaria mais aquela vergonha.

Dona Balbina não disse nada, questionar com o marido, seria perda de tempo. Mas se mudarem naquele momento, como havia dito, não seria assim tão fácil, não tinham dinheiro para nada. Somente caso seus filhos e genros os ajudassem.

Afirmar que Sr. Catarino sentia algum tipo de remorso, por ter feito o que fizera, não ousaríamos, aquele não era seu primeiro crime, ao longo de sua vida, foi à maneira mais prática que encontrou para resolver suas querelas, eliminar o adversário. Como dissemos, se o professor não tivesse abandonado tudo e fugido, não saberíamos o que poderia ter lhe acontecido. Quando Sr. Catarino o procurou na comunidade, por três vezes, sem nenhuma dúvida, fora com o propósito de eliminá-lo também.

Depois de falar com os filhos e genros, e pleitear a ajuda deles para se mudar, levando consigo, à esposa, à filha e a neta, nenhum deles prontificou-se ajudá-lo, não por maldade, ou falta de vontade, mas devido à situação financeira difícil. Sua intenção era retornar a seu Estado de origem, Pernambuco, se mudaria incógnito para uma região onde ninguém os conheciam. O que de certa forma, o decepcionou ao ponto revoltar-se contra todos.

Por esses tempos apareceu na Fazenda Barro Preto, um Senhor que se chamava Sr. Braz, dizia ser pai de

Basílio. Como não mais receberam notícias do filho, viera com o propósito de saber o motivo de seu silêncio. Foi recebido pelo gerente, que se chamava Sr. Roque, o mesmo que levou Sr. Catarino, Dona Balbina e Porfíria ao posto médico para que Porfíria ganhasse à criança. Então ficou sabendo que seu filho Basílio, pediu demissão do emprego no mês de março, recebeu seus haveres, e foi embora. Levou o até o escritório da Fazenda, e lhe mostrou os papéis, onde foram registrados o acerto de contas efetivado, inclusive os recibos assinados por Basílio. Sr. Braz ficou desorientado, sem saber o que pensar, nem fazer. Haviam se passado seis meses, e o filho não voltou pra casa, era no mínimo para se preocupar. Se despediu e foi embora. À visita de Sr. Braz à Fazenda Barro Preto, procurando pelo filho, acabou chegando ao conhecimento de todos os moradores do lugar. Uma razão a mais, para Sr. Catarino empreender a mudança que tanto desejava, mas como dissemos, naquele momento não seria possível.

Por aqueles tempos, no princípio do mês de outubro, na comunidade dos Pedrosas, aconteceria o casamento de Ananias Pedrosa, com Iraci da Silva, a filha mais velha de Sr. Filomeno e Dona Rosália. Desde o princípio um pequeno problema obstava a consumação daquela união. Como todos sabemos Ananias era filho de Sr. Alfredo Pedrosa e Dona Sandra, eram evangélicos, assim como toda família Pedrosa. A família de Sr.

Filomeno Silva, era católicos, durante três anos de namoro, Ananias não conseguiu converter Iraci, a sua religião, “Cristã do Brasil”, então o casamento aconteceu somente no civil. Mas para comemorar o evento, Sr. Alfredo que tinha Sr. Filomeno, e toda sua família em grande consideração, conhecedor de suas dificuldades, organizou as suas expensas, no centro comunitário, uma confraternização singela, onde estavam presentes quase a totalidade da população local.

A professora Lúcia, irmã da noiva, se fazia presente, muito elegante e sorridente, sempre acompanhada por Vivi, a irmã mais nova, e pelos seus alunos, que a acompanhava por onde ia. Nesse curto espaço de tempo, havia conquistado a simpatia, e admiração dos pais das crianças, como de toda população. Desde a paixão repentina que sentiu pelo professor Armando, em seguida a decepção, não mais se interessou por ninguém.

Analizando agora a decisão de Armando em se evadir na época, entendemos que foi uma sábia decisão, os alunos mais ganharam, do que perderam com sua saída, ele também ganhara, salvando seu bem mais precioso, sua própria vida.

Voltando à festa de casamento de Ananias e Iraci, foi realizada no final de uma tarde, de um dia de sábado, do mês de outubro, estava muito animada, com comida e bebida à vontade, para todos os presentes. Não obstante o desejo da maioria, não houve baile, ao

anoitecer estava tudo encerrado, não restando aos convidados pegarem o caminho de volta para suas casas. Certamente agora, Iraci não precisaria mais trabalhar na roça como sempre fizera, exceto na época da colheita, quando as mulheres da família Pedrosa, fechavam suas casas e juntamente com suas crianças, iam ajudar seus maridos na colheita do algodão.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 03/02/2024.



O Perfil da Velha Professora Nova

O TEMPO FOI TRANSCORRENDO em seu passo lento, mas cadenciado, e quando demos conta havia terminado o ano letivo. O resultado do trabalho de Lúcia não poderia ter sido melhor, de seus trinta e oito alunos, somente dois deles não lograram êxito, os demais foram aprovados pela avaliação criteriosa de Lúcia. Os oito alunos do primeiro ano, estavam devidamente alfabetizados, e aptos cursar o segundo ano. Na opinião daqueles pais de alunos e moradores, Lúcia a professorinha agora um pouco mais adulta, e experiente, deveria continuar à frente dos trabalhos na escola.

Assim que estava próximo o início de mais um ano letivo, a comitiva dos funcionários da Secretaria de Educação do Município, estiveram no local, inspecionaram a escola e o alojamento, e foram embora, sem dizer nada a nenhum dos moradores, deixando apenas um cartaz, colado na porta da escola, comunicando à população que as aulas se iniciariam em um dia próximo futuro, mas a verdade, entre eles estava a professora já escolhida, para comandar os alunos naquele ano. Viera para conhecer o lugar, as instalações, e seu novo local de trabalho.

Passado uma semana, parou um carro de aluguel, à frente do alojamento, a nova professora havia chegado, trazendo sua pequena mudança, depois de ajudá-la acomodar suas coisas dentro da casa, o motorista despediu-se e foi embora. Seu nome era Dona Eva, deveria ter trinta e cinco anos, portanto ainda jovem, mas velha se comparada com a idade de Lúcia que contava agora dezessete anos, mas tudo fazia crer, que se tratava de uma profissional bastante experiente. Imediatamente se dispôs, fazer uma boa faxina, alguém passando por lá, percebeu a movimentação, e se deu ao trabalho de ir até a casa de Sr. Filomeno, avisar Lúcia da chegada da nova professora. Lúcia ficou triste e chateada, não pelo fato da chegada da nova professora, mas pela desconsideração, de não ter sido ao menos comunicada, que seria substituída.

Vivi às escondidas da mãe, foi até lá para conhecê-la, e bisbilhotar, acabou ajudando em seus afazeres, mas conseguiu retirar dela algumas informações. Ficou sabendo que se chamava Dona Eva, que já fora casada, não tivera filhos, e havia se separado do marido, há quase dois anos, e que às aulas deveriam começar no dia seguinte, conforme anunciado. Passados duas horas, Vivi chegava em casa, trazendo todas essas informações.

As crianças acostumadas com Lúcia, foram para escola um tanto contrariadas, muitas delas acompanhadas pelos pais. A impressão que os adultos, tiveram da professora à primeira vista, fora positiva, por se tratar de uma senhora experiente, que dissera estar na profissão há vários anos, que escolhera aquele local, por sentir necessidade de isolamento, queria libertar-se da lembrança de acontecimentos indesejáveis, que lhe ocorreram nos últimos tempos.

Questionada se gostaria receber algum tipo de ajuda, lá nos serviços de sua nova casa, dissera que não, que ela mesma prepararia suas refeições, lavaria suas roupas, e cuidaria da casa. Gostaria se fosse possível, que alguém capinasse o quintal da casa, que estava precisando. Sr. Alfredo que se encontrava presente, se prontificou em executar a limpeza do pequeno quintal. E dessa forma se iniciava mais um ano letivo.

Lúcia agora desempregada, conversou com Vivi, e combinaram que passariam ajudar o pai, nos trabalhos da roça, não demoraria muito começaria a colheita do algodão. À princípio Sr. Filomeno ficou mais triste que feliz, com a ideia das filhas, voltar para os trabalhos da roça, pensando melhor reconsiderou, que não seria uma ideia tão ruim, na roça se entretinham trabalhando.

Todos hão de recordar do recente casamento de Ananias com Iraci, que continuaram morando e trabalhando no sítio da família, como fizemos entender, o sítio pertencia ao Sr. Albertino, e lá moravam a família de seus cinco filhos, e agora os netos que começavam constituírem suas famílias. Passados uns dias da solicitação da professora para que limpassem seu quintal, em um sábado pela manhã, Sr. Alfredo pediu ao filho Ananias, que fosse limpar o pequeno quintal do alojamento, como prometera.

Ananias não conhecia Dona Eva, apenas a havia visto de longe, indo para escola, assim que chegou para limpar o quintal, ela pela janela da cozinha, o viu passar, imediatamente o convidou tomar uma xícara de café, displicentemente aceitou o convite, ao cumprimentar a professora, percebeu que ela ainda vestia roupa de dormir, minúscula e transparente, um tanto constrangido, tomou o café rapidamente, e foi trabalhar. Dona Eva entendeu que havia impressionado o

rapaz, da mesma forma que estava vestida, passou lavar suas roupas, no tanque que ficava na pequena área do fundo. Como dissemos, Dona Eva era uma Senhora ainda jovem, e tinha lá seus atributos de mulher bonita. Mesmo sendo Ananias um jovem matuto, evangélico, recém-casado, interpretou a atitude e os modos da professora, como uma provocação explícita, quanto mais a olhava, mais ela se insinuava.

O tempo todo que permaneceu trabalhando, ela não saiu de seu campo de visão, e não se deu ao trabalho de trocar de roupa, quando terminou de capinar o quintal, ela o agradeceu acintosamente, e o convidou entrar, e esperar pelo almoço. Ananias a agradeceu, e disse que teria de ir. Não seria necessário dizer, que Ananias fora para casa todo perturbado, não que ele tenha se apaixonado por ela, mas qualquer um outro teria ficado para almoço. Nessas condições, o homem não age pela razão, permite dominar-se pelos seus instintos animais latentes.

Ao chegar em casa ficou olhando para Iraci sua esposa, a primeira e única namorada de sua vida, bem mais jovem, e bonita que a professora, apesar de gostar dela, reconhecia não possuir o mesmo poder de sedução, sempre muito formal e recatada, que mesmo para dormir usava roupas que cobria todo seu corpo, mesmo sendo seu marido, não se insinuava para ele com aquele apetite carnal explícito. Para amenizar seu estado de

tensão, tentou obter um consolo da esposa, ela nem percebeu suas intenções, e o tratou com a mesma indiferença de sempre. Certamente tudo aquilo era uma armadilha do maligno, tentando levá-lo para o caminho da perdição, como sempre explicava o pastor de sua igreja, nos cultos aos domingos, teria que resistir, senão sucumbiria.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 06/02/2024.



Colhemos Aquilo que Semeamos

O ESTRAGO QUE A INSINUAÇÃO maliciosa da professora, provocara no psiquismo imaturo de Ananias, fora grande, a partir daquele dia, passou ver a esposa com outros olhos, todo desejo e atração que sentia por ela, arrefeceu como por encanto. Poderia estar ficando louco, mas aquela provocação não ficaria sem uma resposta condizente. Não queria pensar no que poderia acontecer, mas não se acovardaria, afinal a iniciativa partira dela. Se recusar àquele desafio era assinar um atestado de incompetência e fraqueza. Por mais que evitava, a imagem sedutora da professora não saía de seu pensamento.

Durante toda aquela semana, não conseguiu esquecer o fatídico acontecimento no sábado, e ficou imaginando como faria para vê-la novamente. No domingo depois do almoço, Iraci o convidou para irem à casa de seus pais, que ficava no sítio vizinho, não muito distante, Ananias pela primeira vez declinou do convite, alegando indisposição, que iria dormir um pouco, depois ao entardecer iria buscá-la. Assim que a esposa se ausentou, saiu esquivando por trás de moitas de capim para não ser visto, e foi até o alojamento.

Chegou ao alojamento pelos fundos, como a porta estava fechada, bateu levemente, não demorou muito Dona Eva abriu a porta, coincidência ou não, vestia o mesmo traje sensual de dormir, Ananias um tanto ave-xado, disse gaguejando: – Posso entrar para conversar um pouco?

— Pode sim, só não repare na bagunça, estava deitada descansando.

Ananias entrou, ela fechou a porta, e o conduziu até a sala, onde havia um sofá bem simples, e uma pequena estante, despida de livros. Ele sentou-se numa poltrona, ela sentou-se na outra que ficava frontalmente, cruzando as pernas de um modo provocante, não mais que um metro a sua frente, como ele não encontrava as palavras para iniciar a conversa, ela o ajudou perguntando:

— O que deu em você para vir até aqui?

— Senti vontade ver você novamente, e conversar um pouco.

— Pelo que estou sabendo, você é casado?

— Isso faz alguma diferença para você?

— Não, mas pode causar problemas a você.

— Não se preocupe comigo, ninguém vai ficar sabendo.

Dona Eva, com sua experiência, demonstrando ter pleno domínio de suas emoções, olhou o nos olhos, e deu um sorriso provocante, então perguntou-lhe sorrindo: – Sobre o que gostaria conversar?

— Gostaria saber se está gostando de morar aqui?

— Estou sim, era um lugar tranquilo como esse, que queria morar e trabalhar.

— Fiquei sabendo que você separou de seu marido?

— É verdade, fazem dois anos. E você é feliz em seu casamento?

— Pra ser sincero, não muito, acho que nos casamos muito jovens, não estávamos preparados para o casamento, principalmente ela.

— Quantos anos vocês têm?

— Eu tenho vinte, ela vai completar dezenove.

— Isso não quer dizer nada, me casei com vinte e oito, meu marido com trinta, e não deu certo. Casamento é como uma loteria, poucos conseguem ser felizes. Ainda bem que não tivemos filhos, caso tivesse tido, as coisas seriam mais difíceis para mim.

E a conversa se prolongou por mais de uma hora, sempre em torno dos assuntos casamento, e separação, em nenhum momento Ananias encontrou coragem para propor algo mais contundente. Por algumas vezes Dona Eva, levantou-se e foi espiar pelo vão da janela, com o objetivo de mostrar seu corpo sedutor, para que ele contemplasse, ela se certificava que lá fora não havia ninguém, e dizia a ele que gozavam de plena privacidade, voltava e se sentava na poltrona, de maneira bem despuorada, e Ananias amarelou literalmente, sua visita frustrou completamente as expectativas da professora, que por uma questão de ética de natureza pessoal, não se oferecera a ele com palavras.

Ananias voltou para casa sentindo-se muito mal consigo mesmo, a professora havia proporcionado todos os meios, e as condições, para que ele transgredisse o limite do razoável, e algo mais forte o deteve, e o impediu de avançar. Definitivamente reconheceu-se incapaz de superar, esse empecilho psicológico que era mais forte que ele.

Quando Iraci percebeu que o marido não viria buscá-la, despediu-se dos pais e das irmãs, e voltou sozinha pra casa, e o encontrou prostrado, deitado na cama, entendeu que realmente o marido não estava nada bem, sugeriu que tomasse um bom banho morno, enquanto ela esquentaria o jantar. Durante o jantar Ananias já refeito, observava a silhueta de menina moça da es-

posa, e algo lhe dizia para que agradecesse a Deus, que com Sua ajuda, havia conseguido vencer a tentação do maligno. E que isso não mais se repetisse, que se arrependeria amargamente.

Faz-se oportuno esclarecer a questão da existência ou não, dessa figura emblemática, que muitas religiões admitem sua existência, a quem chamam satanás, ou maligno. Entendemos por malignos, todos os sentimentos inferiores que estão arraigados em nós, e Deus concedeu-nos o livre arbítrio de utilizá-los ou não. E sabemos que quando fazemos uso desses sentimentos, arcaremos com suas consequências. DEUS, que é todo poder, justiça e bondade, não criaria um ser destinado ao mal eternamente. O Espírito humano poderá transitar nessa condição temporariamente, e sofrerá o ônus de sua desobediência, causada sempre pelo desconhecimento das Leis Divinas, e ao seu tempo compreenderá que o caminho que está trilhando não o levará a lugar algum. Como enfatizamos em nosso prefácio, somente o concurso do tempo, e do conhecimento são capazes de revelar-nos o sentido correto de certas palavras.

Não muito distante daquele lugar, poderíamos dizer, que Sr. Catarino Castanheiro era um exemplo de Espírito equivocado, optara por trilhar pelo caminho do mal. Sua mente entorpecida pelos seus sentimentos inferiores, remoía os crimes que cometera, e lamentava os que deixara de cometer, e sem perceber estava come-

çando sofrer as consequências de seus atos. Sua netinha negra, filha de Porfíria, a quem decidiram chamá-la de Letícia, agora com seis meses de idade, era um dos motivos de sua permanente insatisfação pelo que estava passando. Dissera a esposa e a filha, que seu desejo era atirá-la num poço abandonado que ele conhecia. Dona Balbina o repreendeu energicamente, dizendo que a criança não tinha culpa de ter nascido, e por ser negra, que além de ser um anjo inocente, era sua neta. Porfíria por sua vez, também estava colhendo o que semeou, nesse curto espaço de tempo, estava irreconhecível, perdera seu viço de menina bonita, Letícia dia e noite, sugava seus seios flácidos avidamente, estava sofrida e envelhecida precocemente, a exemplo do pai, também estava infeliz, por odiar a filha.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 07/02/2024.



Há Males que Vêm para o Bem

DEPOIS DE SUA TENTATIVA fracassada, Ananias entendeu que não possuía competência, para implementar qualquer tipo de aventura extraconjugal, fora criado sob regime austero e recatado, muito próprio dos evangélicos, caso perseverasse, devido sua inabilidade, certamente logo seria descoberto, e com certeza comprometeria irremediavelmente seu casamento. Iraci era uma pessoa séria, muito comedida, mas imprevisível, não saberíamos prever, como reagiria diante de uma traição do marido, principalmente pela maneira como se posicionava sobre esse assunto.

Dona Eva por sua vez decepcionou-se com o rapaz, percebeu que não era o tipo, que saberia administrar uma relação sigilosa, sem que ninguém percebesse, preferia se envolver com alguém mais experiente, com capacidade para camuflar um relacionamento, sem levantar suspeitas, que pudesse também obter alguma vantagem financeira. Mas entendeu que naquela comunidade de agricultores, a maioria evangélicos, não existiria ninguém com esse perfil, mas de uma coisa estava certa, viver solitária naquele alojamento, não seria fácil.

Quanto ao seu desempenho como professora, depois de um mês na função, a maioria dos alunos ainda a rejeitavam, e reclamavam com os pais, dizendo que preferiam a professora Lúcia. Não obstante ser uma professora experiente, e ter domínio daquilo que ensinava, tratava aos alunos com certa aspereza, era exigente, e não aliviava para ninguém, bem ao oposto do professor Armando, que permitia tudo. Para os pais dos alunos, esse seu procedimento, era visto mais como uma qualidade, que propriamente defeito.

Como já fizemos entender, o sítio que Sr. Filomeno morava com sua família, pertencia a um Senhor sexagenário que residia numa cidade relativamente distante, seu nome era Sr. Faustino Balestiero, muito raramente vinha visitar o sítio, no máximo uma vez ao ano, e ficava três ou quatro dias, hospedado na casa de

Sr. Filomeno, geralmente para vender alguns bezerros, e algumas vacas como descartes, devido ser sua propriedade relativamente pequena, e comportar um número reduzido de rezes. Sr. Faustino chegara ao sítio, em plena colheita do algodão, quando esse trabalho, à época era totalmente manual, e envolviam praticamente todos os elementos das famílias, as mães fechavam suas casas, e juntamente com os filhos, iam ajudarem seus maridos, ou vizinhos na colheita do algodão.

Sr. Faustino apesar de ser idoso, era um senhor vistoso, bem instruído, e informado, gostava de conversar com as pessoas, chegara justamente no horário que a professora Dona Eva, encerrava seu turno vespertino, então se conheceram, e foram conversando, acompanhados por algumas crianças até o alojamento, prevendo que não encontraria ninguém na casa de Sr. Filomeno, aceitou o convite da professora e ficaram conversando, até quase ao anoitecer, sentados em cadeiras, na área dos fundos. Para quem se sentia solitária, a companhia e a conversa envolvente de Sr. Faustino, além de entreter, agradou a professora, que o convidou para que voltasse uma outra hora, para continuarem a conversa. Se despediram e Sr. Faustino acabou de chegar à casa de Sr. Filomeno.

Fora recepcionado por Sr. Filomeno e sua família, que haviam acabado de chegar da roça, explicou que tinha chegado mais cedo, por ser época de co-

lheita de algodão, imaginou que não encontraria ninguém em casa, como conhecera a professora Dona Eva, assim que chegou, ficaram conversando no alojamento, a conversa foi tão interessante, que quando perceberam quase anoitecia. Dona Rosália que desde o início não gostou nem um pouco, da presença dessa senhora na comunidade, principalmente por ter ocupado o lugar da filha na escola, perguntou-lhe: Qual teria sido sua impressão sobre a professora. Sr. Faustino nem pensou para responder, foi logo falando:

— Gostei muito dela, percebi ser uma pessoa culta, comunicativa, humilde, e muito simpática. Penso que as crianças aqui da comunidade, não poderiam estar melhores mãos.

— Ela lhe contou que já foi casada, que há dois anos se separou do marido?

— Não me disse nada sobre sua vida pessoal, apenas que havia escolhido essa comunidade, por ser isolada, e precisava um pouco de sossego. A propósito fico feliz por saber que já foi casada, e agora está sozinha. Dona Eva é uma senhora jovem, e muito bonita.

Para Dona Rosália foi o suficiente, ouvira mais do que esperava, aquele Sr. Faustino era uma boa biscoita, para encerrar a conversa, disse: — Enquanto o Senhor e o Filomeno conversam, vou terminar de preparar o jantar.

Na cozinha ao lado das filhas Lúcia e Vivi, comentou: – Me pareceu que o velho Faustino se encantou com Dona Eva. Só não espero que nos mande embora do sítio, e venha morar aqui sozinho, para ficar perto dela.

Lúcia que não gostava desse tipo de conversas, disse à mãe: – A Senhora acha que uma mulher como Dona Eva, se interessaria por um velho como Sr. Faustino?

— Você não imagina minha filha, mas esses velhos safados como Sr. Faustino, têm uma lábia, capaz de convencer até uma moça solteira, basta lhe fazer algumas promessas, lhe acenar com algum presente de valor, quando ela perceber já caiu nas garras do abutre.

— Mas Sr. Faustino é casado com Dona Giselda há muitos anos, têm filhos, e netos, sua esposa é uma senhora de idade, assim como ele, mas muito fina e respeitada, não seria capaz de trocar a esposa por uma outra mulher.

— Minha filha, você não sabe o que está falando, se tivesse visto como ele falou de Dona Eva, não estaria pensando assim. Disse ter ficado feliz saber, que ela já foi casada, e agora está sozinha.

— Ele disse isso, mamãe?

— Todo meloso.

Durante o jantar Lúcia ficou olhando discretamente para Sr. Faustino, pensando consigo mesma: “Apesar ser uma pessoa instruída, elegante, falar corretamente, não ser pobre, acho que uma mulher como Dona Eva,

não se interessaria por ele”. Terminado o jantar, Sr. Faustino surpreendeu a todos e disse:

— Sr. Filomeno vou dar um pulinho até o alojamento da professora, não precisam esperar por mim, sei onde fica meu quarto e minha cama, vocês precisam levantar cedo, enquanto eu, gosto de dormir, e levantar mais tarde, boa noite a todos.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 09/02/2024.



Fraqueza da Carne, ou do Espírito

QUANDO SR. FAUSTINO RETORNOU à noite, quero dizer na madrugada, o cachorro que atendia pelo nome pintado, deu o alarme e acordou Sr. Filomeno e Dona Rosália, consultaram o relógio, passava de uma hora da madrugada. Dona Rosália não disse nada ao marido, mas pensou: “Isso aí não vai prestar, acho que falei o que não devia”. Antes das cinco horas da manhã todos se levantaram, para cuidar da vida, menos Sr. Faustino que gostava dormir até mais tarde. Quando se levantou depois das oito horas, tomou seu café, e foi caminhando até o sítio de um vizinho, para lhe vender alguns bezerros desmados, como de costume.

Como dissemos sua propriedade não era muito grande, mas comportava de trinta a quarenta rezes, entre adultas e mais jovens. E uma área destinada ao plantio, onde Sr. Filomeno todos os anos cultivava milho e algodão. Depois de negociar oito bezerros com o vizinho, que se chamava Sr. Domingos, foi até a roça onde Sr. Filomeno com sua família colhia algodão, e comunicou ao funcionário que já havia vendido os bezerros. Como ninguém nada perguntou sobre seu encontro da noite passada, falou constrangido, bem discretamente a Sr. Filomeno, que o considerava mais como amigo, que propriamente empregado: – Eu e Dona Eva, entretemos conversando, quando percebemos já era tarde.

Sr. Filomeno não dissera nada, apenas perguntou-lhe quando pretendia ir embora, Sr. Faustino respondeu: – Tenho alguns assuntos a resolver, talvez fique por aqui uma semana. Mas não se preocupem comigo, podem continuar tocando vossa vida, e vossa colheita normalmente, eu sei me virar sozinho.

Depois do jantar daquela mesma noite, Sr. Faustino comunicou que iria visitar Dona Eva novamente, assim que ele saiu, Dona Rosália desabafou com o marido, mesmo na frente das duas filhas: – Esse velho Faustino não tem vergonha na cara, ir todas as noites na casa dessa mulher, sem se importar que todos fiquem sabendo, e ficar até a madrugada.

Sr. Filomeno comentou: – Ele me disse que tem uns assuntos para resolver, pretende ficar aqui, dessa vez, uma semana.

— E as pessoas dessa comunidade, vão aceitar o descaramento dos dois, todas as noites?

— Isso não é problema nosso Rosália, são adultos, e donos de suas vidas. Penso que os dois são igualmente folgados.

Três noites consecutivas depois do jantar, Sr. Faustino foi visitar Dona Eva, e sempre retornava depois da primeira hora do dia seguinte. O que acontecia lá, e o que tanto conversavam, somente os dois poderiam dizer. Não havia um só morador da comunidade, que não tivesse conhecimento desse fato, digamos, um tanto suspeito. Para surpresa de todos, no quarto dia pela manhã, comunicou ao Sr. Filomeno e família, que estava indo embora naquela manhã. Há quem testemunhou, que quando se foi, passou na escola para se despedir da professora, mas ninguém se dignou chamar a atenção dela. Mas o mulheril da comunidade, não só julgaram, e condenaram sua atitude leviana, como no íntimo também desejaram expulsá-la para longe daquele lugar. Com a partida de Sr. Faustino, os ânimos se arrefeceram, mas a reputação de Dona Eva, tinha sido manchada de forma irreversível. Ananias era o único morador daquele lugar, que fazia juízo perfeito, do que realmente lá acontecia. Mas não disse uma única palavra sobre o assunto.

Passaram apenas dez dias Sr. Faustino retornou. Muito estranhamente, desta vez, chegou pela manhã na casa de Sr. Filomeno. Disse que iria até a casa de Sr. Domingos, o mesmo que havia comprado seus bezerros, mas não revelou o motivo. Depois de duas horas, voltara acompanhado de Sr. Domingos, que estava montado em seu cavalo, e sem dizer nada, reuniu todo gado do pasto, e trouxe ao curral. Chamou Sr. Filomeno e pediu que apartasse três vacas, as que considerava mais mansas e melhores, imediatamente Sr. Filomeno realizou o que pediu. Ouviu o padrão dizer ao vizinho, que aquele restante era o gado que queria lhe vender. Sr. Domingos muito hábil, conferiu o número de rezes, vacas, novilhas, bezerras, e o touro, anotou em uma caderneta, fez alguns cálculos, e disse ao vendedor: – Lhe pago pelas vinte oito cabeças, trinta contos à vista.

Sr. Faustino nem se deu ao trabalho de verificar os animais, nem a quantidade, disse apenas: – O gado é seu, tem quinze dias para retirar de meu pasto.

Conversaram mais um pouco, abriram as porteiras e o gado voltou para o pasto, Sr. Domingos preencheu um cheque e lhe entregou, se despediu, montou seu cavalo e voltou pra casa.

Depois do almoço Sr. Filomeno perguntou-lhe por que havia vendido o restante do gado, respondeu apenas, que estava precisando de dinheiro, isso nunca tinha ocorrido antes.

Descansou um pouco em seu quarto, em sua cama, depois levantou-se despediu de todos, e foi embora. Como da vez anterior, há quem o viu, passando na escola para se despedir de Dona Eva, e ninguém o viu mais depois disso. Sr. Filomeno não era um homem traquejado em negócios de gado, em sua modesta opinião, o gado valeria no mínimo cinquenta contos.

Passado uma semana, Sr. Alfredo e Dona Sandra que moravam próximos ao alojamento, viram à noite, chegar um carro na casa da professora, não demorou meia hora, o carro foi embora. No outro dia pela manhã, Dona Eva não apareceu na escola, as crianças foram até o alojamento, bateram e chamaram, ninguém respondeu. Foram até à casa de Sr. Alfredo, que veio acompanhado de Dona Sandra, abriram a porta, e para surpresa de todos, Dona Eva tinha ido embora, e levado suas coisas.

Não restando uma alternativa ao Sr. Alfredo, ir novamente até a sede do município, na Secretaria de Educação, comunicar o desaparecimento da professora, recém-empossada, à exemplo de Armando, fugira também na calada da noite, sem dizer nada a ninguém. Sr. Altamiro até achei engraçado a coincidência, Sr. Alfredo se eximiu de revelar o que sabia, por que na verdade eram suposições, desconfianças das pessoas. Daí a dois dias nova diligência fora deslocada até a localidade, e lá tomaram conhecimento das razões que provavelmente

tinha sido o pivô de seu desaparecimento, na verdade não existia mais clima para que Dona Eva continuasse na comunidade, estava sendo explicitamente hostilizada pelas mulheres da localidade. Não obstante ninguém ter absoluta certeza, se ela e Sr. Faustino, estariam tendo um caso, tudo conspirava que sim, e o sumiço repentino veio corroborar com as suspeitas.

Como retro mencionamos, à verdade demora um pouco, mas acaba se revelando, carece apenas do concurso do tempo. Compete-nos aguardar a sucessão dos acontecimentos, no devido momento ela aparecerá. E acabará fazendo emergir outros detalhes, que se mantinham submersos.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 09/02/2024.



Nada Acontece por Acaso

E STÁVAMOS NO MÊS DE ABRIL, TODOS hão de se lembrar que Basílio pedira demissão do emprego de vaqueiro da Fazenda Barro Preto, no mês de março, portanto há mais de um ano, desde então não mais entrou em contato com sua família, seu pai Sr. Braz, cansado de esperar pelo filho, entregou o caso à Polícia do Estado. Agora chegava à Fazenda uma diligência com policiais, e investigadores, para esmiuçar o caso, e quem sabe obter uma resposta. No escritório da Fazenda a documentação inerente à rescisão de contrato, fazia crer que de fato ocorrera. O que não conseguiam detectar, para onde, ou qual

rumo teria ido o rapaz, depois que saíra de lá, se não fora visto em lugar algum. Decidiram vasculhar lugares suspeitos na própria área da Fazenda, em busca de alguma pista. Percorreram os córregos, as taperas abandonadas, iluminaram com lanternas potentes as cisternas abandonadas, retiraram amostras de água dessas cisternas e enviaram para análise em laboratórios. Quando chegaram à tapera onde acontecera o crime, assim que retiraram a madeira que tapava o poço, sentiram que exalava um odor muito forte, iluminaram com um farol potente e identificaram um volume sobre a água, um perito usando equipamentos de rapel, desceu até a água, e trouxe com ele a mochila, contendo seus pertences, que de imediato foram reconhecidos por moradores da Fazenda, camisas e calças usadas por Basílio, que muitos se recordavam. Outro perito com equipamento de mergulho desceu até o fundo do poço, e resgatou todos os restos mortais, do que fora o corpo de um homem. Levado para Laboratório da polícia, para perícia científica, descobriu-se que se tratava do vaqueiro desaparecido.

Agora restava descobrir, quem teria praticado o crime, e as razões por que o fizera. De uma coisa a polícia tinha quase certeza, teria sido alguém que o conhecia, e que ali residia. Como se tratava de uma grande Fazenda, ocupada por lavouras e pastagens, lá residiam aproximadamente trinta famílias, como dissemos,

muitas delas de origem nordestinas, e muitos trabalhadores temporários. A notícia de que a polícia havia encontrado o corpo de Basílio, dentro de uma cisterna abandonada, correu como fogo açoitado pelo vento, em capim seco, todos se perguntavam, quem teria executado rapaz tão bom, que não fazia mal a ninguém? Menos Sr. Catarino, Dona Balbina e Porfíria que tinham conhecimento quem teria cometido crime tão bárbaro. E os três teriam que zelar por esse segredo, ou então tudo estaria perdido. A tentativa de se mudarem, tornara-se frustrada por falta de recursos financeiros, a única saída era não permitir que a polícia chegasse até sua casa.

Mas a fama de valente ostentada por Sr. Catarino, misteriosamente fazia seu nome aparecer em primeiro lugar, na lista dos prováveis suspeitos, lembrados pelos seus inúmeros inimigos, moradores ali da Fazenda, que por razões sem muita importância, tinham se desentendido com ele. Mas nenhum motivo de conhecimento público, ligava o suspeito à vítima, isso porque Basílio sempre evitou, qualquer tipo de relação com Porfíria, apesar do assédio dela, fugia incontinentemente, pelas razões que já revelamos. A pequena Letícia estava agora com seis meses, poucas pessoas fora do âmbito da família Castanheiro, tivera tido oportunidade de ver essa criança, mas não havia dúvidas, nem segredos, para todos, o pai da filha de Porfíria era o professor Armando,

isso por que na época fora intensivamente propagado. Dona Balbina era a única pessoa daquela casa, que nutria algum tipo de sentimento, e carinho por aquela criança.

Voltando à comunidade dos Pedrosas, a comitiva dos funcionários da Secretaria Municipal de Educação, foram até à casa de Sr. Filomeno, pedir que Lúcia voltasse ocupar temporariamente o cargo de professora, até se encontrar alguém mais qualificado para o cargo. Antes que Lúcia se pronunciasse, Dona Rosália intercedeu advogando a favor da filha, nesses termos:

— Sr. Altamiro, no ano passado quase nessa mesma época do ano, Lúcia assumiu o comando da escola em caráter experimental, e acabou ficando até o final do ano letivo. E todos avaliaram que ela fizera um bom trabalho. Consentiremos que ela volte, somente na condição, de que fique pelo menos por dois anos no cargo.

Sr. Altamiro pensou e respondeu: – Realmente a professora Lúcia fizera um bom trabalho, está bem, à exemplo do ano anterior, continuaremos acompanhando seu desempenho, e terá todo nosso apoio.

Na avaliação de Lúcia a situação dos alunos de Dona Eva, não diferia muito das dos alunos do professor Armando, principalmente os alunos a serem alfabetizados, fora necessário recomeçar do início, o processo utilizado por Lúcia que havia dado muito cer-

to no ano anterior. Para os pais dos alunos, apesar de Lúcia não possuir formação acadêmica para tal, seus modos simples e carinhosos, conseguia produzir nos alunos excelente resultado, principalmente nos iniciantes. Diríamos que a saída de Dona Eva, proporcionou o retorno da tranquilidade ao ambiente escolar. Sem mencionarmos que seus modos liberais, afrontavam explicitamente, os valores morais da população feminina daquela comunidade. Como dissemos anteriormente, o proceder de um professor, influência mais do que supomos, a formação moral de seus alunos.

Havia passado um mês que Dona Eva tinha desaparecido, quando apareceu na comunidade um dos filhos de Sr. Faustino, o mais velho que se chamava Fabiano, foi diretamente à casa de Sr. Filomeno. À princípio queria saber o que o pai vendera, para poder realizar algumas coisas, que abalaram radicalmente sua relação com a família.

Em sua simplicidade Sr. Filomeno dissera a ele, que seu pai há uns quarenta dias atrás viera até o sítio, vendera apenas oito bezerros desmamados, como sempre fazia todos os anos nessa época, para o vizinho ao lado. E foi embora, daí uma semana voltou, pediu a ele que apartasse apenas três vacas paridas, e vendeu as vinte oito rezes restantes para o mesmo vizinho, alegando que necessitava de dinheiro, recebeu um cheque em pagamento, e se foi novamente. Dona Rosália e Vivi,

acompanhavam a conversa dos dois. Propositadamente, Sr. Filomeno se absteve de falar sobre sua amizade com a professora, Dona Eva.

Fabiano ficou com a cabeça abaixada, pensativo, depois resolveu falar: – Nosso pai fez algo que nunca imaginávamos que fosse capaz, depois de mais de quarenta anos de casado com nossa mãe, arrumou uma amante, com o dinheiro do gado vendido, alugou uma casa, comprou todos os móveis e eletrodomésticos, pegou suas roupas e suas coisas, sem dar nenhuma explicação, foi morar com ela.

Dona Rosália, que ouvia calada, perguntou: – Como se chama essa mulher?

— Se não estou enganado, chama-se Eva.

Então Dona Rosália, com toda sua capacidade e oratória, lhe contou em detalhes o que havia sucedido entre Sr. Faustino e a professora Dona Eva. Essa parte da história eles não conheciam, imaginavam que seu pai havia conhecido essa mulher, lá na cidade onde moravam.

Faz-se oportuno relatar sucintamente a história de Sr. Faustino, que era natural da região, se casou com Dona Giselda também da região, e montaram um pequeno comércio na sede do município, onde nasceriam seus três filhos, Fabiano, Cristina e Nestor. Com muito sacrifício e economia conseguiram comprar o pequeno sítio. Os filhos cresceram, decidiram vender o comércio

e se mudarem para uma cidade maior, onde compraram uma casa para morar, e os filhos pudessem estudar, Sr. Faustino empregou-se em um comércio, e trabalhou por vários anos, até se aposentar há poucos anos. Os três filhos se formaram e se casaram, e são pais de cinco crianças. Vivia em paz com a esposa Dona Giselda, até conhecer a professora Dona Eva. Segundo Fabiano, até então, nunca souberam que seu pai tivesse se envolvido em alguma relação fora do casamento.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 10/02/2024.





Quem Não Deve, Não Teme

DIZER QUE A CULPA É DO MALIGNO, pode-se até dizer, mas é uma justificativa vazia, sem consistência, é atribuir culpa a um ser inexistente, se observarmos bem, tudo que aconteceu fora responsabilidades exclusivas de Sr. Faustino e Dona Eva, sentimentos inferiores, mais fortes que suas resistências, determinaram que deliberassem romper com tudo que aos olhos de muitos, pareciam improváveis e inconvenientes. Então é perfeitamente explicável, que muitas das coisas que nos acontecem, necessariamente passam pelo crivo de nossa razão, somos nós os artífices de nossas desditas, como também de nossas boas ações. Todos hão de concordar, que Sr. Faustino

adquiriu para si, como para toda sua família, um grande problema, que certamente terá sérias consequências. Devemos condená-los por isso? Absolutamente não, eles, somente eles responderão pelos seus atos. Somente o concurso do tempo nos dirá, que o que fizeram fora uma desdita, ou uma boa ação.

Municiado com as informações de que necessitava, Fabiano despediu-se de todos, e retornou para sua cidade. Sua presença lá nesse momento era imprescindível, principalmente para sua mãe, aparentemente a maior vítima dessa história.

Ananias pelo contrário resistiu à tentação, agora analisando friamente o que lhe acontecera, é fácil concluir que Dona Eva, não estava sendo honesta com ela mesma, quando se insinuou para ele, poderia ter agido com a mesma intenção com Sr. Faustino, se assim o fizera, certamente não avaliou racionalmente as consequências de seus atos.

Não diríamos que Dona Rosália, fosse considerada na comunidade uma fofoqueira, mas a visita de Fabiano, jogava luz sobre um fato que até aquele momento, estava indevidamente esclarecido, competia a ela como detentora da verdade, revelar a todos com propriedade, o que de fato havia acontecido. Enquanto da boca de Sr. Filomeno não saiu uma única palavra nesse sentido, Dona Rosália com sua capacidade e oratória, esclareceu a todos com riqueza de detalhes, as razões do despa-

recimento da professora. Denegrindo ainda mais, sua reputação já maculada.

Depois de se inteirarem do acontecido, através de Fabiano, Dona Giselda obteve apoio incondicional, dos três filhos, das duas noras e do genro. Contratou um advogado, e à revelia do marido, deram entrada no pedido de separação. Notificado judicialmente Sr. Faustino, comparecera e dissera que estava de acordo, e disposto negociar qualquer proposta. Dona Giselda e os filhos não foram complacentes, talvez até rigorosos demais, exigiram tudo, que se resumia no sítio, e na casa em que ela morava. Sr. Faustino por mera formalidade consultou a amasia, demonstrando estar apaixonada, concordou incontinenti. O processo consensual fora rápido, e eficiente, em pouco tempo a separação havia se consumado. Passados apenas três meses, as reservas financeiras de Sr. Faustino haviam declinado, e praticamente se esgotado, seu salário de aposentado não era nada extraordinário, era necessário conter os gastos, ou aumentar a renda. Dona Eva propôs voltar trabalhar, Sr. Faustino descartou a menor possibilidade. Delibrou ir até o sítio, vender as três vacas remanescentes, lá chegando fora informado por Sr. Filomeno, que as três vacas foram vendidas por Fabiano, assim que a separação fora homologada, e o pasto do sítio fora todo alugado, por dois anos, para o vizinho, Sr. Domingos. Aproveitando o ensejo, comunicou ao antigo patrão,

que seu vínculo trabalhista fora também rescindido, e seus direitos acertados, que estavam sobrevivendo com esse dinheiro, e o salário da filha professora, ficara cuidando apenas da pequena roça, mas combinado que assim que surgisse uma oportunidade de trabalho, deveriam mudarem-se. Não restando a Sr. Faustino outra opção, voltar para casa desolado.

Ao chegar em casa Dona Eva o dissera que não abriria mão, de levar a vida com aquilo que considerava conforto mínimo, pegaria uma sala para lecionar, quisesse ele ou não, impotente acabou consentindo, ela mesmo foi à campo, em breve espaço de tempo Dona Eva, lecionava como professora primária, em caráter temporário, no período vespertino em uma escola da periferia, para isso ia e voltava todos os dias, em ônibus coletivo, e às vezes chegava em casa ao anoitecer, e isso estava contrariando demasiadamente Sr. Faustino, que começou implicar com ela em tudo, com a hora que saía de casa, com a roupa que usava, com a hora que chegava. Dona Eva simplesmente o ignorava, por desconsiderar aquilo que ele pensava, como sendo ciúme normal de velho.

Lá na Fazenda Barro Preto, a equipe de policiais e investigadores, não desistiram de encontrar o autor, ou os autores, daquilo que consideraram latrocínio, roubo seguido de morte, porque nenhum dinheiro fora encontrado juntamente com as coisas pessoais da vítima,

e nenhum outro motivo fora detectado para justificar o crime, uma vez que descobriram que Basílio não tinha inimigos ali, muito pelo contrário, todos se diziam seus amigos, e desejavam que a polícia esclarecesse o caso. Tanto investigaram, que acabaram ouvindo que a única ameaça de morte ocorrida ali, nos últimos tempo, fora a que Sr. Catarino fizera ao professor Armando, que não quisera assumir a responsabilidade por ter engravidado sua filha, e segundo palavras de Sr. Catarino, só não o eliminou porque fugiu, inclusive abandonara o cargo de professor que exercia na comunidade dos Pedrosas.

Antes de conversarem com Sr. Catarino, o chefe da equipe de policiais, resolveu ir até a comunidade dos Pedrosas, conhecerem essa história mais em detalhes, não só certificaram do ocorrido, como acabaram ouvindo de Sr. Alfredo, que quando ocorreu o desaparecimento do professor Armando, um senhor desconhecido estivera ali, por três vezes procurando por ele. Depois disso nunca mais apareceu. De posse dessas informações, o chefe dos policiais deliberou ir pessoalmente falar com Sr. Catarino em sua casa.

Quando o carro de polícia chegou em frente à casa, Sr. Catarino orientou a esposa e a filha que ficassem no quarto dos fundos, ele conversaria com o policial, e resolveria o problema, sem levantar suspeitas. O policial que se chamava Cabo Lúcio, acompanhado do investigador Sr. Ari, foram cordialmente recebidos por Sr.

Catarino, que os cumprimentaram, pegando em suas mãos, depois os convidaram para entrar e sentarem. Assim que se sentaram em cadeiras na sala, Sr. Catarino demonstrando tranquilidade, perguntou ao policial o motivo da visita.

Cabo Lúcio, com muito jeito dissera: – Como o Senhor deve estar sabendo, recentemente encontramos o corpo de um homem, em uma cisterna aqui nessa Fazenda, após rigorosa perícia, constatamos que fora vítima de assassinato.

— Pois é estou sabendo, que se tratava do vaqueiro desaparecido, o tal Basílio.

— Exatamente. O Senhor o conhecia?

— Posso dizer que sim, o vi algumas vezes, montado em um cavalo, com seus companheiros, andando pelos pastos da Fazenda.

— Mas o que nos trouxe aqui, fora outro motivo, ouvimos dizer que o Senhor ameaçou o professor Armando de morte, e ele com medo morrer fugiu, abandonando seu posto de professor, na escola da comunidade dos Pedrosas?

— Isso é verdade, o que um pai não é capaz fazer, para defender a honra de sua filha, principalmente quando ela tem apenas quinze anos?

— O Senhor queria matá-lo mesmo?

— Não sei o que os Senhores ouviram dizer, sobre minha pessoa, mas eu não sou capaz de matar ninguém,

foi a maneira que encontrei para pressioná-lo, assumir sua responsabilidade, na hora achei que tinha dado certo, porque o bandido me dissera que assumiria, então ele se foi, e nunca mais voltou.

— O Senhor não o procurou para matá-lo?

— Isso não, nossa conversa foi aqui em casa, como não voltou, como prometeu, entendi que não seria um bom marido para nossa filha.

— Então o Senhor não foi atrás dele, para matá-lo?

— Como disse. Não sou capaz de matar ninguém.

— O Senhor possui alguma arma de fogo?

— Só possuo essa peixeira, para cascar laranjas, comer um mamão, uma melancia pelas roças, costumei carregá-la comigo, como fizesse parte de mim.

— Posso vê-la melhor?

Sr. Catarino a retirou da cintura, e entregou ao policial. Cabo Lúcio a analisou, depois disse: – Poderíamos levá-la para ser periciada?

— Poderia sim.

— Obrigado Sr. Catarino, mas não será necessário. Foi um prazer conhecê-lo, e poder conversar com o Senhor.

— O prazer foi todo meu conhecê-los.

Os dois policiais se levantaram, o cumprimentaram se despedindo, assim que entraram no carro, Cabo Lúcio disse ao detetive, alguém está mentindo.

— Não entendi, quem estaria mentindo?

— O Sr. Alfredo Pedrosa, ou o Sr. Catarino. Ou não teria sido Sr. Catarino, que foi até a comunidade procurar pelo professor?

— É só fazer uma acareação.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 11/02/2024.



Nada Como um Dia, após o Outro

NÃO OBSTANTE DEIXARMOS DE revelar, que enquanto Cabo Lúcio entrevistava Sr. Catarino, o detetive Ari, registrava o diálogo em uma planilha, presa a uma prancheta, chegando ao local onde os demais membros da equipe se encontravam, fizeram uma mesa redonda, para analisarem, e discutirem o teor das perguntas e das respostas, e por duas vezes Sr. Catarino, dissera não ter procurado pelo professor, contrariando o que dissera Sr. Alfredo.

Então deliberaram voltar à comunidade dos Pedrosas, para certificarem se alguma outra pessoa teria visto Sr. Catarino, na comunidade procurando pelo profes-

sor. Sr. Alfredo confirmou que o Senhor desconhecido, estivera na escola conversando com a professora Lúcia. Foram até a escola, e Lúcia não só confirmou, que estivera lá procurando pelo professor Armando, como descreveu sua fisionomia, que correspondia perfeitamente com a dele, e acrescentara um detalhe novo importante, o burro branco, já um tanto velho, em que viera montado.

No mesmo dia Cabo Lúcio e o detetive Sr. Ari, voltaram aonde Sr. Catarino morava, deixaram o carro distante da casa, e escondidos na vegetação mais densa, se aproximaram, e viram o burro branco, já bastante velho, pastando próximo à casa. Concluíram que Sr. Catarino faltou com a verdade, quando por duas vezes, fora lhe perguntado, se havia procurado pelo professor Armando na comunidade. Que motivos ele teria para mentir?

Se existia uma pessoa suspeita, no rol dos moradores daquela Fazenda. Sr. Catarino merecia ocupar o primeiro lugar na lista dos suspeitos. Seus modos mansos e calculados de encarar os fatos, e a facilidade como mentia, denotava ser uma pessoa fria, que conseguia fazer se passar por alguém, que certamente não o era. Sem prejuízo de continuar as investigações, o setor burocrático da polícia, empreenderia investigação sigilosa da vida passada de Sr. Catarino Castanheiro, pelos lugares onde havia morado nos últimos anos. Porque

muitos naquele lugar não confiavam nele, e o tinham como a pessoa mais perigosa daquele lugar, não que tivesse cometido algo de conhecimento público, mas pelo fato de comentar suas bravatas, que não levava desaforos para casa, nem admitia ser humilhado, por quem quer que seja, que numa briga com peixeira não temia ninguém. Como diz o adágio: “Quem fala demais, dá bom dia ao cavalo”.

Na opinião de Sr. Catarino, sua declaração firme e consistente, havia convencido Cabo Lúcio e o detetive Sr. Ari, que ele nada tinha com a morte do vaqueiro Basílio, se o motivo que os levaram até sua casa, fora o fato das ameaças que fizera ao professor, mas não passaram de simples ameaças, que não chegaram acontecer. Mas de uma coisa estava ciente, assim que conseguisse juntar algum dinheiro, pretendia mudar-se com a esposa, a filha, e a neta daquele lugar. Os filhos e os genros que ficassem ali, ou fossem para onde desejassem.

E o tempo passaria célere, Lúcia a professorinha, a exemplo do ano anterior se esforçara o máximo, e conseguira excelente resultado com seus alunos, não houve uma só reprovação, e os pequenos da primeira série, aptos cursarem a segunda série no próximo ano. Por esses tempos, antes do Natal, aparecera por lá, os dois filhos de Sr. Faustino, Fabiano e Nestor, vieram de carro próprio, foram até à casa de Sr. Filomeno e Dona Rosália, tratar de um assunto importante.

Fabiano o filho mais velho, explicou ao Sr. Filomeno e a Dona Rosália, que eles, os filhos, e a mãe Giselda, estiveram pensando, e acabaram decidindo que venderiam o pequeno sítio. Pelos motivos de morarem muito distante, como não dispunham de dinheiro, para comprar gado, os rendimentos do aluguel dos pastos, serem insignificantes, que assim que efetivassem a colheita do algodão e do milho, de sua pequena roça, deveriam se mudar. Encarregariam uma pessoa habilitada para intermediar a negociação do sítio, e voltariam somente para receber o pagamento, e efetivar a transferência do imóvel.

Dona Rosália perguntou sobre a saúde do pai, e como estava indo seu casamento com Dona Eva. Fabiano dissera, que depois que o pai separou da mãe, todos da família cortaram as relações com ele. E não saberia dizer nada sobre sua saúde, e seu casamento, mas certamente deveria estar bem.

Antes que os dois fossem embora, Sr. Filomeno perguntou-lhes: – Caso eu descubra algum vizinho, ou uma pessoa conhecida, que interesse comprar o sítio, poderia intermediar a negociação, nada lhes cobraria por esse serviço, porque somos muito gratos a vocês.

— Se é assim pode. O preço do sítio é tanto, e o pagamento à vista, caso encontre um interessado, que aceite nossas condições, é só ligar no telefone de nossa mãe, então voltaremos para consumir o negócio.

Despediram e se foram. Assim que saíram, Sr. Filomeno foi até a casa do vizinho, Sr. Domingos, e lhe comunicou que Dona Giselda e os filhos, tinham decidido vender o sítio, passou-lhe o valor e as condições. Sr. Domingos dissera, que o sítio lhe interessava, por ficar anexo ao seu, iria fazer um levantamento de seus haveres, e do gado que poderia ser vendido, caso conseguisse reunir o montante necessário, pediria para avisá-los, se o negócio se concretizasse, lhe daria uma boa recompensa. Sr. Filomeno o agradeceu, e voltou para sua casa.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 13/02/2024.





Lúcia continua Professora...

COMPETE-NOS INFORMAR SOBRE a saúde, e a atual situação do relacionamento conjugal de Sr. Faustino, com Dona Eva. Diríamos que sua saúde não estava nada bem, justamente porque seu casamento estivera muito próximo de se romper definitivamente. Dona Eva depois que começou lecionar numa escola da periferia, como já informamos, não deixou mais de trabalhar. Sr. Faustino que passara implicar sistematicamente com a esposa, por qualquer motivo, fizera às coisas piorarem, principalmente depois que ela passou aceitar caronas de colegas de trabalho, para voltar pra casa. Às vezes vinha no carro de alguma colega, mas acontecia de vir também sozinha no carro de algum colega professor. Até quando Sr. Faustino a surpreendeu saindo

de um carro, próximo a sua casa, dirigido por um Senhor, que ele não conhecia, a interceptou antes que entrasse pelo portão, e começou maltratá-la com palavras ofensivas, em plena calçada da rua. Dona Eva conseguiu entrar, ignorando os maus-tratos do marido, foi direto para seu quarto, pegou uma mala, começou colocar dentro todas suas roupas, Sr. Faustino ao aproximar-se, perguntou-lhe o que estava fazendo: Ela lhe dissera:

— Estou indo embora dessa casa, não me casei com um velho, para ser desrespeitada como esposa, e como pessoa. Você é meu marido, e não meu pai, para reprovar minhas atitudes, como se não soubesse de minhas responsabilidades, aquele Senhor que me trouxe é um professor da escola, em que trabalho, amanhã vá até lá, para que eu lhe o apresente. Não me casei para ser insultada e humilhada, sei me virar muito bem sozinha. Seu ciúme é ridículo e absurdo.

Não lhe restando uma alternativa, a não ser, implorar que o perdoasse, e colocasse de volta no armário suas roupas. Justificando que fizera mal juízo dela, no momento perdera completamente a cabeça. Prometendo que aquela cena não mais se repetiria, que a amava loucamente, e acreditava nela.

Como dissemos Sr. Faustino tinha mais de sessenta anos de idade, esse episódio mexera com suas emoções, e seus nervos, alterando sua pressão arterial, forçando o procurar um cardiologista, que exigiu que fizesse alguns

exames pertinentes. A partir de então, passou fazer uso contínuo de alguns medicamentos. Mas para seu ciúme doentio, em toda farmacopeia, não existia disponível, nenhuma droga ou bebida que pudesse curá-lo. Ele era obrigado aceitar a situação, porque ao contrário, sabia que a perderia, porque sentiu que ela não importaria nenhum pouco, deixá-lo sozinho, e sair pela vida. O que se passava na cabeça de Dona Eva, de fato, seria algo que não arriscaríamos prescrever, por que desde o início ela demonstrou-se liberal e imprevisível.

Outro detalhe que continuava preocupando Sr. Faustino, sua renda mensal era insuficiente para cobrir todas suas despesas, Dona Eva não era o tipo de esposa que economizava, e quando queria algo, comprava sem dar-lhe satisfação, havia contraído alguns pequenos empréstimos, com amigos, sem o conhecimento dela. Que mais cedo ou mais tarde, com certeza descobriria.

Resumindo, nesses últimos oito meses, a situação de Sr. Faustino, a cada dia tornava-se mais complicada, sem perspectiva de solução. Da mesma forma que seus filhos cortaram relações com ele, também se afastara deles, e da ex-esposa, como se nunca os tivessem conhecidos antes, vivia exclusivamente para a concubina, por que de fato, até então eram somente amasiados.

Passados os dias de Natal, e ano novo, Sr. Domingos havia feito todos os cálculos, se reunisse todas suas economias, vendesse parte expressiva de seu rebanho de

gado, pagaria o montante exigido, conforme estipulara os irmãos Balestiero. Fora até à casa de Sr. Filomeno, e o instruiu, na presença de Dona Rosália, e das filhas Lúcia e Vivi, que ligassem a Dona Giselda, e dissessem que haviam encontrado o comprador para seu sítio, que viessem formalizar o contrato de compra e venda, que somente depois de assinarem o compromisso, o comprador venderia o gado, para completar o valor, para isso necessitava de mais dez dias, para saldar a aquisição, e receber a documentação.

Prevendo que o pai teria dificuldades para explicar tudo a Dona Giselda, no dia seguinte Lúcia fora com o ele até um posto telefônico, e explicou conforme fora orientada pelo Sr. Domingos, sem revelar o nome do comprador, como procederia o trâmite da negociação, para segurança de ambas as partes, que viessem assim que fosse possível, que estariam esperando.

Dois dias depois chegavam à casa de Sr. Filomeno, um carro, trazendo os irmãos Fabiano e Nestor, acompanhados do cunhado, que se chamava Claudio, marido de Cristina, que até então, nunca havia aparecido por lá, estavam munidos com uma procuração de Dona Giselda. Ficaram surpresos quando souberam que o comprador era o vizinho Sr. Domingos, de quem o pai sempre falava, por serem muito amigos. Imediatamente Vivi foi chamá-lo, em sua casa. Assim que chegou, se cumprimentarem, e conversarem alguns

detalhes, depois os quatro foram até uma cidadezinha próxima, onde havia um escritório contábil, mandaram redigir um contrato de compra e venda de imóvel, com todas as cláusulas, dos direitos e das obrigações de cada uma das partes. Ao voltarem, foram diretamente para casa de Sr. Domingos, que os convidaram para lá almoçarem. Ficando combinado que no prazo, de no máximo dez dias retornariam para concluírem a negociação, disseram que nessa oportunidade, Dona Giselda prometera também vir, queria visitar o sítio e a família de Sr. Filomeno, talvez pela última vez.

Assim que Sr. Domingos, conseguiu reunir no Banco, todo dinheiro necessário, pediu ao Sr. Filomeno, que ligasse para Dona Giselda, que poderiam vir para realização do acerto. A pedido do pai, Lúcia acompanhada de Vivi, foram até o posto telefônico, e ligaram para casa de Dona Giselda. No dia seguinte, Sr. Domingos foi até a sede do município esperá-los, no horário combinado se encontraram no Cartório de Registros de Imóveis, e concluíram a transação. Nessa oportunidade, viera apenas o filho mais velho Fabiano, e sua mãe Dona Giselda, munidos de algumas procurações, que depois de realizarem o necessário, sem nenhum problema, vieram até a casa de Sr. Filomeno.

Dona Giselda apesar de seus sessenta anos, estava muito bem de saúde, com muito boa aparência, e perfeitamente lucida. Foram muito bem recebidos por Sr.

Filomeno, Dona Rosália, e as duas filhas. Dona Giselda conversou bastante, recordando dos tempos que moravam no município, quando vinham passear no sítio, ela o marido e os três filhos, ainda pequenos. Dissera que fora à época mais feliz de suas vidas. Dona Rosália contou a ela, com riqueza de detalhes, como havia acontecido o fatídico encontro de Sr. Faustino com Dona Eva, e que tudo se dera muito rapidamente. Dona Giselda dissera, que essa era uma página virada, que queria esquecer, desejava que os dois fossem felizes, lá onde estavam, mas não queria mais vê-lo. Quando se despediram para irem embora, Dona Giselda dera um cheque ao Sr. Filomeno, à título de gratificação, pela sua participação na intermediação do negócio, à princípio ele não queria aceitar, mas ela e o filho insistiram, e acabaram o convencendo, deixando a todos muito agradecidos e comovidos.

Daí alguns dias Sr. Domingos fora até sua casa, e dissera que poderiam continuar morando na casa pelo tempo que desejassem, e continuar cultivando sua roça normalmente. Sr. Domingos possuía ainda três filhos em idade escolar, e não desejava que Lúcia deixasse a escola, por considerá-la excelente professora. Devolvendo assim à família de Sr. Filomeno, a tranquilidade de que necessitavam.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 14/02/2024.



Quem Poderia Explicar?

ANTES DO DIA PREVISTO PARA iniciar as aulas, Sr. Altamiro acompanhado apenas do motorista. Esteve na casa de Sr. Filomeno, conversando com Lúcia, determinou o dia do início das aulas, e lhe entregou um planejamento, e um calendário escolar, elaborados pela Secretaria de Educação, para servirem como roteiros a serem seguidos pelos professores, para que todas as escolas trabalhassem os mesmos conteúdos, e os trabalhos ficassem mais uniformes, facilitando assim a vida dos professores, e dos alunos, quando transferidos de uma escola para outra, como sempre acontecia. Lúcia agora com quase dezoito anos, ficara mais adulta e confiante

naquilo que gostava de fazer, que era ensinar tudo que sabia, nesses períodos de férias, ficava impaciente, como se lhe faltasse alguma coisa, a escola e os alunos, significavam muito para ela, tinham o poder de ocupá-la, e fazê-la feliz.

Faz-se oportuno depois de quase dois anos, reportarmos ao professor Armando, aquele jovem um tanto irresponsável e inconsequente, que aportara àquela comunidade, para exercer o cargo de professor naquela escola. Depois saíra praticamente como um fugitivo, para não assumir as consequências de seus atos desvairados. Desde que fora para Capital, não escrevera uma só carta para seus pais, muito próprio de sua índole de filho sem consideração. Não obstante os pais se preocuparem com o que poderia ter-lhe acontecido, nada poderiam fazer, porque nem sabiam para onde ele teria ido, se estava vivo ou não. Quando chegou à Capital, em vez de procurar por um trabalho honesto e decente, se juntou a um grupo de usuários e traficantes de drogas, que logo fora pego pela polícia, estivera preso em uma penitenciária para jovens infratores, durante um longo ano, sofrera todos os horrores do cárcere, por mais de uma vez, escapou de ser assassinado por outros detentos, devido seus modos atrevidos e petulantes.

Há mais de seis meses fora posto em liberdade, decidira mudar radicalmente sua vida. Agora com vinte anos de idade, arrumara um trabalho, abandonou

alguns vícios, desde então, escrevera algumas cartas aos pais, mandando notícias, sem revelar o que de fato lhe acontecera para abandonar a escola, nem o período que estivera preso. Falando apenas das boas coisas presentes, prometendo voltar para visitá-los, assim que surgisse uma oportunidade. Uma coisa ele não havia se esquecido, e de certa forma o incomodava, a possibilidade da existência de um filho, ou uma filha, abandonado, em um momento conturbado de sua vida. Caso um dia voltasse, gostaria de procurar por essa criança, para saber se realmente existia ou não.

Aconteceu que no mês de abril daquele ano, surgira a oportunidade que esperava, poderia ficar ausente do trabalho por uma semana, pegou um ônibus e voltou à cidade onde moravam seus pais, e seus irmãos, para revê-los. Sua aparência estava bem mudada, mais adulto, mais comportado. Não seria necessário dizer a satisfação gratificante, que sentiram Sr. Eugênio e Dona Celina, em rever o filho que no passado foram tão problemáticos, e agora reaparecia completamente mudado. Fora muito bem recebido, abraçado por todos, principalmente quando entregou a cada um deles, um presentinho simples que trouxera, um sinalizador de que pretendia redimir-se perante os seus, de um passado um tanto complicado.

Não sabemos dizer exatamente com que intenção, resolveu fazer uma visita a Secretaria de Educação, tal-

vez para obter notícias da escola da comunidade rural, que trabalhara aqueles poucos meses. Chegando à Secretaria, reconheceu e se lembrou de Sr. Altamiro, o mesmo que o havia levado para conhecer a escola, foi até sua mesa, e perguntou-lhe:

— Está lembrado de mim?

Sr. Altamiro lhe olhou atentamente, de baixo a acima, e disse: – Você é o professor que abandonou a escola da comunidade dos Pedrosas.

— Exatamente, sou o Armando Felício Pereira.

Sr. Altamiro levantou-se, aproximou-se dele, e o abraçou, depois perguntou: – Onde esteve esse tempo todo meu rapaz, sempre que encontro seu pai, Sr. Eugênio pedreiro, pergunto por você, sem obter dele nenhuma notícia sua?

— Estou morando e trabalhando na Capital.

— Por favor sente-se, vamos conversar um pouco. Conta-me por que desapareceu daquele jeito, sem dizer nada a ninguém?

— Na época me envolvi com a filha de um nordestino muito bravo, que prometeu me matar, então fugi para não morrer.

— Agora estou me lembrando, foi exatamente o que ouvi dizer na época, talvez tenha sido a forma que encontrou para pressioná-lo, e você tenha se precipitado.

— Pelo sim e pelo não, achei melhor desaparecer. Fala-me sobre aquela escola e aquela gente.

— Quando foi embora, quem o substituiu naquele restante do ano, fora uma mocinha lá mesmo da comunidade, Lúcia, filha de Sr. Filomeno da Silva. No ano seguinte mandamos uma professora para lá, não demorou muito, arrumou um namorado que morava longe, desapareceu também, desde então confiamos a escola a essa moça, Lúcia da Silva, revelou-nos ser uma boa professora, e todos gostam muito dela, tanto os alunos, como seus pais. Como aumentaram os alunos, criamos outro turno, começara ensinando as duas primeiras séries pela manhã, e as outras duas à tarde. Estamos muito satisfeitos com seu trabalho, apesar do pouco estudo, é extremamente dedicada e esforçada. A propósito essa semana devemos ir até lá, fazemos uma visita de rotina, se quiser poderá ir conosco, para rever o lugar, e conhecer a professora.

— Para ser sincero não me lembro dessa Lúcia, mas que dia pretendem ir?

— Deixe-me informar.

Sr. Altamiro levantou-se foi até uma outra sala, rapidamente voltou e disse: – Sairemos aqui do prédio da Secretaria, amanhã, as sete horas da manhã, vou apenas com o motorista do carro, na volta passaremos em algumas outras escolas, antes do anoitecer estaremos de volta.

— Vou pensar, se resolver ir, estarei aqui pela manhã.

— Combinado, vamos esperá-lo.

Chegando em casa Armando deitou um pouco em uma cama, até que o almoço ficasse pronto. De repente surgiu-lhe uma ideia, poderia aproveitar e ir até à Fazenda onde morava Sr. Catarino, e investigar discretamente, o que teria sucedido com o filho de Porfíria, que dizia ser ele o pai, se essa criança existia ou não, tanto pensou, que acabou decidindo, iria até a comunidade dos Pedrosas com Sr. Altamiro, ficaria por lá, e daria um jeito de se aproximar da casa em que Sr. Catarino morava, para descobrir qualquer coisa, depois daria um jeito de retornar, pretendia voltar para Capital, somente no domingo à noite, teria tempo suficiente para fazer essa aventura.

Durante o almoço dissera aos pais que no dia seguinte, levantaria cedo para fazer um passeio, não saberia dizer se voltaria para dormir, talvez se ausentaria por mais tempo, mas não dissera aonde iria, nem com quem, isso era bem ao estilo dele, sempre fora assim, misterioso, por isso não o questionaram.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 14/02/2024.



Quem é vivo sempre aparece!

NO OUTRO DIA ARMANDO levantou-se bem cedo, antes que os demais se levantassem, se arrumou, levando consigo uma mochila, com algumas roupas, e pertences de uso pessoal, saiu deixando a porta dos fundos apenas encostada. Chegou ao prédio da Secretaria antes que o motorista, e o Sr. Altamiro, sentou-se em uma mureta, e ficou aguardando. Logo os dois chegaram, o cumprimentaram, o motorista que se chamava Sr. Pimenta, retirou o carro da garagem do prédio, quando saíram não eram ainda sete horas, durante a viagem foram conversando, pelos assuntos, e como Armando expressava suas opiniões, era perceptível, que não era mais aquele

rapaz estouvado de antes, sua conversa era séria e coerente, não usava suas brincadeiras chatas de quando o conheceu, havia parado com o cigarro.

Sr. Altamiro pensou consigo mesmo: “Talvez hoje Armando seria um professor mais responsável, está mais adulto”. Chegaram à escola exatamente dez horas da manhã, bem no horário do intervalo, assim que ouviu o carro chegar, Lúcia saiu da sala, usava um vestido longo florido, muito bonito e alegre, seus cabelos presos com capricho, seu rosto um pouco corado pelo sol. Ficou olhando aquele rapaz saindo do carro, teve a impressão de que o conhecia, quando se aproximaram Lúcia o reconheceu, e o sorriu timidamente, Sr. Altamiro a cumprimentou, e perguntou-lhe: – Conhece esse rapaz?

— Conheço sim, é o professor Armando.

Armando lhe estendeu a mão para cumprimentá-la, e lembrou-se dela, disse: – Você é a irmã mais velha da Vivi, a que gostava ser chamada pelo nome.

— Isso mesmo, você se lembrou desse detalhe, acho que nos falamos apenas aquela vez.

Sr. Altamiro a tranquilizou dizendo: – Não precisa se preocupar, Armando está apenas a passeio, sentiu saudades daqueles tempos, veio para rever a escola, e os amigos. Com licença, vou buscar umas coisas, que deixei no carro.

Assim que ele saiu, Armando perguntou a Lúcia: – E Vivi ficou uma moça bonita como você?

— Vivi está agora com dezesseis anos, uma mocinha muito bonita. Você se lembra dela?

— Dela me lembro muito bem, ia todos os dias no alojamento levar-me a marmita do almoço e da janta, quanto a você, apesar de termos falado só uma vez, como você disse, nunca me esqueci.

— Onde você está morando agora?

— Estou morando na Capital, consegui um ótimo trabalho, nesse curto período que estou lá, consegui comprar um bom apartamento, vim para visitar meus pais, e resolvi aproveitar a carona de Sr. Altamiro, e chegar até aqui, para rever vocês.

— Você ficou um pouco diferente, mais adulto, e mais sério.

— Eu mudei bastante. Acho que para melhor.

— Isso é muito bom. Eu continuo a mesma, só um pouco mais velha.

— Pelo contrário, você está mais bonita, mais desinibida, fiquei sabendo que é uma ótima professora, e todos gostam muito de você.

— Se não fosse a escola e essas crianças, minha vida seria bem sem graça.

— Enquanto estava vindo no carro, fiquei pensando, se fosse possível ficar lá no alojamento, ficaria uns dois dias, para visitar todo mundo que conheci, inclusive trouxe roupas.

— Acho que pode sim, o alojamento fica o tempo todo trancado, é só pegar as chaves com Sr. Alfredo,

ninguém vai se importar, e todos vão gostar de revê-lo, e conversar com você.

Nesse momento Sr. Altamiro chegou trazendo alguns papéis e livros, Armando disse-lhe: – Enquanto o Senhor fica fazendo seu trabalho, vou dar um pulo na casa de Sr. Alfredo Pedrosa.

Deixou os dois na porta da escola, e saiu em direção à casa de Sr. Alfredo, que era a casa mais próxima da escola e do alojamento.

Armando chegou à casa de Sr. Alfredo, o encontrou sentado numa cadeira no alpendre, na frente da casa, esperando pelo almoço, de longe se reconheceram, se levantou e foi ao seu encontro, o abraçou e disse: – Quem é vivo sempre aparece. Não esperava vê-lo nunca mais. Como veio parar aqui novamente?

— Pois é, vim com Sr. Altamiro, rever os amigos.

— Rapaz, isso é muito bom, só peço que não vá mais, pelos lados da Fazenda Barro Preto, lá você ainda corre perigo.

— Ainda estão querendo me matar, por lá?

— Acho que sim.

— Então não vou.

Dona Sandra ouviu aquelas conversas, e as risadas, saiu ao terreiro, e reconheceu o professor, que apesar de tudo, sempre foram muito simpáticos, e todos gostavam dele, como pessoa, ele não se pode

dizer, como professor. Foi até onde estavam e o abraçou, depois disse: — Onde se escondeu esse tempo todo rapaz?

— Estava aí, por esses matos escondido.

— Você ainda não almoçou, vou voltar para cozinha terminar de prepara o almoço, você almoça com a gente?

— Não precisam incomodarem, estou com Sr. Altamiro, e o Sr. Pimenta. A propósito queria saber do Senhor, se eu poderia ficar por uns dois dias, no alojamento, gostaria de rever e conversar, com todas as pessoas que aqui conheci, não sei por que, mas penso que faria muito bem para mim, gostei muito dessa gente.

— O alojamento desde que Dona Eva, uma professora que esteve por aqui, e logo se foi, permaneceu fechado, deve estar um pouco sujo, e empoeirado, mas poderá ocupá-lo pelo tempo que desejar. As pessoas daqui vão gostar de revê-lo, depois gostaria de lhe contar, umas coisas que andaram acontecendo por aqui, que você vai gostar de saber. Vou lhe entregar as chaves, depois volte para almoçar, e conversaremos.

Sr. Alfredo entrou em sua casa, voltou trazendo as chaves, lhe entregou, e disse: — Sandra disse que no máximo, em meia hora, o almoço estará pronto.

— Obrigado por tudo Sr. Alfredo.

Armando voltou à escola, encontrou Sr. Altamiro arrumando suas coisas, tinha realizado tudo que preten-

dia, aquelas visitas às escolas, eram praticamente para cumprir um compromisso assumido, muito pouco, ou quase nada interferia no trabalho dos professores.

Esperou Sr. Altamiro se despedir de Lúcia e dos alunos, que a partir do início daquele ano letivo, inverteu as turmas, os de terceira e quarta série, passaram estudar de manhã, e os pequenos no período da tarde, uma reivindicação das mães. Assim que saiu da sala disse-lhe: – Sr. Altamiro, decidi ficar aqui por mais um ou dois dias, depois encontrarei uma maneira de voltar pra casa.

— Se é isso que quer, pode ficar, mas não se meta em encrencas, por favor.

— Pode deixar, quando voltar, passo lá na Secretaria para me despedir do Senhor, e obrigado por tudo.

Acompanhou Sr. Altamiro até o carro, se despediu dele e de Sr. Pimenta, assim que o carro se foi, voltou até a porta da escola, balançou as chaves do alojamento para Lúcia ver, deu um sorriso, ela retribuiu com um lindo sorriso tímido. Então saiu em direção ao alojamento, na verdade resolveu ir direto para casa de Sr. Alfredo, já havia se passado meia hora, o almoço de Dona Sandra, certamente já estaria pronto.

Antonio Martinez Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 15/02/2024.



Não Nos Deixei Cair em Tentação

QUANDO APRESENTAMOS A FAMÍLIA de Sr. Alfredo, logo no início, quando o professor Armando, chegou para assumir a função de professor da escola, há mais de dois anos atrás, dissemos que o casal possuía cinco filhos, sendo dois rapazes solteiros, e três menores que ainda frequentavam a escola, sendo duas meninas e um menino, o caçula, que foram seus alunos. Agora o filho mais velho Ananias, se encontrava casado com Iraci, a irmã mais velha de Lúcia, o outro filho que se chamava Raul, continua solteiro, trabalhando e morando com os pais, Silmara a filha mais velha, concluiu a quarta série, com a professora Lúcia, no ano anterior e deixou à escola,

tem agora treze anos, ajuda a mãe, nos serviços da casa, as outras duas crianças, continuam frequentando a escola, são alunos da professora Lúcia.

Um outro assunto que achamos oportuno lembrar, quando Lúcia conhecera o professor Armando, tinha apenas dezesseis anos, mas todos hão de se lembrar, que apesar de ser jovem e tímida. ela gostou muito dele, desejou imensamente namorá-lo na época, mas seu proceder leviano com algumas mocinhas da localidade, depois seu envolvimento com Porfíria, a filha do nordestino, logo depois sua fuga repentina, não diria que todas aquelas decepções, conseguiram expulsar do coração inocente de Lúcia, tudo que sentira por ele, apenas ficara adormecido. Discreta como sempre fora, nunca revelou esse seu segredo a ninguém, nem às irmãs, durante todo esse período, que ele esteve ausente, não conseguiu gostar de nenhum outro rapaz, agora ao reencontrar Armando, sentiu seu coração pulsar mais forte novamente, depois da breve conversa que manteve com ele, das coisas que ouvira, descobriu que ainda gostava dele, e que ainda desejava namorá-lo.

Assim que terminaram de almoçar, Sr. Alfredo o chamou para sentarem em cadeiras no alpendre, queria revelar-lhe que a polícia estivera investigando Sr. Catarino, antes que começasse a conversa, chegaram da escola, o casal de filhos de Sr. Alfredo, Armando cumprimentou as duas crianças, que ele já conhecia, não

quis ouvir o que ele tinha para lhe dizer naquele momento, o deixou sozinho e correu para alcançar Lúcia, que estava indo almoçar em sua casa, que não ficava muito distante, disse a ela que queria rever seus pais e Vivi, e foram juntos caminhando e conversando até lá. Quando lá chegaram, fora imediatamente reconhecido pelos três, enquanto Lúcia almoçava, ficara ouvindo sua conversa com os pais e Vivi, que estava agora bem crescadinha, com dezesseis anos, se tornara uma linda mocinha.

Os pais de Lúcia pessoas muito simples, se admiraram do que ouviram de Armando, com sua conversa mansa, falava com convicção de quem não estava mentindo, mas sabemos que exagerava muito, mas os convenceram que tirara sorte grande, quando decidira se mudar para Capital, conseguira um ótimo emprego, ótimo salário, já era dono de um bom apartamento, quando na verdade, seu emprego, e seu salário eram modestos, e o apartamento simples e pequeno, localizado em um bairro distante, fora financiado, para ser pago em trinta anos. Esses detalhes não foram revelados. Dissera aos seus pais, mais ou menos o que ela ouvira dele na escola. Depois de almoçar e descansar um pouco, Lúcia teria que voltar para escola, para o turno da tarde, Armando quisera acompanhá-la, despediu-se dizendo que iria descansar um pouco no alojamento. Armando percebera que Lúcia, além de ser

uma moça muito esforçada, e responsável, era também muito bonita, seria para ele, uma presa fácil, durante o trajeto de volta, mentira que viera ali somente para revê-la, que nunca a esquecera, como julgava que sua situação agora era promissora, desejava muito encontrar uma pessoa como Lúcia, para namorar, caso ela aceitasse, poderia voltar sempre para vê-la. Lúcia ficara como hipnotizada, no momento não conseguiu dizer sim, mas também não dissera, não. Consequira dizer apenas, que iria pensar, que quando saísse à tarde da escola passaria no alojamento, para lhe dar sua resposta.

Naquela tarde, Lúcia não conseguira se concentrar no trabalho, ficara como abobalhada, alguma coisa lhe dizia que Armando, era o amor de sua vida, ao mesmo tempo outra voz lhe alertava, esse rapaz não é confiável. Mas o amor não se explica, entorpece nossa razão, nos domina, e acaba falando por nós. Ao sair da escola, Lúcia fora sozinha até o alojamento, Armando a esperava, e pediu que entrasse para conversarem. Ela continuava hipnotizada, e o obedeceu. Assim que ela entrou, Armando aproximou-se dela e a beijou apaixonadamente, aquele era o primeiro beijo dessa sua vida, no mesmo instante percebeu, que não poderia mais viver sem eles, antes que ela dissesse qualquer coisa, Armando lhe dissera:

— Na verdade Lúcia, esse tempo todo, só pensei em você, e isso me fez ser uma outra pessoa, mais adulto e responsável, na época apesar de ter gostado de você,

não me aproximei, por considerar que não a merecia, mas agora penso diferente, caso você queira, poderemos ser muito felizes, longe daqui é claro, se quiser posso até falar com seus pais.

— Lúcia se encontrava embevecida com o primeiro beijo, ouvindo todas essas declarações, diria que levitava. Armando percebendo sua fragilidade, agora aproximou e a abraçou com carinho, e a beijou novamente, e sua mão atrevida desligou incontinentemente pelas suas costas, Lúcia percebeu e o empurrou bruscamente, desvencilhando de seus braços desrespeitosos, e lhe disse:

— Armando eu não sou o que está pensando, nunca tive um namorado, mas se for para ser assim, não quero.

— Me perdoe Lúcia, não tive intenção de desrespeitá-la, foi um acidente, não vai acontecer novamente, prometo.

Lúcia relevou o atrevimento dele, e disse: – Não é que eu não queira namorá-lo, acho muito difícil um namoro assim tão distante, dar certo, como posso confiar em você, um rapaz bonito, muito bem-sucedido, sozinho em uma cidade grande?

— O mesmo penso de você, uma moça linda, inteligente, sozinha nesse fim de mundo. Vamos embora juntos, lá nos casaremos, caso você queira, poderá arrumar um emprego, nos finais de semana poderemos passear, nos divertirmos juntos.

— Eu não seria capaz deixar minha família e meus alunos, para acompanhá-lo. Além do mais, tenho um compromisso com a Secretaria de Educação, e com a população dessa comunidade de lecionar até o final desse ano.

— Se me amasse, como eu a amo, seria capaz de deixar tudo, faria qualquer coisa por mim. Eles sofrerão no princípio, mas acabarão se acostumando e aceitando, principalmente quando souberem que estamos muito felizes juntos. O que os pais mais desejam, que seus filhos estejam felizes.

— Se meus pais souberem que me fizeste, uma proposta dessas, não sei que pensariam sobre você, e sobre mim. Isso é loucura, nem nos conhecemos direito, acho que não me acostumaria em uma cidade grande, principalmente longe de minha família.

— Isso não quer dizer muita coisa, pessoas que se conhecem, namoram durante muito tempo, casam-se, e o casamento não dura nada, outros acabam de se conhecerem, vão morar juntos, e são felizes para sempre. Pense que quando nos casarmos, eu serei sua nova família, e você a minha, isso nos bastará.

— Preciso pensar sobre isso tudo, agora preciso ir para casa, senão vão perceberem meu atraso.

— Eu acompanho você, talvez até jante por lá.

Lúcia até se assustara, Armando estava avançando rápido demais, mas não poderia impedi-lo de ir, Deus haveria de iluminá-la para decidir o que fazer

de sua vida, por que sinceramente, ela era impotente, não conseguiria dizer não. Enquanto caminhavam em direção sua casa, Lúcia ia se questionando: “Não conseguirei nunca me casar, com uma pessoa que não ame, senti amar Armando desde o momento que o conheci, sinto que o amarei para sempre, até hoje não consegui gostar de mais ninguém assim, o que farei de minha vida agora?”

Acharam estranho Lúcia chegar em casa, acompanhada de Armando novamente, enquanto ela foi para seu quarto, retirar seu vestido florido, e colocar uma roupa caseira, Armando dissera aos seus pais, com segurança, e a maior naturalidade, que ele e Lúcia estavam namorando. Sr. Filomeno não esboçou nenhuma reação, Dona Rosália reagiu como tivesse ouvido algo improvável, dizendo:

— Como namorando, se vocês acabaram de se conhecerem?

— O amor é assim, Dona Rosália, acontece de repente.

Dona Rosália também se assustou, levantou-se foi para o quarto onde estava Lúcia e Vivi, e a perguntou:

— Você está namorando o professor Armando?

— Quem disse isso, mamãe?

— Ele mesmo, acabou de nos dizer, agora.

— Não mamãe, ele deve ter falado brincando.

— Acho que não foi brincando não.

Vivi ficou olhando sério para irmã, como dissesse, fale a verdade?

Lúcia entendeu o olhar inquiridor da irmã, depois olhou para a mãe, e encontrou no seu olhar, a mesma interrogação, então dissera: – Ainda não lhe disse, nem sim, nem não. Primeiro queria falar com vocês. Acho que ele é doido, disse-me que viria para jantar.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 16/02/2024.



Todo Problema Requer Solução

NUMA COMUNIDADE PEQUENA como aquela, todos logo ficariam sabendo, o que estaria acontecendo, ou deduzindo, o que poderia estar ocorrendo. Ver a professora Lúcia, andar acompanhado por um rapaz de cima para baixo, por aqueles caminhos, era um fato inédito. A notícia chegara um tanto nebulosa aos ouvidos de Iraci, que ao escurecer, intimou o marido acompanhá-la até a casa de seus pais. Lá chegando encontraram o carcamano, que havia acabado de jantar. E todos se encontravam sentados em cadeiras no terreiro, conversando, e desfrutando a brisa fresca da noite, após os cumprimentos, Iraci entrou na casa,

acompanhada da mãe para pegarem mais duas cadeiras, segurou a mãe pelo braço, e perguntou em voz baixa: – O que significa a presença desse rapaz aqui em vossa casa, às pessoas estão falando que viram Lúcia, sair acompanhada dele do alojamento?

— Essas pessoas se preocupam muito com a vida das outras pessoas.

Dona Rosália pegara uma cadeira e voltara para o terreiro, o que foi imitado pela filha. Depois de todos devidamente sentados, Lúcia entendeu que o momento era oportuno para esclarecer, o que de fato estava acontecendo entre ela e Armando, dissera:

— Nesse início de tarde, quando ia para meu segundo turno de trabalho, Armando me pediu em namoro, disse a ele que iria pensar, depois que terminasse a aula, passaria no alojamento para dar minha resposta, passei lá e disse a ele, que poderia até namorá-lo, mas antes gostaria de ouvir a opinião de meus pais, então acompanhou-me até aqui, jantamos. Agora que nossa família se encontra toda reunida, gostaria de ouvir o que todos pensam sobre o assunto?

Dona Rosália, dirigiu suas palavras a Armando, dizendo: – A inconveniência que acho na possibilidade desse vosso namoro, é que você mora na Capital, e pelo que nos falou, ainda hoje quando estive aqui, que não pretendia mais voltar para o interior, e um namoro assim tão distante dificilmente daria certo.

Armando justificou-se, dizendo: – Foi exatamente o que Lúcia me disse, mas acredito que quando duas pessoas desejam a mesma coisa, distância não significa um empecilho, por que esse namoro pode ser breve, e logo essas duas pessoas podem estarem juntas para sempre.

Fez-se um silêncio, como se Armando houvesse encontrado a solução do problema. Ananias que indiretamente fazia parte da família, se manifestou dizendo: – Não sei se todos aqui têm conhecimento, mas o que se ouviu dizer à época, quando o professor Armando desapareceu daqui, teria sido por ter engravidado a filha de um nordestino, que se chama Sr. Catarino Castanheiro, que morava na época, não sei se ainda mora, lá na Fazenda Barro Preto, o que o professor teria a nos dizer sobre esse assunto?

— Esse é um assunto que particularmente gostaria esclarecer, quando há dois anos, essa moça que se chama Porfíria, disse que o filho era meu, seu pai prometeu me matar, para não morrer, larguei tudo e fugi, mas nunca tive certeza se esse filho, de fato poderia ser meu, até chego pensar, que ele não existe. Conhecer a verdade é o que mais gostaria, se eu for até lá para descobrir, posso não voltar, seu pai poderia cumprir o que prometera, todos dizem que é realmente bravo. Mas se alguém fosse lá por mim, e conseguisse pegar alguns fios de cabelo dessa criança, para que eu possa mandar fazer um exame de

DNA, para ter certeza de que é meu filho, hoje estaria disposto, e teria condições de reparar meu erro. Não sei ainda como, hoje essa criança deve ter pouco mais de um ano, talvez pagando uma pensão até que ela complete dezoito anos de idade, a justiça saberia definir esse prazo, e o valor, com base naquilo que estou ganhando, em meu trabalho. Alguém aqui seria capaz de me ajudar?

Lúcia se mexeu na cadeira, e falou: – Eu vou até a casa desse Senhor. O conheço, naqueles dias ele esteve aqui por três vezes procurando por você, acho que intencionava matá-lo mesmo. Mas com uma condição, se comprovado que você é realmente o pai dessa criança, esqueça de mim para sempre, jamais aceitaria ser sua namorada, sua esposa, ou o quer que seja. E nunca mais apareça por aqui.

Vivi falou: – Eu vou com você Lúcia, a hora que você quiser.

— Vamos amanhã bem cedo, você empresta o cavalo de Ananias, eu empresto o cavalo de Sr. Domingos, e vamos bem cedinho. Armando vai na escola, ensinar em meu lugar.

Ananias completara dizendo: – Acho que dessa maneira tudo ficará esclarecido, amanhã bem cedo trago meu cavalo encilhado para Vivi.

Armando dissera: – Eu me levanto cedo, e vou para a escola, no lugar de Lúcia.

Sr. Filomeno que até então não dissera uma só palavra, falou: – Vocês todos que pertencem a mesma geração, por sinal, uma geração mais instruída que a minha, e de Rosália, que somos uma geração depois da de Sr. Albertino, e de Dona Marieta, ao contrário das nossas, todos vocês sabem ler e escrever, sabem muito bem o que se pode, como o que não se deve fazer. Para o vosso próprio bem, procurem sempre fazerem as coisas corretamente, porque tudo que fizerem de errado, mais cedo ou mais tarde terão que consertar, nunca envergonhem seus futuros filhos, com vossas atitudes, eles precisam de bons exemplos, pertencerão a uma nova geração que necessariamente precisa ser mais purificada, que a suas, e as nossas, para que esse mundo seja melhor.

E dessa forma estava encerrada a reunião da família Silva, que num futuro não muito distante poderia estar extinta. Iraci já não ostentava o Silva em seu nome, chamava-se agora Dona Iraci Pedrosa, caso Lúcia venha se casar com Armando, poderá vir se chamar Lúcia Pereira, o mesmo poderá acontecer com Vilma Silva, quando Vivi também se casar.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 16/02/2024.





Trabalho Bem-feito

E RA UMA QUINTA-FEIRA, O DIA MAL clareava, enquanto Dona Rosália preparava o café, Sr. Filomeno fora até à casa de Sr. Domingos, que levantava bem cedo todos os dias, para retirar o leite, pedir seu cavalo emprestado, encilhá-lo e trazer para Lúcia. Lúcia e Vivi se trocavam no quarto, vestiram calças compridas, camisas de mangas, botinas nos pés, e chapéu de palha nas cabeças, Lúcia sabia exatamente o que dizer, quando chegasse à casa de Sr. Catarino, para isso, ficara pensando durante à noite, e só conseguiu dormir depois de encontrar a solução. Para não levantar suspeitas, levava dentro de um bernal, uma pasta, um caderno, e uma caneta. Tomaram o café,

montaram os cavalos, e pegaram a estrada que as levariam até a Fazenda Barro Preto, que não ficava menos que doze quilômetros de distância, enquanto os cavalos rompiam a estrada, num passo cadenciado, Lúcia explicava a Vivi como procederiam:

Chegaram à Fazenda Barro Preto, o sol já ia alto no céu, pararam em uma casa na beira da estrada, Lúcia perguntara à moradora, uma Senhora de mais ou menos cinquenta anos, onde ficava a casa de Sr. Catarino Castanheiro? Ela explicou: Seguindo por aquela mesma estrada, a quinta casa do lado esquerdo, distante dali mais ou menos dois quilômetros, passaram por duas casas, na terceira, Lúcia e Vivi pararam, desceram dos cavalos, Lúcia dissera aos moradores que estava à serviço da Prefeitura, fazendo uma pesquisa, para saber o número de moradores das casas, quantos eram analfabetos, e quantos sabiam ler e escrever. O primeiro morador entrevistado, um nordestino, chamado Raimundo, antes quis saber com que finalidade a Prefeitura, queria conhecer essas coisas. Lúcia explicou, que dependendo do resultado da pesquisa, pretendiam criar ali naquela localidade uma escola rural, para crianças durante o dia, e para os adultos durante a noite. Sr. Raimundo sorriu, e respondeu: Se é para isso está certo, respondeu tudo sem questionar mais nada.

Na segunda casa que pararam, a moradora Dona Jurema, que era esposa de Sr. Tadeu, respondeu tudo sem nada perguntar, mesmo assim Lúcia explicou a ela,

a finalidade daquela pesquisa, ela ficou feliz, e agradeceu. Chegaram na terceira casa, foram recebidas por Sr. Catarino, ele não demonstrou reconhecê-la, antes de entrarem Lúcia explicou tudo detalhadamente a ele. Dissera a ela que pretendiam se mudar logo daquele lugar, mesmo assim poderiam entrar, e sentar, que ele responderia as perguntas. Lúcia começou perguntando:

Quantas pessoas moravam naquela casa: Respondeu: Três grandes. E uma pequena.

Nomes do chefe da casa, da esposa, dos filhos, e netos: R: Catarino Castanheiro, Balbina Castanheiro, Porfíria de Jesus Castanheiro, e Letícia de Jesus Castanheiro.

Idades: R: 62 anos, 59 anos, 17 anos, e 1,5 anos

Quantos sabem ler e escrever: R: Somente minha filha Porfíria

Quantos não sabem ler e escrever: R: Eu, minha mulher, e minha neta

Então Vivi perguntou: – A esposa do Senhor, a filha, e a neta não estão em casa?

Sr. Catarino respondeu: – Estão sim. Por quê?

Vivi insistiu: – Gosto muito de crianças. O Senhor deixaria eu ver sua netinha de um ano e meio?

Sr. Catarino, dissera: – Vou falar pra minha mulher, trazer ela.

Sr. Catarino levantou-se entrou para os cômodos dos fundos da casa, logo retornou, atrás dele viera

Dona Balbina trazendo nos braços, a netinha Letícia. Assim que ela entrou na sala, as duas a cumprimentaram, Vivi levantou-se, perguntou a Dona Balbina se Letícia não andava, ela respondeu que já andava, Vivi perguntou se poderia pegá-la um pouquinho, Dona Balbina, balançou a cabeça concordando, quando tentou passá-la para seus braços, não conseguiu, Letícia atracou em seu pescoço e começou chorar, com medo de Vivi, Lúcia também levantou-se para pegá-la, a garotinha também recusou-se. Dona Balbina explicou:

— Ela estranha todo mundo, quase não saímos de casa, e ninguém costuma vir aqui, só vai com a mãe dela para mamar, só quer ficar no meu colo, e só dorme comigo, em minha cama.

Lúcia perguntou: — E com o avô ela vai?

— Com ninguém, só comigo.

Vivi dissera comovida: — Ela é muito linda, não é Lúcia?

— Muito linda, e muito brava também.

Como havia concluído a breve pesquisa, Lúcia e Vivi se despediram de Sr. Catarino e Dona Balbina, se desculpando pelo incômodo da visita, agradecendo-lhes pelas informações prestadas, antes de saírem Lúcia perguntou ao Sr. Catarino, para onde estava pensando se mudar?

— Estou pensando mudar para uma cidade qualquer, não estou aguentando mais trabalhar na roça.

— Boa sorte para vocês, e que Deus os acompanhem.

— Dona Balbina respondeu: – Obrigado minha filha, que Deus também as acompanhem.

Ambas montaram em seus cavalos, e voltaram pelo mesmo caminho de onde vieram, Sr. Catarino, Dona Balbina com a pequena Letícia nos braços, ficaram olhando elas irem embora.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 17/02/2024.





A Felicidade é um Estado de Espírito

ASSIM QUE SE DISTANCIARAM UM pouco da casa, Lúcia perguntou a Vivi, se tinha conseguido retirar alguns fios de cabelos da cabeça de Letícia. Vivi respondera: – Ainda bem que não fora necessário, porque certamente não iríamos conseguir.

Então Lúcia comentou; – Sr. Catarino é praticamente branco, sua esposa Dona Balbina, mais branca que ele, a mãe da menina não a vimos, mas certamente também é branca, o pai de Letícia deveria ser bem negro, porque a menina é praticamente negra.

Vivi ratificou sua opinião: – Pra dizer a verdade, nunca tinha visto até hoje, uma criança negra tão bonita,

a mãe deve ser bonita também, coisa estranha ela não ter aparecido, será que o pai a proibiu de vir até a sala?

— Também achei muito estranho, e Dona Balbina pareceu-me tão simpática. Você percebeu que a criança só gosta da avó?

— Sr. Catarino também nos tratou muito bem. Será que seria capaz de matar o professor Armando, como prometera?

Lúcia dissera: – Ainda bem que Armando fugiu, poderia ter morrido, mesmo não sendo ele, o pai de Letícia.

— É verdade, não tinha pensado nisso.

Antes das duas horas da tarde, Lúcia e Vivi chegaram em casa, estavam com muita fome e sede, mas demonstravam estarem felizes. Sr. Filomeno sem fazer nenhuma pergunta, se prontificou ir pessoalmente devolver os animais para seus respectivos proprietários, e agradecê-los pelo favor prestado. Dona Rosália crivou as duas filhas de perguntas, enquanto tomavam água do pote de barro, como nada diziam, falou: – Enquanto não me contarem tudo, não vão almoçarem.

Vivi dissera a Dona Rosália: – Está bem mamãe, vamos contar tudo para Senhora, mas só depois de trocarmos essas roupas quentes.

Aquele resto de tarde Lúcia e Vivi, depois de relatarem tudo a mãe, e almoçarem, permaneceram

prostradas em suas camas, estavam alquebradas pela cavalgada de mais de trinta quilômetros, entre ida e volta. Dona Rosália com seu talento, e sua capacidade de oratória, encarregou-se contar tudo ao marido, as filhas que foram até lá, não relatariam com tanta precisão, e riqueza de detalhes.

Lúcia pedira à mãe, pelo amor a Deus. Que repetisse essa história somente mais duas vezes, para Armando, o principal interessado, e para Iraci e Ananias, que faziam parte da família, depois apagasse tudo de sua brilhante memória, uma vez esclarecido o mistério, ninguém mais necessitaria conhecer aquela deprimente história.

Dona Rosália não compreendeu o motivo da censura, imposta por Lúcia, uma história que causara tanta controvérsia, que possuía um certo quilate de importância, que acabara envolvendo outras pessoas, seu desfecho ficar restrito ao conhecimento de sua família, refletia no mínimo um gesto de egoísmo injustificável. Não que Dona Rosália fosse considerada, na comunidade uma fofoqueira, mas sentia ser sua obrigação de provável futura sogra, tornar público a inocência de seu provável futuro genro, mesmo sabendo que na época ele fora mais um que prevaricava, contra uma mocinha desajustada, que apesar de seus ímpetus genésicos desenfreados, não teria maturidade para discernir exatamente, as consequências

de seus atos libidinosos, por ter na época apenas quinze anos de idade, considerada incapaz perante a lei, e de certa forma, contribuíram para que ela compromettesse a si, seus pais, e até o futuro daquela criança, com a ausência da figura paterna.

Naquela quinta-feira à noite o mesmo grupo da noite anterior se reunira na casa de Sr. Filomeno, com o diferencial que todos lá jantaram, e o clima lá fora era bem mais frio, um vento soprava uma brisa congelante, procedente do hemisfério sul, sinalizando a chegada precoce do inverno, derrubando bruscamente a temperatura, então a reunião acontecera na pequena sala, com a presença de todos, Dona Rosália pela última vez como determinara Lúcia, narraria o resultado satisfatório, da investigação impetrada por Lúcia, assessorada por Vivi, à casa de Sr. Catarino, e a descoberta que a filha de Porfíria, apesar de ser uma linda garotinha, que se chamava Letícia, a cor de sua pele era completamente escura, indicando que seu pai seria bem negro, portanto biologicamente, não poderia ser filha de Armando, que era branco. Outro detalhe que nem todos perceberam, mas já aventamos anteriormente, a idade da criança, como nascera nos meados de setembro, teria sido concebida no mês de dezembro, estando naquele momento, com mais de um ano e meio. Todos hão de se lembrar que o professor Arman-

do, chegara à comunidade, no início do ano letivo, provavelmente mês de fevereiro. Às vezes as pessoas por ingenuidade, por ignorância, ou mesmo por maldade, subestimam a sabedoria da natureza, e tentam inutilmente querer burlá-la, demonstrando seu profundo desconhecimento das perfeições das Leis Divinas.

Não seria necessário dizer o alívio que Armando sentira, saber que não era o pai da filha de Porfíria, voltaria para Capital com a alma lavada e enxaguada, e o caminho estaria lavrado e aplainado, restando somente pavimentá-lo, num futuro não muito distante. Porque Lúcia, com anuência de toda sua família, acabara de se comprometer com ele, na presença de todos, que depois de encerrado aquele ano letivo, não assumiria mais nenhum compromisso de professora, com a população daquela comunidade, estaria disposta aceitar o desafio de percorrer ao seu lado, o longo e prazeroso caminho da felicidade conjugal.

Armando em contrapartida, prometera vir visitá-la no mínimo uma vez a cada trimestre, até o final daquele ano, e hipotecar sua intenção de levá-la consigo, na condição de esposa, no máximo até o início do próximo ano. Teriam assim oito meses para se organizarem, o casamento deveria ser uma cerimônia simples, com um número reduzido de convidados. Sr. Filomeno, fazendo uso da palavra comunicara, que provavelmente

após o casamento de Lúcia, se mudaria com a esposa e a filha caçula, do sítio que agora pertencia ao Sr. Domingos, para a sede do município, a mesma cidade onde residiam os pais de Armando, intencionava reunir todas suas economias, e comprar uma casinha modesta, mesmo que fosse num bairro mais desvalorizado. E recomençoarem suas vidas.

Como dissemos teríamos ainda oito meses pela frente, e muitas coisas poderiam acontecer, enquanto o tempo vai transcorrendo, nos ocuparemos em observar, os outros dois assuntos que dispomos esclarecê-los, a investigação policial dos antecedentes de Sr. Catarino, no âmbito da justiça dos homens, por entendermos, que a verdadeira justiça, mais justa e eficiente, o aguardaria, por que a essa todos indistintamente, no devido momento teremos que nos apresentarmos espontaneamente a ela, para darmos satisfação de nossos atos, essa é a Lei.

O outro assunto que nos ocuparemos acompanhar, o relacionamento amoroso, à princípio tumultuado de Sr. Faustino com a professora Dona Eva. Que certamente terão que encontrar um ponto de equilíbrio, caso queiram desfrutarem o que podemos chamar de felicidade relativa, por entendermos que felicidade plena, no caso em questão, seja uma conquista improvável, para am-

bos. Por terem rompidos com compromissos antes assumidos, como preceitua o adágio: “Ninguém constrói felicidade plena, fazendo outras pessoas infelizes”.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 18/02/2024.





Advogando em Causa Própria

NAQUELA SEXTA-FEIRA, ARMANDO se ocupara visitando sozinho, à casa de algumas pessoas que conhecera anteriormente, sem deixar de revelar que logo voltaria, por estar agora namorando a professora Lúcia. No sábado, acompanhado de Lúcia e Vivi, visitaram mais algumas casas, sem ser necessário dizer que estavam namorando, porque todos percebiam naturalmente, pareciam muito apaixonados. No domingo pela manhã, pegou a estrada que o levaria de volta à cidade onde morava seus pais, à noite pegaria um ônibus com destino à Capital, levando consigo a responsabilidade do compromisso

assumido, e o propósito de encetar todos seus esforços para honrá-los dignamente.

Numa outra cidade localizada na direção norte, Sr. Faustino aprendera fazer concessões, e seu relacionamento com Dona Eva, seguia sem maiores turbulências. Não obstante os modos liberais dela, de fazer tudo que desejava, até o momento não havia dado motivos, para o marido sentir aquele ciúme doentio, que no fundo se tornara vítima de si mesmo, ela não mudaria seu jeito de ser, por considerar seu modo de ser correto.

Mas uma outra razão o incomodava, ao ponto de tirar-lhe a fome, e o sono, o seu endividamento com os amigos. Ficara sabendo que a ex-esposa e os filhos, haviam vendido o sítio. Quando renunciara a tudo, não imaginaria que o fariam, por eles não necessitarem. Deliberou deixar seu orgulho de lado, procurar o filho caçula Nestor, com quem tinha mais afinidade, e expor sua difícil situação, então sem o conhecimento da atual esposa, que por falta de dinheiro não haviam regularizado a união conjugal deles. Nestor e a esposa, o receberam demonstrando certa indiferença. Mesmo assim Sr. Faustino o questionou, por quais motivos, eles e a mãe, decidiram vender o sítio. Nestor fora infeliz e dissera ao pai, que não competia a ele, nem aos demais, dar-lhe nenhuma satisfação, ou explicação. O que o deixou mais arrasado, e revoltado. Então acabara extra-

polando, e dito umas verdades ao filho, que trabalhara mais de quarenta anos de sua vida, para eles, inclusive que ajudara comprar as três casas que eles moravam, e esse era o reconhecimento deles. Que não queria nem saber se tinha direito ou não, necessitava de trinta contos, que significava uma pequena fração do valor que obtiveram com a venda do sítio, para pagar suas dívidas, caso não lhe dessem esse montante em trinta dias, recorreria à justiça, e exigiria para si, metade desse valor. Se era guerra que queriam, ele estava disposto a ela, por não ter mais nada a perder. Saiu sem mais nada dizer.

Imediatamente Nestor comunicou o ocorrido a Fabiano, e a Cristina, e os três foram para casa da mãe. Que dissera a eles que não dariam um só centavo, que se quisesse poderia ele, entrar na justiça, os dois filhos concordaram com a mãe, Cristina advogou em favor do pai, dizendo que dar a ele trinta contos, não representava quase nada do valor que o sítio fora vendido.

Faz-se oportuno esclarecer nesse momento, como fora dividido o valor do sítio, que na ocasião agradou aos gregos. Em detrimento ao troiano: À princípio Dona Giselda propôs dividir o montante em quatro partes, ela ficaria com metade, e a outra metade com os três filhos. Fabiano e Nestor entenderam que não seria justo o cunhado apropriar-se do mesmo valor que eles, combinaram que na partilha eles ficariam com 35% cada um e a irmã (o cunhado) com 30%, totalizando

assim cem por cento da metade. Claudio o cunhado aceitara a divisão sem reclamar. Quando chegou em casa e dissera a esposa como havia sido repartido a metade entre os filhos, Cristina ficara uma fera, queria brigar com os irmãos, o marido a convenceu que não valeria a pena. Cristina por essa razão, desde então ficara ressentida com os irmãos, mas não se falou mais no assunto.

Chegando em casa de volta, Cristina contou ao marido, como fora a reunião deles com a mãe, e o que ficara decidido, que prevalecera a opinião da mãe e dos irmãos, que ignoraram seus argumentos em favor do pai. Claudio dissera apenas, que esse era assunto deles, não queria se meter. E se passaram os trinta dias, e não deram nenhuma satisfação à proposta de Sr. Faustino.

Então Claudio procurou pelo sogro em sua casa, e o dissera, o que a sogra e os cunhados haviam deliberado, que desconsideraram o desejo de Cristina, que era dar a ele o que pedira, que na opinião deles, poderia entrar na justiça. Que o tinha procurado para orientá-lo, que iria fazer uma reunião com eles, e tinha quase certeza de que viriam procurara-lo para lhe entregar os trinta contos que pedira. Mas agora para não entrar na justiça, seu preço havia subido para trezentos contos, e que esperaria pelo pagamento, apenas três dias, depois procuraria seus direitos. Que ele aguardasse os três dias, então voltaria procurá-lo para orientá-lo novamente.

Sr. Faustino percebera que alguma razão séria havia ocorrido para os filhos estarem divididos, resolveu esperar para saber. No dia seguinte Fabiano procurou o pai em sua casa, dissera que viera lhe entregar os trinta contos. Então o pai lhe dissera que o prazo daquela proposta, havia expirado há três dias, que agora seu preço havia subido para trezentos contos, e daria apenas mais três dias, ou entraria na justiça. Fabiano virou bicho, maltratou o pai com palavras, e acusações indizíveis, o humilhou, e disse que a mãe, estava certa, ele queria tirar dos filhos, para dar para a amante vagabunda, que ele não valia nada mesmo. O pai ouviu tudo calado sem reagir. Ele saía dizendo que não lhe dariam nenhum centavo.

Dentro de dois dias recebera a visita de Claudio, Cristina, e o netinho de dois anos. Depois de cumprimentá-lo, e abraçá-lo. Cristina lhe dissera: – Viemos até aqui meu pai, para lhe fazer duas propostas: Entregar-lhe os trezentos contos, ou indicar-lhe o nome de um advogado amigo de Claudio, para defendê-lo na justiça, no processo de revisão da partilha de bens, e dizer-lhe que ficaremos de seu lado.

— Não estou entendendo nada, caso entrássemos na justiça, teria alguma chance de ganhar a ação?

Claudio dissera: – Diríamos 99% de chances.

— Não meus filhos, nem se tivesse 100% de chances eu entraria na justiça contra eles, vou aceitar a

primeira proposta, com esse dinheiro, pago todas minhas dívidas, com o restante vou comprar uma casinha para morar. Sem ser preciso pagar aluguel, não me endividarei novamente.

Abraçou e beijou a filha, o genro, e o neto, e disse:
– Qualquer hora apareço lá na vossa casa, para que me expliquem tudo que aconteceu, antes se negaram dar-me trinta contos, como conseguiram convencê-los em dar-me os trezentos contos?

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 18/02/2024.



A Lei do Desonesto

FAZIA ALGUM TEMPO QUE A EQUIPE de policiais e investigadores, não apareciam na Fazenda Barro Preto. Deveriam estar trabalhando em outros casos. Naquela época as informações não viajavam tão rapidamente, os registros eram realizados em fichas físicas, arquivadas e trancafiadas em armários de aço, com acesso privativo. A polícia burocrática, que analisava essas fichas, tinha que se deslocar de um lugar para outro, e os registros encontrados, eram transcritos, em papel à parte, e essas fichas permaneciam arquivadas. Como já revelamos, Sr. Catarina nos últimos vinte anos, tinha morado em diversas regiões. Um detalhe sobre seus crimes, em nenhum

deles houvera alguém que testemunhasse, nunca seu nome fora denunciado em uma Delegacia. Não obstante ouvir-se dizer, que não existe crime perfeito, mas quando os recursos investigativos são deficitários, e não correspondem as reais necessidades, geram esses números assustadores de crimes não esclarecidos, localiza-se o cadáver da vítima, mas não se identifica o autor do delito, uma suspeita, não constitui uma prova, acusar alguém é fácil, mas provar é bem difícil, e ninguém sai por aí confessando que cometera um assassinato. Por mais que vasculhassem os registros policiais, das Delegacias das cidades, próximas de onde morara, o nome Catarino Castanheiro, não fora encontrado em lugar algum. Um crime impune, estimula o criminoso continuar agindo, e cada vez mais, aperfeiçoando seus modos operantes, e um fato novo, joga o anterior para a zona do esquecimento, prevalecendo o império da impunidade.

Sr. Braz, depois que o corpo do filho Basílio fora encontrado, ficara mais conformado, descobrir quem cometera o crime, não traria seu filho de volta, é claro que desejava que o autor fosse identificado e punido. Um criminoso contumaz, para temer uma punição futura, que não procedesse dos homens, precisaria no mínimo crer na existência de um poder maior, infelizmente existem seres humanos, considerados racionais, que ainda pensam e agem, como os

irracionais. Acreditam que a única justiça existente, é a débil justiça dos homens, e essa é falha e frágil, vulnerável e tendenciosa. Uma vez não descoberto, ficará impune definitivamente. Quando os homens compreenderem e reconhecerem a eficácia e o alcance da Justiça Divina, as leis humanas não seriam necessárias, as contravenções, as violências, a maldade e as iniquidades humanas, fariam parte do passado, apesar dessa conquista, estar prevista para o futuro da humanidade, ainda se encontra muito distante, do merecimento do homem terreno. Que para se tornar digno, deverá evoluir muito, em conhecimento, moral e justiça.

Não obstante a roça de Sr. Catarino, ser pequena e não ter proporcionado uma boa colheita, seus filhos e genros, foram muito bem recompensados nessa safra, há alguns dias comunicaram ao pai, que fizesse os cálculos do valor que necessitaria para cobrir as despesas da mudança, como pretendia, que eles o ajudariam. Sr. Catarino era analfabeto, mas de bobo não tinha nada, depois de estipular o valor da ajuda que necessitava, e comunicar aos filhos e genros, começara vender seus apetrechos de casa, seus poucos víveres, como o burro, os porcos e as galinhas, transformaria tudo em dinheiro, juntaria com o que tinha, mais a ajuda que receberia, dos filhos e genros. Compraria as passagens de ônibus, iriam embarcados, levariam somente as poucas roupas que possuíam. Uma vez residindo num lugar

distante, onde ninguém os conheciam, ele mais uma vez, estaria fora de alcance dos braços da justiça capenga dos homens. Acreditava que necessitava para realizar tudo isso, não mais que alguns poucos dias.

Passados esses alguns poucos dias, fora até a sede da Fazenda, ajustara o gerente Sr. Roque, para levá-los com a camioneta, até um local onde seria possível pegar um ônibus, para chegarem em uma cidade, daí para frente, ninguém poderia saber a direção que tomariam. Sr. Roque fora uma das poucas pessoas, fora do âmbito da família Castanheiro, que teve oportunidade de ver a garotinha Letícia, no colo da avó, Dona Balbina, sentada ao seu lado, no banco da camioneta. Como conhecera o professor Armando, circulando pelas casas da Fazenda, à época, e o barulho que provocara o surgimento daquela criança, ficara pensando, “Essa criança não tem a menor possibilidade, de ser filha do professor”, mas como não tinha nada com isso, nada perguntara, e não comentaria esse detalhe com ninguém. A velha casa onde Sr. Catarino morara durante cinco anos, com a esposa e a filha, ficara agora desabitada, completamente vazia, com suas portas e janelas fechadas, com grandes possibilidades de se tornar em breve, mais uma tapera abandonada da Fazenda.

Na comunidade dos Pedrosas, a vida seguia seu curso normalmente, na frente do salão comunitá-

rio, existia uma caixa dos correios, em forma de urna eleitoral, para serem depositados os envelopes de correspondências. Todas as quartas-feiras pela manhã, um funcionário vinha trazer as correspondências que chegavam ao correio, e distribuía nas residências, e às vezes passava na escola, depois ia até essa caixa, a abria com uma chave que trazia, recolhia os envelopes depositados, já selados, para serem remetidos. Invariavelmente todas as semanas lá estava uma correspondência de Lúcia endereçada a Capital, ao destinatário, Armando Felício Pereira. O que hoje parece ser, uma maneira arcaica de se comunicar, naquela época era tido como a maneira mais prática e eficiente, utilizada por todos. Os jovens de hoje, são incapazes de imaginarem, como eram essas cartas, nem a felicidade que provocava, numa jovem romântica como a professora Lúcia, quando o funcionário dos correios lhe entregava uma carta de Armando. Não resistia à curiosidade, a abria imediatamente e avidamente lia sem interrupção, três ou quatro laudas, escritas manualmente, frente e verso, depois enxugava os olhos, a guardava dentro do caderno, a levava para casa, e durante aquela semana a lia novamente dezenas de vezes.

A maioria dos jovens que tinham suas namoradas distantes, nos idos das décadas, do século passado, certamente hão de se lembrar, que era exatamente assim, essas cartas eram guardadas, e quando a saudade

batia, as reliam, serviam como bálsamo para aliviar a dor da saudade.

Faz-se oportuno esclarecer as razões que Claudio decidira apoiar o sogro na questão da partilha. Apesar de estar casado com Cristina, há pelo menos seis anos, viera conhecer a índole da sogra, e dois cunhados justamente agora, quando o dinheiro surgiu entre eles. Todos hão de se lembrar quando, Fabiano e Nestor estiveram no sítio, comunicando ao Sr. Filomeno, que haviam decidido vendê-lo, que assim que realizassem as colheitas, para que mudassem, encarregariam uma pessoa para intermediar à venda, Sr. Filomeno perguntou-lhes caso ele encontrasse um comprador, poderia intermediar à venda, que não lhes cobraria nada. Fabiano dissera que nessas condições poderia, passou-lhe o valor, e as condições. O preço seria, um mil e duzentos contos, para pagamento à vista. Assim que foram avisados por Lúcia, que o pai havia encontrado o comprador, para que viessem assinar o contrato de compra e venda, vieram os três, Fabiano, Nestor e Claudio, e trouxeram uma procuração de Dona Giselda, durante a viagem lhe disseram a maneira que a mãe havia decidido repartir o dinheiro: Ela ficaria com metade, a outra metade para os três filhos, desse valor seria descontado sessenta contos, para pagar a comissão do intermediador, a mãe pagaria trinta, e os outros trinta seriam pagos pelos três, Claudio concordou, sem nenhum problema.

Quando Fabiano viera com a mãe, para transferir o imóvel ao comprador, dissera a ela que Sr. Filomeno, não cobraria nada pela intermediação, mas Claudio prometera, dar de sua parte a ele dez contos. Ao saírem para irem embora, Dona Giselda dera um cheque seu de dez contos ao Sr. Filomeno, que não queria receber, mas insistiram e acabou recebendo, e lhes agradeceram.

Assim que foram assinados os papeis no Cartório de Registro, Sr. Domingos fora acompanhado de Fabiano e Dona Giselda ao Banco, e transferira para conta dela, em seu Banco, na cidade em que moravam, um mil e duzentos contos, ficando assim tudo acertado. Ao chegarem de volta em casa, ligaram para que Claudio viesse à casa da sogra para realizarem o acerto.

Fabiano e Nestor, alegaram a Claudio que na época que ocorreu a separação dos pais, para regularizar toda documentação, os dois bancaram todas as despesas, que teria ficado muito caro, e não quiseram envolver nem a mãe nem a irmã. Propuseram que cada um deles ficariam com 35%, e a irmã que nada havia gastado na época ficaria com 30%, Claudio para não criar confusão, aceitou a proposta, e recebera em pagamento um cheque de Dona Giselda, nominal a Cristina no valor de cento e setenta contos. Assim que Cristina chegou do trabalho, o marido lhe entregou o cheque. Ela imaginava que receberia cento e noventa, percebera que estava errado, queria ir até os irmãos para que refizes-

sem os cálculos, Claudio a convenceu que iria brigar, sem conseguir nada, e isso a magoou muito. Conclusão o dinheiro do sítio ficara assim dividido: Dona Giselda 600 contos, Fabiano 210 contos, Nestor 210 contos, Cristina 170 contos, Sr. Filomeno 10 contos. Quando à princípio Claudio imaginara, que a sogra ficaria com 570 contos, cada um dos irmãos 190 contos, e o corretor da venda 60 contos.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 19/02/2024.



A Lei do Mais Inteligente

FAZ-SE OPORTUNO ESCLARECER A situação conjugal de Cristina e Claudio. Desde que se casaram era o salário de Cristina que praticamente mantinha as despesas da casa, Claudio trabalhava como auxiliar de um Advogado muito conceituado, o serviço que executava era insignificante, assim como seu salário. Apesar de ser uma boa pessoa, bom marido, bom genro, bom cunhado. A família de Cristina de um modo geral não tinha nenhuma consideração a ele, pelo fato de depender financeiramente da esposa, e considerá-lo pouco inteligente, ou ambicioso.

De tanto Cristina cobrá-lo, quando nascera o filho, Claudio decidira recomeçar estudar, prestou

vestibular e começou fazer o curso de direito, em uma Faculdade particular, desde então seu salário fora destinado para pagamento das mensalidades da Faculdade. Depois daquela reunião convocada por Nestor, quando Sr. Faustino estivera em sua casa, pedindo os trinta contos para pagar suas dívidas, onde participara Dona Giselda, Fabiano, Nestor e Cristina, e deliberaram não darem a ele o dinheiro, contrariando o desejo de Cristina, que era atender o pedido do pai. Deixando Cristina contrariada, e muito brava, chegando em casa desabafara com o marido, ele dissera que não queria se envolver. Cristina estava nervosa e acabara ofendendo-o, dizendo ser ele um zero à esquerda, por essa razão a mãe e os irmãos não respeitavam nem a ele, e nem a ela. Então Claudio resolveu investigar discretamente, a vida financeira dos dois cunhados, e utilizando-se de um método não totalmente lícito, acabou descobrindo com toda segurança, como de fato ocorrera a divisão do dinheiro do sítio, Fabiano recebera 260 contos, e Nestor 260 contos, ficando ela com apenas 500 contos, Cristina com 170 contos, e Sr. Filomeno apenas 10 contos. Totalizando assim, um mil e duzentos contos. Revelou tudo e como descobriu a Cristina, e como haveria de fazer, para dar uma lição neles, a esposa que estava ainda mais revoltada, relevou a maneira como ele descobrira, como a causa era justa o apoiara em seu plano.

Para que não fique nada encoberto, faz-se oportuno revelar aqui, a forma ilícita como Claudio descobrira esses valores, que na verdade, não fora propriamente criminosa. Um dia Claudio fora à casa da sogra, encontrara a porta encostada, e entrara, percebeu que ela dormia no quarto, sobre um móvel da sala encontrara seu talão de cheques, pegou e no canhoto dos cheques emitidos constavam os valores e os destinatários, nessa sequência: Filomeno, 10 contos, Cristina 170 contos, Fabiano 260 contos, Nestor 260 contos, totalizando 700 contos, com um pouquinho de imaginação, concluiu o que acontecera.

Passados os trinta dias fora à casa do sogro, e o instruiu caso fosse procurado por algum dos filhos, elevar seu preço para trezentos contos, e conceder somente três dias, senão entraria na justiça.

No dia seguinte que esteve na casa de Sr. Faustino, Cristina convocara uma reunião para que todos comparecessem na casa da mãe, com suas esposas, que pretendia revelar urgentemente um assunto. À noite todos lá compareceram, então Claudio tomara a palavra e dissera:

— Ontem assim que cheguei do almoço ao trabalho, percebi que a sala do Dr. Esperidião estava trancada, daí meia hora a porta se abriu, e Sr. Faustino saiu, me cumprimentou e foi embora, então fui a sua sala e perguntei o que meu sogro queria com ele.

Disse-me que Sr. Faustino queria contratá-lo, para que entrasse com uma ação contra sua família, para requere judicialmente revisão da partilha de bens, em sua separação conjugal, alegando que teria sido lesado. Então dissera que o orientou que tentasse um acordo amigável, caso a família recusasse, aí sim entraria com a ação. Então pensei que talvez fosse melhor dar a ele o que pediu. O que vocês acham?

Diante da explanação de Claudio, todos concordaram, Dona Giselda daria 15 contos, e os três filhos mais 15 contos, totalizando assim os trinta. Nestor como o havia maltratado, quando estivera em sua casa, se recusou ir à casa do pai, lhe entregar o dinheiro, Fabiano se prontificou ir.

Como o amigo leitor deve se lembrar, na visita que Fabiano fizera à casa do pai para lhe entregar os trinta contos, não houve acordo, porque Sr. Faustino dissera que seu preço tinha subido para trezentos contos, então houvera um grande desacordo, Fabiano o maltratara com insultos e palavras ofensivas, e ele ouvira tudo calado.

Assim que Fabiano voltara da casa do pai, convocou uma reunião com os irmãos, na casa da mãe, mas não dissera o motivo. Todos compareceram, com seus cônjuges. Fazendo uso da palavra Fabiano ainda indignado com a contraproposta, que ouvira do pai, devolvera a cada qual, o valor que havia dado para que ele

entregasse ao pai, e revelara o que lá acontecera, e o que dissera a ele. Que ele entrasse na justiça, se quisesse.

Então Claudio dissera: – Sabem o que acontecerá se Sr. Faustino pleitear judicialmente a revisão da partilha de bens?

Todos olharam para ele, mas ninguém arriscou dar sua opinião, então Claudio com muita tranquilidade explicou: – Qualquer juiz concederá a ele, metade do valor da venda do sítio, seiscentos contos. Teremos que devolver o que recebemos, ou seja: O juiz sentenciará, que o valor seja dividido, entre ele e Dona Giselda igualmente. Então cada um fará com sua parte aquilo que desejar.

Fabiano dissera em tom agressivo a Claudio: – Você não é nem advogado, agora virou vidente para saber o que juiz irá decidir?

Claudio respondera: – Ainda não sou advogado, estou começando meu terceiro ano, mas sei ler, e interpretar. Essa questão de direitos de bens entre cônjuges, em caso de separação conjugal, garante a cada um dos cônjuges direitos iguais, a não ser que um dos cônjuges abdique judicialmente sua parte em favor de outrem. Como a separação entre Sr. Faustino e Dona Giselda fora consensual, a justiça lhe assegura o direito de reivindicá-la a hora que quiser, principalmente se tiver ocorrido quebra de acordo daquilo que fora combinado.

Dona Giselda intercedeu dizendo; – Não ocorreu nenhuma quebra de acordo, ele renunciou a sua parte de livre e espontânea vontade, para ficar com aquela vagabunda.

Claudio rebatera dizendo: – Essa será a palavra da Senhora, contra a dele, que pode alegar que renunciara a sua parte no sítio, na condição que não seria vendido, o sítio fora vendido sem seu consentimento judicial, logo caracteriza quebra do combinado.

Nestor reagiu dizendo: – Estamos dando crédito para a opinião de um contínuo de advogado, que não sabe o que está falando. Vamos consultar um jurista de verdade, em vez de ficar ouvindo besteiras.

Claudio perguntou ao cunhado: – Você sabe o que significa jurisprudência?

— Não sei, me explique?

Fabiano dissera: – Eu sei perfeitamente, o que significa jurisprudência.

— Explique para seu irmão que essa questão de partilha de bens, é assunto que se tornara jurisprudência há muito tempo, nenhum tribunal consegue derrubar, é questão de direito assegurado aos cônjuges. O juiz vai determinar que seiscentos contos pertencem ao Sr. Faustino, e seiscentos contos a Dona Giselda. Caso vocês não aceitarem o acordo proposto por ele, trezentos contos, pagarão seiscentos, e arcarão com as custas do processo, por ele ter proposto um acordo, e

vocês optaram pela via judicial, e o perdedor arca com os custos.

Dona Giselda protestou dizendo: – Isso quer dizer que seremos obrigados dar a ele trezentos contos?

Claudio defendera o sogro, dizendo: – Ninguém está sendo obrigado a nada, ele está pedindo apenas metade, do que a Lei lhe assegura. Não se esqueçam que amanhã expira o prazo concedido por ele.

Fabiano perguntara: – Como dividiremos esse valor?

Cristina que até então permanecera calada, apenas ouvindo, dissera: – Lembram que na primeira reunião pedi que déssemos a ele os trinta contos, vocês não aceitaram. Agora estou fora, usamos todo dinheiro que recebemos para quitar a hipoteca do financiamento de nossa casa, e o Banco não vai desfazer a negociação.

— Dona Giselda sentenciou: – Então daremos cem contos cada um de nós três.

Claudio dissera: – O máximo que podemos fazer, é levar amanhã os trezentos contos para ele, em sua casa.

Conclusão o dinheiro do sítio ficaria assim distribuído: Dona Giselda 400 contos, Sr. Faustino 250 contos, Fabiano 160 contos, Nestor 160 contos, Cristina 170 contos, Sr. Filomeno 60 contos. Essa é a explicação.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 20/02/2024.





A Recaída de Armando

COMO OS TREZENTOS CONTOS foram entregues ao Sr. Faustino, quando Dona Eva chegou do trabalho, o marido a chamou para uma conversa, e lhe dissera que fora orientado por um amigo Advogado, entrar com uma ação na justiça, para revisão da partilha de bens, referente a sua separação com Dona Giselda, mas antes tentasse um acordo amigável, então pedira duzentos contos, e para sua surpresa fora atendido. E pretendia com esse dinheiro, comprar uma boa casa para eles morarem, talvez próxima à escola que lecionava, livrando assim do aluguel e do transporte coletivo. Dona Eva demonstrara ter ficado muito feliz, e dissera que estava de acordo.

Com referência aos outros cem contos, pagaria todas suas dívidas com os amigos, em torno de trinta contos, sem que Dona Eva ficasse sabendo, que precisara se endividar. A pedido de Claudio e da filha, iriam com o carro de Cristina, fazer uma visita ao sítio, na casa de Sr. Filomeno, e lhe entregariam os cinquenta contos, negligenciados por Dona Giselda e os dois filhos, sem lhe revelarem o que de fato acontecera. E com os vinte restantes talvez comprasse para seu uso, e da esposa, um carro usado.

Não seria necessário descrever a satisfação de Sr. Filomeno, Dona Rosália, Lúcia e Vivi, ao receberem a visita do antigo patrão, acompanhado da filha Cristina, do genro Claudio e do netinho Clovis. Conversando com Sr. Faustino, revelou que provavelmente a filha Lúcia se casaria, com um rapaz que estivera ali lecionando no passado, no final ou começo do próximo ano. E se mudaria para Capital onde ele morava e trabalhava. Depois pretendiam mudarem, para sede do município, mas certamente não conseguiriam comprar a casinha que tanto desejavam, porque contavam com uma gratificação prometida por Sr. Domingos, quando comprara o sítio, mas depois não mais falara sobre o assunto. Então Sr. Faustino lhe entregara os cinquenta contos, apenas na presença de Dona Rosália. Não tentaremos retratar com palavras a gratidão exterior-

rizada pelo casal, certamente não conseguiríamos, deixamos que cada um imagine à sua maneira, por conhecermos a pureza e a simplicidade de seus espíritos humildes. Quando em lágrimas agradeceram e abraçaram Sr. Faustino, o abençoando, desejando-lhe que fosse eternamente feliz ao lado de Dona Eva, e que faziam questão da presença dos dois no casamento de Lúcia. Apesar de ter sido uma visita breve, fora o melhor presente que receberam em toda vida. Com o pouco que possuíam, a conquista da casa própria não seria mais um sonho impossível, de repente se transformara em realidade.

No mês de outubro aparecera uma viatura da polícia, na sede da Fazenda Barro Preto, a bordo Cabo Lúcio e o detetive Sr. Ari, nossos conhecidos, e do gerente Sr. Roque, que os convidaram para adentrarem, e sentaram em cadeiras, em uma enorme varanda conjugada à casa sede. Cabo Lúcio viera dar satisfação, de todo esforço e dedicação deles, e de seus colegas policiais, impetrado durante quase seis meses, de intensas investigações, para desvendarem o assassinato do jovem vaqueiro Basílio, mas resultaram inúteis. E o nome do até então, provável suspeito Sr. Catarino Castanheiro, não fora encontrado registrado em nenhuma ficha constante, nos arquivos da polícia, portanto não poderiam atribuir a ele, nem o status de suspeito. Sr. Roque em caráter confidencial os revelara que a mais ou me-

nos quatro meses, Sr. Catarino, a esposa, a filha e a netinha haviam se mudado da Fazenda, sem dizer para onde iriam. Que os levaram até um ponto onde pudessem tomar um ônibus, e que descobrira um fato que não revelara a ninguém, por considerá-lo controverso, que talvez tenha sido o motivo de sua mudança. A neta dele, não poderia ser biologicamente filha do professor Armando, conforme fora por ele intensivamente propagado à época, chegando ameaçá-lo de morte. Não obstante a mãe ser praticamente branca, a filha uma garotinha totalmente negra, provavelmente seu genitor deveria ser o trabalhador temporário que muitos aqui conheceram, por nome Odilon, que estivera trabalhando nas roças, de Sr. Catarino durante alguns meses, e que esse tempo todo havia se hospedado, em um cômodo externo, anexo à casa em que moravam, de repente pediu as contas e foi embora.

Cabo Lúcio e o detetive Sr. Ari, ouviram concentrados o depoimento voluntário de Sr. Roque, uma pessoa confiável, discreta e sensata, então Cabo Lúcio comentara: – Nossa profissão de policial, aos olhos de muitos, parece fácil e simples. Mas na verdade é difícil e complexa, estamos sujeitos precipitarmos, e cometermos equívocos e injustiças graves, por essa razão, enquanto não reunirmos elementos suficientes que comprovem um delito, é preferível deixá-lo inconcluso, que punir indevidamente um inocente.

Nesse mesmo mês de outubro Armando reaparecera pela primeira vez, para visitar Lúcia. Ultimamente à cada dez cartas que Lúcia remetia, recebia uma dele. Aquele seu sonho colorido, desbotava a cada dia. Então lhe escrevera, uma carta definitiva, dizendo que aquela seria a última, que não precisaria mais voltar, que ele não era quem pensara que fosse. Então Armando viera em pessoa para redimir-se, e obter aquilo que jamais ela consentiria. Chegara em um sábado na casa de Sr. Filomeno, encontrara somente Lúcia e Vivi, seus pais haviam saído com a carroça de Ananias, para fazerem compras em um vilarejo, um pouco distante. Armando chegara dirigindo um carro praticamente novo, dizendo ser dele. Mas Lúcia percebera que Armando estava mudado, com os olhos avermelhados, como se estivesse drogado. Assim que ficara a sós com ela, dissera que no domingo precisaria ir embora. Viera para dizer pessoalmente que teriam que adiar o casamento, com uma conversa estranha, que havia sido promovido na firma que trabalhava, assumira muitas responsabilidades, e não poderia se ausentar, contrariar às ordens e os interesses do patrão, porque seu salário fora duplicado. Que havia vendido o apartamento e comprado uma casa bem melhor, e estava endividado, precisaria no mínimo seis meses, para equilibrar sua situação novamente. Mas que não dissesse nada aos pais quando chegas-

sem. Desde que chegara fumava compulsivamente, e pelo hálito Lúcia percebera o cheiro forte de bebida, o repelira toda às vezes que tentara abraçá-la, para beijá-la, seus modos eram inconvenientes e desrespeitosos, como se ela fosse uma desfrutável qualquer, ao ponto de fazê-la começar chorar desesperadamente. Porque percebera que com aquelas suas atitudes, viera até ela, com as mais sórdidas das intenções. O deixara sozinho e correria para seu quarto e fechara a porta.

Vivi a viu deixar o namorado e sair chorando, bateu na porta do quarto, Lúcia abriu, ela entrou e perguntou o que havia acontecido. Lúcia dissera chorando:

— Armando está completamente alterado, me dissera umas coisas estranhas, seus olhos estão vermelhos, cheira bebida, fuma sem parar, tentou passar a mão nas minhas pernas e nos meios seios, o repreendi e ele me disse coisas obscenas. Espero que papai e mamãe, cheguem logo. Estou com medo dele.

Vivi dissera: — Você está me assustando, vou até a casa de Ananias e Iraci, pedir que venham aqui, e fiquem até papai e mamãe chegarem, vou sair pelos fundos para que não me veja saindo.

Lúcia concordou, Vivi saiu, ela trancou a porta novamente. Em dez minutos os três chegaram, Vivi e Iraci foram para o quarto onde estava Lúcia, Ananias fora até o carro onde encontrara Armando, sentado no ban-

co, a porta estava aberta, ele com um litro de bebida nas mãos, o cumprimentou, depois perguntou:

— Está acontecendo alguma coisa Armando?

— Não está acontecendo nada, aceita um trago de vodca?

— Obrigado, eu não bebo.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 22/02/2024.





A Desdita de Lúcia

NÃO DEMOROU MUITO, SR. FILOMENO e Dona Rosália chegaram, viram o carro parado sob uma árvore em frente à casa, Ananias foi ao encontro deles, Dona Rosália perguntou de quem era aquele carro? O genro lhe dissera: – De Armando.

— Onde está ele?

— Está bêbado, dormindo no banco de trás do carro.

Assim que ouviram a conversa no terreiro, as três saíram da casa, Lúcia chorando, fora abraçar a mãe, e dissera o que havia acontecido. Começaram retirar as compras da carroça, nisso ouviram e viram um carro da polícia chegando. Dois policiais acompanhados de um Senhor, desceram da viatura, foram até o carro, e viram

através do vidro, Armando dormindo no banco traseiro, mas não o acordaram.

Os policiais chegaram até onde estavam, cumprimentaram a todos, depois perguntara: – Esse rapaz que está no carro é vosso parente?

Sr. Filomeno dissera: – É namorado de nossa filha Lúcia.

— Como é o nome dele, e onde mora?

Lúcia respondera: – Chama-se Armando Felício Pereira, mora e trabalha na Capital.

— É ele mesmo que procuramos. Esse carro que está com ele fora roubado, à mão armada, na noite de ontem, vamos acordá-lo e revistá-lo, ele deve estar portando uma arma, é bom que todos entrem na casa.

Imediatamente todos se esconderam na área dos fundos, os dois policiais foram até o carro, abriram a porta, e o retiraram ainda sonolento, enquanto um deles o revistava, o outro o algemara, como não encontraram nenhuma arma com ele, um deles passara revistar o carro, encontrara no porta-luvas uma arma automática, de grosso calibre, e uma sacola plástica com uns cem gramas de um pó branco, provavelmente cocaína, e no banco traseiro onde estava deitado, um litro de bebida importada quase vazio. O policial acenou que todos poderiam se aproximarem.

Assim que todos se aproximaram, o policial perguntara ao Senhor: – Fora ele quem o assaltou na noite de ontem?

O Senhor confirmou movimentando a cabeça. Armando despertou, olhou para o Senhor, para os policiais, para Lúcia e seus familiares, debruçou sobre o capô do carro, escondendo o rosto. Os policiais o pegaram pelos braços, e o conduziram até a viatura, abriram a porta traseira e o empurraram para dentro, num pequeno compartimento com grades de ferro, e fecharam a porta. Depois voltaram, e começaram explicar à família de Sr. Filomeno, como tudo acontecera. Lúcia não quisera ficar para ouvir, saiu chorando entrou na casa, e foi para seu quarto, não acreditando que tudo aquilo pudesse estar acontecendo.

Os policiais disseram que o assalto ocorrera na cidade sede do município, justamente onde moravam seus pais e seu irmão. O Senhor Orlando saía de um restaurante com a esposa, as dez horas da noite, quando foram surpreendidos por Armando com uma arma na mão, pedindo as chaves do carro, percebera que estava drogado, então entregou-lhe as chaves, ele entrou no carro, deu partida e saiu em velocidade, então fora a Delegacia e registrara a ocorrência, e dissera que o carro tinha pouco combustível no tanque, que para sair da cidade, precisaria abastecer, comunicaram todos os postos de combustíveis. Os policiais o procuraram durante à madrugada, mas não o encontraram. Na manhã do sábado continuaram procurando, e ficaram sabendo que Armando havia abastecido o carro as dez horas, em

um posto de gasolina, avisaram a polícia, e indicaram a direção que teria seguido, e saíram em seu encalço, vieram perguntando e acabaram o localizando.

Agora ficaria detido, iriam investigar seus antecedentes, para avaliarem a gravidade dos delitos que praticara, assalto à mão armada, posse de arma, e uso e posse de drogas, prisão em flagrante, na posse do produto do roubo, dirigir embriagado. No caso de reincidência dificilmente seria posto em liberdade, sem cumprir uma boa pena.

Se despediram do pessoal, Sr. Orlando fora dirigindo seu carro, e os dois policiais na viatura, levando o meliante. Ananias e Iraci muito sensibilizados com a desdita de Lúcia, pegaram sua carroça e foram para casa. Sr. Filomeno, Dona Rosália e Vivi, arrasados pelo acontecido, nunca imaginariam que Armando seria capaz de cometer deslize tão grave. Na verdade, tudo o que eles sabiam sobre Armando, fora ele quem dissera, que trabalhava, tinha bom salário, apartamento. Mas Armando não era uma pessoa confiável, sua conduta nos poucos meses que lá morou, revelou ser um rapaz mentiroso e irresponsável, fora muito insuficiente como professor, e nos relacionamentos amorosos que tivera na época. Um lobo disfarçado em pele de carneiro. Como nada acontece por acaso, aquilo que aparenta ser uma desdita para Lúcia, pode reverter-se, e acabar se transformando numa benção, como preceitua o adágio,

“Há males que vêm para o nosso bem”. Uma moça correta, sincera e honesta como Lúcia, não mereceria ser ludibriada por alguém como Armando.

Dissemos atrás nesses nossos relatos, nada como um dia atrás do outro, a verdade quando é intencionalmente distorcida, é como a água turva, que vai rolando sobre pedras e calhaus, e com o decorrer do tempo e do espaço percorrido, acaba por revelar-se pura e cristalina. Lúcia não ficara para ouvir o policial dizer, que seria feito uma devassa nos antecedentes de Armando, talvez em sua pureza e inocência, nem desejasse que isso acontecesse, Lúcia construíra um castelo de sonhos, sobre palavras e promessas. Não sabia ela que o passado de Armando, era comprometedor. Se aqueles poucos meses que morou na comunidade, cometera muitos desatinos. Aqueles três anos que morara na Capital, poderia ter cometido coisas piores, e se isso acontecera a polícia certamente descobriria.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 23/02/2024.





Casa Nova, Vida Nova

COMO PROMETERA AQUELA FORA a última carta que Lúcia escrevera, quando pensava em Armando não conseguia conter as lágrimas, que brotavam de seus olhos. Mas o tempo tem o poder de aplacar, a dor de uma paixão, e até mesmo de um amor subitamente interrompido. Como ela mesma dissera, a escola e as crianças lhe consolavam, sem eles certamente, seria ainda mais difícil.

E o mês de dezembro chegara, e com ele, o fim do ano letivo. Sr. Filomeno depois que recebera aquela importância de Sr. Faustino, decidira se mudar com a família, o casamento de Lúcia, fora somente um sonho que não se concretizou, então fora até a casa de Sr.

Domingos, lhe comunicar que uma semana antes do Natal, se mudaria com a família, para cidade sede do município, viera lhe agradecer, por ele ter permitido que continuassem morando na casa, até que Lúcia honrasse o compromisso que fizera, de lecionar até o final daquele ano, com a Secretaria de Educação, e com os moradores da localidade, então Sr. Domingos lhe dissera:

— Lamentamos muito que decidiram se mudar, significará uma dupla perda para nossa comunidade, a ausência de vocês, e da professora Lúcia, que prestara um grande serviço à nossa população, mais especificamente as nossas crianças, acredito que esse é o sentimento de todos daqui. Quando comprei o sítio da família Balestiero, não sei se o Senhor está lembrado, lhe prometi uma gratificação, que propositadamente não cumpri até hoje, por entender que um dia se mudariam, e nesse momento precisariam desse dinheiro. Quero entregar-lhe esse cheque, que certamente lhe será bem útil, nesse momento, e me perdoe se não o fiz na época.

Não seria necessário dizer o quanto Sr. Filomeno ficara agradecido, entendera, que o fato dele permitir que continuassem morando na casa, já havia cumprido com sobra, o que prometera, porque o que fizera na época, não significara nenhum trabalho, e a família Balestiero já o havia recompensado generosamente.

Na véspera da mudança, Dona Sandra acompanhada do marido, Sr. Alfredo, foram até à casa de Sr.

Filomeno, ambos se consideravam como se fossem parentes, pertencerem a mesma família, pelo fato dos filhos Ananias e Iraci, serem casados. E um motivo a mais solidificava, a união daquelas duas famílias, Iraci estava em seu terceiro mês de gestação, e esse acontecimento era motivo de felicidade para todos. Depois de conversarem algumas horas, no momento de irem embora, Dona Sandra entregara a Lúcia um envelope, dizendo que continha uma pequena quantia para ela, presente das mães de seus alunos. Lúcia muito emocionada, não estava chorando, mas quem olhasse seus olhos, perceberia que estavam umedecidos, pedira a Dona Sandra que agradecesse a todas, dizendo que não seria necessário nada daquilo, aquele era seu trabalho.

Faz-se oportuno lembrar que Vivi, logo completaria dezessete anos, e nascera alguns dias depois que Sr. Filomeno e Dona Rosália, mudaram para o sítio de Sr. Faustino, Iraci tinha à época apenas quatro anos, e Lúcia dois aninhos.

Sr. Filomeno e Dona Rosália ao longo da vida, conseguiram economizar algum dinheiro, com os sessenta contos, que recebera da família Balestiero, mais trinta contos, do Sr. Domingos, estariam preparados para realizar a mudança, comprarem uma casa, até o valor de cem contos, isso significava à época, que seria suficiente para adquirirem uma boa casa, muito bem localizada. Não obstante os acontecimentos desagradáveis, ocorri-

do naquele final de ano, referente a prisão de Armando, aquele tinha tudo para ser um feliz Natal, para a pequena família de Sr. Filomeno e Dona Rosália, com perspectiva de um excelente Ano Novo, porque assim como Sr. Filomeno, Lúcia e Vivi pretendiam conseguir um trabalho nos primeiros dias do próximo ano.

Lúcia não conhecia os pais de Armando, sabia apenas que agora moravam na mesma cidade, o pai se chamava Sr. Eugênio, e a mãe Dona Celina, mas não fazia ideia do endereço de onde moravam. Lúcia fora fazer uma visita ao Sr. Altamiro, na Secretaria de Educação Municipal, por ser final de ano, e período de férias, o local estava bem desolado, por felicidade encontrara quem procurava. Sr. Altamiro ficara muito feliz com sua visita, então Lúcia aproveitara para dizer que ela e a irmã, pretendiam trabalhar, como ele deveria ter muitos amigos na cidade, quem sabe não poderia ajudá-las. Sr. Altamiro dissera, que possivelmente no início do ano, surgiria uma vaga de escriturária naquela Instituição, caso viesse se confirmar, não iria esquecer de indicá-la para ocupá-la, Lúcia ficara muito feliz, e acabara se lembrando, e perguntara se acaso, teriam lá na Secretaria, registro do endereço dos pais de Armando, que gostaria saber notícias dele.

Sr. Altamiro dissera-lhe que não só tinham o endereço deles, como já havia ido pessoalmente algumas vezes na casa, que era amigo de seu pai Sr. Eugênio, cuja

profissão era pedreiro. Como a cidade não era assim tão grande, lhe explicou onde se localizava a casa, e acabara comentando a grande repercussão que tivera o roubo do carro, praticado por Armando, mas não saberia dizer o que lhe teria acontecido depois. Lúcia deixou com ele seu endereço, se despediu e foi embora.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 23/02/2024.





O Verdadeiro “Professor Armando”

O DESEJO DE SABER NOTÍCIAS DO ex-namorado, o fez ir até onde seus pais moravam. Apertou a campainha no portão, apareceu uma Senhora, ela perguntou:

— É nesse endereço que moram Sr. Eugênio e Dona Celina?

Ela respondeu: – Eu sou Celina.

— Eu poderia entrar para conversar com a Senhora?

— Por favor, entre, vamos conversar lá na área do fundo.

Assim que chegaram à área do fundo, Lúcia dissera a Senhora: – Eu me chamo Lúcia, não sei se Armando chegou falar sobre meu nome a Senhora, morava com

meus pais, lá na comunidade rural onde ele lecionara por uns tempos, depois ele voltara para passear no mês de abril, e começamos namorar, na verdade fora um namoro muito breve, mais através de cartas, prometeu voltar para visitar-me, no mês de julho, mas só retornou no mês de outubro, quando infelizmente fora preso.

— Lúcia Armando sempre fora um filho muito estranho, nunca falara nada sobre você, mas isso era muito próprio dele, não falava sobre sua vida a ninguém, aonde ia, como vivia, se estava doente, o que fazia, se tinha alguma namorada, se estava bem ou não, desde pequeno fora assim, então nem perguntávamos, porque nada respondia. Durante o tempo que esteve fora, deve ter mandado no máximo três cartas, que mais pareciam bilhetes. Depois que concluiu o ginásio, se recusara continuar os estudos, nem aceitara ajudar o pai em seu trabalho, então começamos ter muitos problemas com ele, má companhias, drogas, cigarros e bebidas.

— Engraçado, com a gente ele se abria, suas cartas no princípio, eram longas e muito bem escritas, mas percebia que nem tudo que dizia era verdade, gostava de falar que tinha bom emprego, bom salário, apartamento, depois vendera o apartamento comprara uma boa casa, e se endividara. Não dissera essas coisas pra vocês?

— Isso nunca acontecera, nem deveria dizer essas coisas a você, mas conhecera um Armando que não

existia, enquanto estivera preso aqui, a polícia investigou sua vida durante esses três anos lá na Capital, e descobrira coisas terríveis, que não sou capaz de revelar, porque é difícil para uma mãe aceitar e acreditar.

Nisso ouviu-se o portão da frente se abrir, chegara o pai de Armando, Sr. Eugênio, a esposa lhe apresentou Lúcia, e dissera ser uma antiga namorada do filho, que conhecera lá onde fora lecionar por uns tempos, que ela continuasse a conversa com ele, que iria preparar o almoço dele.

Sr. Eugênio muito simpático, começou dizendo: — Não compreendemos, criamos cinco filhos, da mesma maneira, com o mesmo carinho, e o mesmo amor, mas Armando saíra diferente dos outros, desde pequeno nos deu muito trabalho, enquanto os outros quatro, estudaram e começaram trabalhar cedo, sem nunca reclamar, Armando nunca aceitou o trabalho. Nem trabalho, nem estudo. À propósito foi por sua causa que Armando, deixou à escola e fugiu para Capital?

— Não, começamos namorar depois, quando ele fora passear na comunidade no mês de abril, prometera voltar a cada três meses, e só apareceu no mês de outubro, quando fora preso, agora nos mudamos para essa cidade, descobri vosso endereço, e vim até aqui, para saber notícias dele?

— Minha filha, esqueça o Armando, acreditamos que ficará preso por muito tempo. A polícia descobriu

coisas terríveis que fizera nesses últimos três anos, na verdade foram dois anos, porque o primeiro ano, descobriu-se que ficara preso, numa instituição para jovens infratores. Saiu da cadeia pior de quando entrara, diria que entrou como aluno, e saíra como professor. Porque no começo, fazia parte de uma quadrilha, de traficantes de drogas, quando saiu da cadeia, passara ser o chefe de uma quadrilha de assaltantes. Não seria capaz de revelar tudo que fizeram, mas até Bancos assaltaram, latrocínios e estupros, seus comparsas uns morreram, outros estão presos, ele nunca fora pego, passou viver foragido da polícia, até encontrar o caminho das drogas e da bebida novamente. Segundo os policiais não ficará menos que trinta anos na cadeia, ou se não for morto lá dentro. É triste como pai lhe dizer essas coisas, do próprio filho, Armando desgraçou a vida de muitas pessoas inocentes.

Lúcia com um lenço enxugava as lágrimas, perguntara: – Onde ele se encontra agora?

— Isso a polícia não diz, depois que o levaram daqui, fora para um presídio de segurança máxima, onde estão detidos os bandidos mais perigosos, eu e Celina, nesses últimos meses, choramos todas as lágrimas que tínhamos, peço para que não comente essas coisas com ninguém, para seu próprio bem, o esqueça, tire o de sua cabeça, e de seu coração, quem o vê, não imagina do que é capaz de fazer. Pelo menos preso, não fará mal a ninguém.

Nesse momento Dona Celina retornou, e percebeu que Lúcia chorava, lhe dissera com carinho: – Lúcia querida, venha almoçar com a gente, já coloquei seu prato na mesa, depois gostaria de lhe perguntar uma coisa.

— Está bem Dona Celina, não sei se conseguirei almoçar, mas farei companhia a vocês. Onde poderia lavar o meu rosto?

— Por favor, venha até aqui na pia do banheiro.

Apesar da comida estar muito caprichada e asseada. Nenhum dos três conseguira comer direito, apenas fingiram almoçar. Assim que Sr. Eugênio despediu-se de Lúcia, para voltar ao trabalho. Dona Celina um tanto desconfortável, lhe perguntara: – Armando chegara fazer algo de errado com você minha filha?

— Não Dona Celina, como disse a Senhora, nosso namoro fora mais através de cartas, apesar de gostar muito dele, nos momentos que estivemos juntos, ele me respeitou o tempo todo, até cheguei pensar que seríamos felizes juntos.

— Graças a Deus minha filha. Pena que isso não aconteceu com muitas de suas namoradas, a polícia descobriu contra ele, cinco denúncias de paternidade, cinco netos que jamais conheceremos.

Lúcia ouvira tudo que jamais pensara ouvir, que Armando fosse capaz de fazer, então lembrou-se da voz que sussurrara algumas vezes em seu ouvido: “Esse rapaz não é confiável”. Apesar de ter sido seu primeiro

amor, seu primeiro namorado, iria esquecê-lo, ou tentaria esquecê-lo, talvez quando um dia aparecesse em seu caminho, um rapaz simples e trabalhador, nem precisaria ser tão bonito, quanto ele, queria apenas que uma voz viesse sussurrar em seus ouvidos: “Esse rapaz ti ama, e é confiável”.

Passado o dia de Ano Novo, houvera uma reunião de funcionários, na Secretaria de Educação do Município, e entre os assuntos abordados, fora aventada a possibilidade de se contratar pelo menos um funcionário, para executar o cargo de escriturário, por tempo indeterminado, devido alguns afastamentos por motivos de saúde, Sr. Altamiro aproveitou-se e fez referência à professora Lúcia, que estava desempregada, por ter se mudado recentemente para aquela cidade. Como seu trabalho como professora fora muito elogiado, e comentado no âmbito daquela Instituição, ninguém contestou a indicação, e ficara decidido, caso fosse confirmada a vaga, ela seria chamada, e aproveitada para exercer a função.

Antonio Martinez Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 24/02/2024.



Um Caso Inusitado |

A PESAR DE VIVI NÃO TER A MESMA vocação para o estudo, decidiu que assim que comesçassem as aulas, iria se matricular, talvez agora mais adulta, encontraria mais facilidade, ou conheceria pessoas de sua idade para fazer amizades, e quem sabe alguma dica para algum trabalho, socada em casa, ninguém a conheceria. Principalmente quando Lúcia dissera aos pais, sobre a possibilidade de vir trabalhar na Secretaria de Educação.

Sr. Filomeno à princípio decidiu aceitar qualquer tipo de trabalho como diarista, serviços braçais como estava acostumado fazer, até Dona Rosália cogitara a possibilidade de fazer algumas faxinas, mas os três lhes proibiram

veemente, que saísse de casa para trabalhar, o que ela fazia dentro daquela casa já era o bastante. Por enquanto as coisas estavam indefinidas, mas à medida que iriam conhecendo pessoas, certamente tudo se ajeitaria.

Faz-se oportuno reportar-nos, ao que acontecera com a pequena família de Sr. Catarino, depois que saíra da Fazenda Barro Preto. Dificilmente os filhos que ficaram por lá, plantando algodão, viriam os pais novamente. Isso porque, Porfíria, a única pessoa capaz de escrever uma carta, para dizer aos irmãos, onde estavam morando. Poucas semanas depois que se estabeleceram em um barraco, de uma favela, na periferia de uma grande cidade, da região nordeste, conhecera um rapaz negro, que se chamava Juca, que tinha uma certa semelhança com Odilon, o pai biológico de Letícia, e desaparecera com ele, para onde foram, não sabemos dizer. O que sabemos, que isso magoou profundamente Sr. Catarino, não tanto pelo fato dela ter fugido com Juca, mas por ter abandonado a própria filha. Agora ficara morando no barraco, apenas Sr. Catarino, Dona Balbina, e a pequena Letícia, que depois de alguns meses, de convivência com outras crianças, aprendera falar uma linguagem inteligível, estava mais sociável, e já brincava com o avô, que continuava da mesma forma ranzinza com os vizinhos com a esposa, com a neta, e com o mundo. E seu propósito agora seria, quando encontrasse a filha Porfíria, e o negro Juca, matá-los, para

encerrar de vez, sua carreira de matador, porque na verdade, se cansara dessa vida. Não sabia ele, que a justiça dos homens nunca iria importuná-lo, que logo seriam esquecidos, e prescritos. Não sabia ele que todos aqueles seus crimes, ficariam grafados indelevelmente em sua consciência, e por onde quer que ele fosse, sempre estariam lhe acompanhando, até o dia que decidisse repará-los, para livrar-se deles. Então teria que sofrer e chorar, tudo aquilo que fizera suas vítimas sofrerem e chorarem.

Lá na comunidade dos Pedrosas, mais especificamente na escola, acontecera um fato inusitado. A Secretaria de Educação do Município, contratara para aquele ano, uma professora que se chamava Ivete, ou melhor, Dona Ivete, que era casada com Sr. Oto, tinham um casal de filhos, ainda bem novos, o menino com quatro anos, a menina com dois anos. À princípio ela fora contratada para ser a professora da escola, acontecia que Dona Ivete era excelente professora, mas gostava apenas de alfabetizar crianças, no máximo ensinar os alunos da segunda série. Enquanto Sr. Oto, tinha apenas o curso primário, mas muito inteligente, e não encontrava nenhuma dificuldade para ensinar os alunos de terceira e quarta, séries. O esquema estava funcionando a contento, Sr. Oto ensinava os alunos de terceira e quarta série, pela manhã, à tarde ficava com os filhos. Dona Ivete ficava com os filhos durante a manhã

no alojamento à tarde ensinava os alunos da primeira e segunda série.

Mas como sempre, a verdade demora mais a aparecer, sem que ocorresse qualquer tipo de denúncia, Sr. Altamiro descobrira o esquema, como os alunos, e seus pais estavam satisfeitos, pensara até ser conivente, e não levar o assunto ao conhecimento de seus superiores, mas se descobrissem sem serem comunicados, Sr. Altamiro corria o risco de ser demitido, por justa causa, por aceitar a irregularidade. Então dissera ao seu superior imediato, e ouvira dele, que não poderia ser daquele jeito, a professora contratada era Dona Ivete. O chefe deliberara ir até lá pessoalmente, acompanhado de Sr. Altamiro, para desfazer o esquema.

Assim que comunicara a professora, que ela teria que ensinar todos os alunos, que seu marido não poderia atuar em seu lugar. Dona Ivete fora franca e realista, dissera:

— Se não pode ser assim, podem arrumar outra professora, estamos deixando a escola, e nos mudando.

Diante do posicionamento inflexível e irredutível da professora, Sr. Ignácio, ficou sem saber o que fazer, encontrar outro professor para substituí-la, naquela época do ano, quase impossível, Sr. Altamiro argumentou, se Lúcia ainda morasse lá, seria fácil, mas Lúcia agora trabalhava como escriturária, dentro da Secretaria.

Como Dona Ivete dissera que teria de ser daquela forma, ou se demitiria, Sr. Ignácio recuou, dizendo que continuassem o esquema, até que se encontrasse uma solução, os alunos não poderiam ficar sem as aulas.

Agora outro problema havia sido criado, se o escalão superior descobrisse a irregularidade, ambos corriam o risco de serem demitidos por justa causa, então fora feito um pacto de silêncio entre Sr. Altamiro e Sr. Ignácio, para que ninguém mais soubesse da falcatura, da professora Ivete, que apesar de ter feito o curso de magistério, não conseguia ensinar os alunos da terceira e quarta série, porque sempre trabalhara com alfabetização de crianças, e nisso era reconhecidamente competente.

Não sabemos identificar as causas, mas a escola daquela comunidade, nos últimos anos, constituiu-se em problema permanente para Secretaria de Educação, na verdade Lúcia exercera a função irregularmente por mais de dois anos consecutivos, por ser ainda menor de idade, mas a população era complacente, o que não admitiam era que as crianças ficassem sem estudar.

Mas tudo haveria de dar certo, Sr. Oto assim como Lúcia, tinham apenas o curso primário, mas se dedicavam de corpo e alma, no exercício da função, eram considerados bons professores. O ato de ensinar não deixa de ser um dom, assim como em muitas outras profissões.

Vivi começara estudar à noite, até que não conseguisse coisa melhor, estava ajudando uma Senhorinha já de idade, que morava ao lado de sua casa, nos serviços domésticos, mas a decisão de estudar à noite dificilmente iria dar certo, porque logo nas primeiras semanas de aula, conhecera Carlos, um rapaz de vinte anos, que trabalhava em um escritório contábil, em vez de ir para escola, ficavam namorando na praça, iam no cinema, isso quase todas as noites.

Como sempre a verdade logo aparece, com certeza, não demoraria, seriam descobertos, e Dona Rosália controladora, até poderia aceitar aquele namoro, pois o rapaz aparentava ser gente boa, e Vivi tinha idade para namorar, mas não daquela forma, teria que ser monitorada, sob seus olhos percucientes, dentro de sua casa. Enquanto Lúcia era da casa para o trabalho, do trabalho para casa, estava se revelando ótima funcionária, uma exceção entre aqueles funcionários, considerados públicos, não demonstravam a mesma eficiência, dedicação e interesse.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 25/02/2024.



Eva, e Seu Paraíso Imaginário

VOLTANDO AO CASO SR. FAUSTINO e Dona Eva, concluímos que uma união, realizada nos moldes como fora realizada a deles, às chances de dar certo seriam remotas. Com o recebimento de parte do valor da venda do sítio, Sr. Faustino acertara todos seus compromissos com os amigos, adquirira uma boa casa, num bairro da cidade, próxima à escola que Dona Eva lecionava, mudaram-se, agora não mais dependia de transporte coletivo, nem carona dos colegas de trabalho, mas seu controle incisivo sobre seus procedimentos, não arrefecera, pelo contrário cada vez mais se acentuavam. Apesar de assimilar suas implicações com naturalidade, sem

esboçar nenhuma reação, com o tempo fora lhe irritando. Aquele seu ciúme injustificável, com o tempo fora lhe suscitando algumas ideias, Dona Eva passara afrontá-lo com atitudes desafiadoras, tentando impor sua conduta liberal, por entender que exercia um certo domínio sobre ele.

Faz-se oportuno revelar a principal razão, que motivara a separação de Dona Eva, de seu marido Júlio Cesar, essa união fora tumultuada desde o princípio, até então Dona Eva não era assim tão liberal, mas como o marido desde o início revelou-se ser assim, para freá-lo decidiu agir da mesma maneira, e a relação aberta, não resistiria cinco anos, o comportamento desvairado dos dois, acabara destruindo mais dois casamentos, conclusão, três casamentos dissolvidos, motivados por infidelidade conjugal.

Depois da separação Dona Eva, mesmo na condição de professora primária, poderíamos dizer que conduzia sua vida íntima privada, de maneira um tanto promíscua, não condizente com a função que exercia, o corpo docente feminino da escola em que lecionava, exigiram seu afastamento, então o Diretor da escola, colocara seu nome à disposição da Secretaria de Educação, para realocá-la em uma escola rural. E acabara acontecendo, o que já testemunhamos.

Não sabemos se Sr. Faustino depois que passara morar com ela, acabara descobrindo todas essas

particularidades de seu passado, um tanto nebuloso, começara alimentar esse ciúme doentio por ela. Até o dia que um seu amigo dissera a ele, que vira sua esposa em um carro, na companhia de um Senhor jovem, numa região suspeita da cidade. Fora o suficiente para retirar dele o restante de paz de espírito, que ainda restava, então passou vigiá-la sistematicamente, sem ela perceber. Até o dia que ele vira com seus próprios olhos, entrando em um carro, idêntico ao descrito pelo amigo, foi para casa disposto acabar de vez com aquela palhaçada, pensou melhor e decidiu fazer as coisa de uma maneira mais radical, a esperou chegar, quando chegara, perguntara por que havia chegado a aquelas horas. Dissera que estava participando de uma reunião de trabalho, na escola. Não dissera nada, mas não conseguira dissimular que havia descoberto, que a esposa não estava sendo sincera e honesta com ele. Dona Eva matreira como era, percebera que havia extrapolado o limite do aceitável, tentou dar um tempo, mas o comportamento do marido mudara desde então.

E o relacionamento apaixonado de outrora, perdera completamente o entusiasmo. Sr. Faustino adquiriu clandestinamente uma arma, e continuará seu trabalho de vigiá-la. Queria pegá-los em flagrante, e fazer justiça ao seu modo, mesmo sabendo que sofreria às consequências de seus atos, mas definitivamente, não tinha vocação para suportar

uma traição, principalmente de alguém, a quem ele fizera tudo para demonstrar que a amava. Convivendo com essa tenção emocional, preparado para entrar em ação a qualquer momento, seu coração fragilizado, sofria às consequências de sua pressão arterial alterada, sem apresentar nenhum sintoma que o alertasse, do eminente perigo que corria, de sofrer um infarto, como seu cardiologista o havia alertado. Numa tarde, enquanto aguardava ela sair da escola, para acompanhá-la de longe sorrateiramente, o trajeto que ela faria, da escola a sua casa, sofrera um mal súbito, caíra sem sentidos, na calçada da rua, depois de alguns momentos, fora socorrido por desconhecidos, levado em um carro, até o Hospital de emergências, mais próximo, onde fora diagnosticado, que sofrera um aneurisma cerebral, ao examiná-lo os médicos encontraram escondida com ele, uma arma de grosso calibre, completamente municiada. Decidiram guardar a arma, e não comunicar nada à polícia, assim que melhorasse certamente explicaria, o porquê levava consigo aquela arma.

De posse de seus documentos, não fora difícil encontrar o nome Balestiero, através da lista telefônica, ligaram incontinenti para o número de Dona Giselda, que impotente para decidir qualquer coisa, telefonara para os três filhos. Cristina fora a primeira chegar ao

Hospital, o pai já se encontrava internado na UTI, sob observação. Disseram que seu estado era instável, caíra na calçada da rua, e o socorro não fora imediato, em seguida chegaram Fabiano e Nestor. Os três fizeram uma breve reunião, para decidirem quem iria avisar Dona Eva, Cristina se prontificara ir, e trazê-la para que ficasse também ao seu lado.

Nessas horas de incertezas, as pessoas tendem deixar suas diferenças em segundo plano, e priorizarem o que consideram, essencial. Até Dona Giselda gostaria de estar com os filhos, ao lado do pai deles, mas só em pensar que poderia cruzar com a impostora, pelos corredores, ou salas de esperas, desistira da ideia. Ao ouvir o telefone tocar novamente, atendera, era Nestor dizendo que o estado de saúde do pai era delicado, e requeria cuidados especiais, somente no decorrer das horas, os médicos fariam uma avaliação mais conclusiva da gravidade de seu quadro cerebral.

Era quase noite, quando Cristina apertou o botão da campainha da casa do pai, Dona Eva veio abrir a porta, quando viu Cristina, tivera um mal pressentimento, perguntara:

— Aconteceu alguma coisa Cristina?

— Fomos avisados que papai sofreu um AVC, está internado na UTI, no Hospital de emergências, fomos até lá, mas não fora possível vê-lo. Vim avisá-la, se quiser posso levá-la até lá?

— Oh meu Deus, por favor, entre Cristina, espere-me um minuto, até trocar de roupas, quero ir até lá com você. Quando chegaram encontraram Fabiano e Nestor, Dona Eva que já os conheciam, cumprimentara os com educação, dissera a Cristina: – Vamos até onde ele se encontra?

Cristina atenciosamente concordou, saíram as duas em direção à rampa que as conduziriam ao segundo pavimento, onde numa ala privativa do Hospital, localizava-se a Unidade de Terapia Intensiva. Olharam por uma janela de vidros, viram o deitado imóvel em uma cama, monitorado por alguns equipamentos, depois sentaram-se em um banco confortável, da antessala, e ficaram aguardando. Passados dez minutos saíram pela porta da sala da UTI, um médico, as duas levantaram, o interceptaram, e o perguntaram sob o estado de saúde do pai, ele apenas dissera que as acompanhassem até sua sala, Cristina fora até onde os irmãos se encontravam, e os chamaram. Os quatro adentraram sua sala, ele pediu que se sentassem, todos se acomodaram em cadeiras, e uma pequena placa sobre sua mesa, o identificava: Dr. Sebastião Tolentino, Neurologista. Que começara dizendo:

— Acredito que todos sejam filhos de Sr. Faustino, vosso pai sofrera um Acidente Vascular Cerebral, cuja gravidade ainda não podemos precisar, o atendemos, internamos, medicamos, respondeu satis-

fatoriamente à medicação, recuperou parcialmente os sentidos, agora se encontra dormindo, seu estado até o momento é estável, mas sujeito a alterações, nas próximas horas, com possibilidade de risco. Como devem saber, a cidade possui Clínicas especializadas para acompanhamento, e tratamento dessas ocorrências, com serviços e recursos mais avançados, recomendaria que ele fosse removido o mais rápido possível, por não dispormos aqui desses recursos em caso de complicações. Nossos serviços de recepção, poderão assessorá-los encontrar esse local.

Os quatro conversaram e decidiram que fariam o que Dr. Sebastião recomendara. Assim que se levantaram, e o cumprimentaram, para irem à recepção, para surpresa de todos, o médico abriu sua gaveta, pegara a arma que se encontrava embrulhada em uma toalha de rosto, e dissera:

— Quando vosso pai chegara aqui, encontramos com ele essa arma, guardei-a aqui, peço que a levem com vocês, para entregá-lo depois. Cuidado, ela está travada, mas totalmente carregada.

Nestor pegou a arma com cuidado, pediu a bolsa de Cristina, e a guardou com jeito, e a ficou segurando, ninguém dissera nada, mas era muito estranho, que eles tivessem conhecimento, o pai nunca possuía uma arma, porque agora estaria portando uma, ainda mais carregada?

Se aquela arma tivera a intenção de mandar um recado, Dona Eva o captara imediatamente, o marido andava muito mudado ultimamente, quase não conversava, não a procurava, e percebera que a evitava, o que até a pouco tempo atrás não acontecia. Teria alguém a visto com seu novo namorado, e a denunciado, ou ele mesmo teria visto alguma coisa, qualquer uma das possibilidades, não só colocava seu casamento em risco, como sua própria vida. Faustino como ela chamava, era um homem excessivamente zeloso, ciumento, e nesse aspecto extremamente ignorante, orgulhoso e imprevisível.

Pensava consigo mesmo: “Poderia ter sofrido um infarto fulminante, então teria me libertado dele, e herdaria a casa em que moramos, na condição de viúva ninguém me tiraria de lá. Mas se tudo correr bem, o AVC o levará igualmente. Caso sobreviver, não sei como será”.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 26/02/2024.



Nossa Fé, Nossa Fortaleza

UMA DAS CLÍNICAS NEUROLÓGICAS mais famosas e conceituada da cidade, com uma UTI móvel, providenciou a remoção de Sr. Faustino, para as suas dependências. Dona Eva reservou um apartamento, para que os acompanhantes ficassem mais bem acomodados. Nessa Clínica, os acompanhantes poderiam revezarem, e ficar um de cada vez, próximo ao paciente. A primeira fazer companhia ao pai, fora Cristina, por alguns momentos se aproximara de seu leito, mas não percebera nenhuma reação do pai, ficou por meia hora, quando saiu estava chorando desoladamente. Ao chegar no quarto, Dona Eva a vendo chorar, a abraçou, e dissera que tudo haveria de terminar bem,

pediu licença e foi fazer companhia ao marido. Estavam os três irmãos no quarto conversando, a porta estava apenas encostada, ouviu-se uma batida, Cristina levantou-se, e foi ver quem batera, era Claudio seu marido, que havia saído da faculdade, e passara na Clínica para ver o sogro, Cristina o abraçou, recomeçou chorar, e dissera a ele, que o pai não estava nada bem.

Depois de cumprimentar os cunhados, fora com Cristina até a sala da UTI, uma enfermeira pediu que Dona Eva saísse, e Claudio ficara por uns cinco minutos ao lado do sogro, depois saíra e Dona Eva, retornara para junto do marido. Não seria possível avaliar a real gravidade da situação de Sr. Faustino, apesar de estar sendo devidamente monitorado, medicado e acompanhado pelos médicos, sua aparência não era nada animadora. Chegaram de volta ao quarto, Cristina dissera aos irmãos que iria para casa com Claudio, voltaria pela manhã do dia seguinte.

Antes de saírem Fabiano perguntara a Claudio, se tinha conhecimento que o pai, tinha uma arma, e andava armado pelas ruas? Respondera que o sogro nunca lhe dissera nada a esse respeito, Nestor entregou a bolsa a Cristina, e dissera para que guardassem a arma em segurança, em sua casa. Durante o percurso, Claudio comentara com a esposa, quais motivos levaria Sr. Faustino portar uma arma, no momento que sofrera o mal súbito, difícil de se saber.

Assim que Dona Eva saíra da sala da UTI, fora até o quarto, comunicara a Fabiano e Nestor que pegaria um taxi e iria pra casa, que retornaria pela manhã, então os dois irmãos se revezaram fazendo companhia ao pai naquele restante de madrugada. Pela manhã os médicos da Clínica, embasados em um exame tomográfico, depois num exame de ressonância, convocaram os quatros acompanhantes, para participarem de uma reunião, em espaço apropriado da Clínica, para darem seus pareceres, estava presente Dr. Sebastião, que o atendera no Hospital de Emergências, e analisara os exames.

Primeiro falara Dr. Amauri, neurologista chefe da Clínica: – Com base nos exames realizados, no âmbito de nossos recursos, neste momento estaria descartado a possibilidade da realização de uma intervenção cirúrgica, para reparar os danos causados pelo derrame cerebral, não nos restando uma alternativa, continuarmos o tratamento através de medicamentos, se o paciente evoluir conforme esperamos, poderemos reavaliar a possibilidade.

Dr. Sebastião Tolentino, dissera: – Infelizmente, de conformidade com os dois exames realizados, que consideramos os mais eficientes e confiáveis, esse é o quadro do paciente no momento. Alguém gostaria fazer alguma pergunta?

Fabiano na qualidade de filho mais velho, perguntou: – No caso de nosso pai conseguir superar essa fase, realizar a cirurgia, poderia ficar com alguma sequela?

Dr. Amauri respondeu: – Diria com grandes possibilidades.

Dona Eva, demonstrando preocupação, perguntara: – Que tipo de sequela?

Dr. Amauri, respondeu: – Perda de movimentos, e até de voz.

Cristina começou chorar desesperadamente, Dona Eva a abraçou também chorando. Dr. Sebastião, por ser mais velho e experiente, que seus colegas, dissera: – Não se esqueçam que para Deus, nada é impossível, já presenciei casos semelhantes, até mais graves, cuja recuperação do paciente fora perfeita. Uma pequena sequela, não compromete a qualidade de vida de uma pessoa, aprenderá perfeitamente, conviver com ela. Vamos pensar positivo.

Os dois irmãos foram para suas casas, ficando na Clínica apenas Cristina e Dona Eva, que dissera para Cristina, que naquela tarde, iria à escola, entraria com um pedido de licença por tempo indeterminado, para ficar exclusivamente na companhia do marido. Cristina que a essas alturas, estava completamente fragilizada devido às condições de saúde do pai, nada dissera.

Voltando mais para o interior, na cidade onde morava Sr. Filomeno com sua família, Lúcia teria ido mais uma vez, em um dia de domingo, na casa de Sr. Eugênio e Dona Celina, dissera a eles, que estava trabalhando na Secretaria de Educação do Município, caso precisassem dela, saberiam como encontrá-la. Em uma tarde,

estava ela trabalhando, quando disseram a ela, que na recepção havia uma Senhora procurando por ela. Sem imaginar quem poderia ser, fora até lá, e encontrara Dona Celina, que pela sua expressão sofrida, certamente não trazia boas notícias.

A cumprimentara, e convidara para que a acompanhasse até uma sala reservada, assim que se sentaram, Dona Celina com a voz embargada, quase chorando, começou dizendo:

— Hoje depois que almoçamos, eu e Eugênio conversávamos, sentados na área dos fundos, quando acionaram a campainha do portão, Eugênio fora até lá, encontrou dois policiais, que não quiseram entrar, disseram que a Central de Comunicação da polícia, recebera a informação que nosso filho Armando, fora assassinado por um outro detento, há três dias, cujo sepultamento já havia sido efetivado. Devido à distância que se encontrava, não fora possível trazer seu corpo.

Lúcia recebera a informação como se já soubesse do acontecido, dissera a Dona Celina: – Esta tarde depois que encerrasse meu trabalho, já havia decidido que iria até vossa casa, por duas noites seguidas, sonhei com Armando, como quisesse me dizer qualquer coisa, e não conseguia, então tive o pressentimento que lhe havia acontecido qualquer coisa muito grave. E vocês poderiam estar sabendo.

Dona Celina em lágrimas, lhe fizera um convite, um tanto estranho: – Depois daquele domingo que fora em nossa casa, e a conversa que tivemos, na hora não quisemos lhe dizer nada, mas eu e Eugênio depois conversando, achamos que você, caso quisesse, poderia começar frequentar conosco a Casa Espírita Paulo de Tarso, que fica próxima da nossa casa, há algum tempo, começamos frequentar, e fora justamente lá, que começamos entender e aceitar, muitas coisas que nos acontecem.

Lúcia ficara pensando, depois dissera: – Minha família é toda Católica, particularmente assim como meu pai, temos muitas dúvidas, que não encontramos em nossa religião às respostas, vou convidá-lo para juntos acompanhá-los nessa Casa Espírita. Que dia e horário acontecem as reuniões?

Dona Celina deu um sorriso de satisfação, e dissera: – Todas as segundas-feiras, e aos sábados, as oito horas da noite, como Eugênio trabalha durante a semana, só participamos nas noites de sábados.

— Convidarei meu pai, caso ele não quiser ir, irei sozinha, as sete e meia estarei em vossa casa.

Dona Celina se levantando dissera: – Minha filha me desculpe, por ter interrompido seu trabalho, parece que a dor que sentia em meu coração desapareceu, até amanhã à noite.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 27/02/2024.



O Trabalho Dignifica o Homem

ATÉ ENTÃO, DESDE QUE SE MUDARA, muitos poucos dias Sr. Filomeno havia conseguido trabalho, quando no máximo um ou dois dias na semana, isso o entristecia, e o fazia repetir dizendo, que sua vontade seria voltar para o sítio novamente. O salário de Lúcia e o pouco que ganhava Vivi, estavam garantindo o sustento das despesas da casa, que não só referia a alimentação, havia as contas de consumo de água e energia elétrica, e prestações de alguns eletrodomésticos que precisaram comprar, entre outras.

Quando chegara em casa à tarde, Lúcia ocupou-se em revelar aos pais, o que Dona Celina, fora lhe informar do que acontecera ao filho, seu ex-namorado, e

para surpresa dos pais, não demonstrava estar assim tão triste, então dissera a eles: – Depois das coisas que ouvira sobre Armando, de seus próprios pais, descobrira que fora a melhor coisa que me acontecera.

Mais tarde, conversando com seu pai, o convidara para juntos, irem conhecerem os ensinamentos da Doutrina Espírita, na noite de sábado, conforme convite da mãe de Armando, Dona Celina. Sr. Filomeno ficara pensativo, disse que depois lhe daria a resposta. No dia seguinte, justamente um dia de sábado, dissera à filha que a acompanharia. Lúcia estendera o convite para a mãe e a irmã, Dona Rosália justificou-se, que não poderia deixar Vivi sozinha com o namorado, que vinha visitá-la todas as noites de sábado e domingo.

Sr. Eugênio e Dona Celina ficaram muito felizes, quando viram Lúcia chegar acompanhada do pai, pontualmente no horário que prometera. Lúcia era naturalmente bonita, quando vestia suas roupas simples, mas de muito bom gosto, ficava ainda mais bonita. Enquanto Dona Celina caminhava ao lado de Lúcia, Sr. Eugênio e Sr. Filomeno, iam conversando, e se entendendo perfeitamente, como já se conhecessem há mais tempo.

A reunião nas noites de sábados, consistiam em palestras, cujo assunto era livre, escolhido pelo próprio palestrante. O palestrante da noite, um jovem de vinte e dois anos, chamado Vinicius, que por coincidência era sobrinho de Sr. Eugênio e Dona Celina. Quando

começara falar, naturalmente localizara no meio do público, a tia sentada ao lado de Lúcia, e Vinicius tinha certa semelhança com Armando, talvez um pouco mais alto e apumado, sua oratória esclarecedora, bem cadenciada, fora envolvendo Lúcia, que não queria olhá-lo diretamente nos olhos, mas quando perceberam os dois já se olhavam continuamente, fazendo seus corações baterem mais acelerados. Que de certa forma estimulara sua inspiração e eloquência, e acabara proporcionando uma ótima palestra.

Encerrada a palestra, que visivelmente havia agradado a todos, depois fora proferida a prece de encerramento por uma Senhora veterana da casa, em seguida todos se serviram, com um copinho de água fluidificada, como é de costume nas Casas Espíritas, quanto ao passe eram ministrados, somente nas noites de segundas-feiras. Assim que estavam saindo para irem embora. Vinicius fora até a tia, lhe cumprimentara e abraçara com carinho, cumprimentara Lúcia, Sr. Filomeno, e o tio. Só então Dona Celina dissera a Lúcia e ao Sr. Filomeno, que Vinicius era sobrinho deles, apesar de nada dizer, sorriu para Lúcia, que o retribuiu com seu sorriso tímido, mas insinuante. Enquanto voltavam Dona Celina explicou para Lúcia: – Vinicius é um menino de ouro, não por ser nosso sobrinho, mas pela pessoa boa que sempre foi desde criança.

Lúcia dissera: – Quando começou falar, o achei um pouco parecido com Armando, mas pensar ser primo de Armando, nunca imaginaria.

— Ele é um pouco parecido com os meus filhos, é filho de um irmão de Eugênio, fora justamente ele que nos levou conhecer a Casa Espírita. Minha concunhada sua mãe, se chama Clarice, ele nem parece ser filho dela, ela diz ser evangélica, implica e o trata mal, por ele ser espírita. O coitado tem uma namorada, ainda pior que a mãe, se chama Estela, essa nunca pôs os pés na Casa Espírita, diz ser também evangélica, é amiga da mãe. Eu sei que não deveria me meter, mas já disse a ele, que esse namoro não vai dar certo. São como água e óleo.

— Ele trabalha em quê?

— Vinicius é professor concursado do Estado, não sei bem, se de português ou de matemática.

Enquanto as duas iam juntas conversando sobre Vinicius, Sr. Filomeno ia ao lado de Sr. Eugênio, relatando as dificuldades para conseguir trabalho, Sr. Filomeno era mais jovem que o pai de Armando, alguns anos, Sr. Eugênio por sua vez, lhe dissera das dificuldades para se conseguir companheiros para ajudá-lo nas obras, então o convidara para trabalhar com ele, fariam uma experiência, caso ambos gostassem, poderiam trabalharem juntos, ficara combinado que a partir daquela segunda-feira, Sr. Filomeno o ajudaria na construção. Depois falariam sobre o valor do salário. Para quem es-

tava praticamente desempregado, a ida a Casa Espírita lhe havia aberto uma porta. Para Lúcia que estava desiludida, sem esperança de encontrar um novo amor, a visita a Casa Espírita, fizera seu coração bater forte novamente, quando viu Vinicius, e pelas informações da tia, queria que Armando, seu ex-namorado, fosse exatamente como ela descrevera o sobrinho.

Se Lúcia precisava de uma razão para recomeçar sonhar, agora a tinha, e aquela semana demorou passar para ela, por que o sábado nunca chegava. Para Sr. Filomeno a semana passara voando, trabalhara os cinco dias, e gostara tanto do trabalho, como dos colegas que fizera, pessoas simples, cujo problemas eram mais complicados que os dele, mas estavam todos felizes, sempre brincando e sorrindo. Na sexta-feira, depois do trabalho Sr. Eugênio o chamou em particular para conversarem, antes de tudo, dissera que ficara muito satisfeito com seu desempenho, que agora queria ouvir suas impressões. Como já conhecemos a índole, humildade e gratidão, de Sr. Filomeno, simplesmente dissera, que aceitaria qualquer proposta, que não poderia continuar vivendo naquela cidade sem ter um trabalho. Sr. Eugênio pediu que providenciasse os documentos necessários, que o registraria com o mesmo salário, e os mesmos direitos dos demais funcionários.

Depois de morar por seis meses naquela cidade, Sr. Filomeno voltou sorrir como antes, quando no sábado

à noite, chegaram à casa de Sr. Eugênio, Dona Celina chamou Lúcia para que entrasse em seu quarto, e confidenciou: – Quero lhe dizer que Vinicius, estivera aqui em casa essa semana, me dissera que terminara seu namoro com Estela, e por esse motivo, tivera uma séria discussão com a mãe. Queria seu endereço, para procurá-la, disse a ele que você voltaria no sábado à Casa Espírita, não lhe disse que fora namorada de Armando, por achar que isso compete a você dizer, prepara-se, ele vai procurá-la ainda hoje.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 27/02/2024.



Tudo ao Seu Tempo

ASSIM QUE OS QUATRO CHEGARAM à Casa Espírita, Vinicius se aproximou, cumprimentou e abraçou a tia com carinho, como na vez anterior, depois cumprimentou Lúcia, Sr. Filomeno, e por último o tio com um abraço, Sr. Eugênio perguntou-lhe:

— Você quem vai fazer a palestra hoje novamente?

— Não meu tio, hoje será um palestrante melhor, vou assistir com vocês posso?

Dona Celina se antecipou, e respondeu: – Claro querido, pode sentar-se ao meu lado.

— Então vamos entrar, e escolher um bom lugar.

Lúcia rapidamente sentou-se ao lado de Dona Celina, obrigando o sentar-se ao seu lado, assim que se

sentaram, Vinicius perguntou a Lúcia, se há muito tempo era espírita, ela respondeu que era pela segunda vez que estava vindo a uma Casa Espírita, e perguntou-lhe:

— Você faz quanto tempo que é espírita?

— Acho que desde sempre. Eu moro a dois quarteirões daqui, desde criança frequento essa Casa Espírita. Mas você é nova aqui na cidade?

— Nos mudamos em dezembro, antes morávamos na zona rural, em um sítio.

— Esse Senhor é seu pai?

— Sim, seu nome é Filomeno da Silva.

Nesse momento o dirigente veio até a frente cumprimentou a todos, convidou uma Senhora para fazer a prece de abertura. Depois que terminou, o mesmo dirigente, convidou o Sr. Ubaldo, para proferir a palestra.

A palestra fora interessante, mas Vinicius fora modesto quando dissera que o palestrante seria melhor, apesar de ser mais adulto, não possuía o mesmo domínio e clareza de expressão, talvez pelo fato de Vinicius ser professor. Assim que terminara o dirigente apareceu novamente, e convidou Vinicius fazer a prece de encerramento, levantou-se e se dirigiu à frente, só então muitos perceberam, que estava sentado ao lado de uma linda moça, até então desconhecida, e não era sua namorada Estela, que todos conheciam.

De improviso fizera uma breve, mas linda prece de encerramento, depois o tradicional copinho de

água fluidificada, e estava encerrando os trabalhos, daquela noite de sábado. Quando saíram da Casa Espírita, Vinicius dissera a tia um pouco sem graça: – Posso acompanhá-los até vossa casa tia?

— Claro querido.

Sr. Eugênio e Sr. Filomeno seguiram na frente conversando, alguns metros atrás os três, Dona Celina acelerara seus passos, deixando os dois para trás, alcançando o marido, dissera ao Sr. Filomeno: – Tenho impressão de que aqueles dois, estão se entendendo muito bem.

Discreto como era Sr. Filomeno nada dissera, continuou conversando com o amigo, chegando à casa, Vinicius ainda mais sem graça, dissera ao Sr. Filomeno: – Posso acompanhá-los até vossa casa Sr. Filomeno?

— Pode sim, mas é um pouco longe.

— Gosto de caminhar à noite.

Depois de se despedirem, Sr. Filomeno acelerou seu passo no início se distanciando um pouco dos dois, depois diminuiu a velocidade das passadas, mantendo a distância, Lúcia dissera a ele como conhecera Dona Celina e Sr. Eugênio, o seu breve namoro com Armando, sua experiência como professora, seu emprego na Secretaria de Educação, e tudo mais que ele desejou saber sobre ela, e sua vida. Afinal não se envergonhava, nem se arrependia de nada que havia feito até então, e gostaria de continuar sendo assim. Vinicius falara do término de seu

namoro com Estela, dos atritos que sempre tivera com a mãe, devido ele ser espírita, de sua profissão de professor de matemática, e sua intenção de se mudar para casa da tia, caso sua mãe não parasse de azucriná-lo.

Chegando à casa de Sr. Filomeno, fora convidado entrar, conhecera Dona Rosália, Vivi, Carlos ele já conhecia. Todos sentaram, conversaram mais um pouco, Dona Rosália oferecera um suco gelado de limão, colhido do quintal de casa, feito por ela mesma, todos tomaram e elogiaram o suco. Os dois rapazes se despediram de Sr. Filomeno e Dona Rosália, saíram acompanhados das duas irmãs, até a calçada em frente à casa, onde estava o fusca de Carlos, que disse a Vivi, que amanhã voltaria. Então Vinicius perguntara a Lúcia se também poderia voltar, ela dissera que sim, que avisaria aos pais. Despediram das namoradas, e saíram juntos no fusca de Carlos.

Na segunda-feira em seu trabalho, Lúcia recebera uma ligação telefônica, da irmã mais velha Iraci, pedindo se fosse possível, que Dona Rosália fosse até lá, seu parto não demoraria mais de dez dias para acontecer, e aproveitara para transmitir a triste notícia que chegara à comunidade dos Pedrosas, naquele final de semana. Que Sr. Faustino sofrera um derrame cerebral, apesar de ser socorrido, não havia resistido e falecido no sábado, em uma Clínica.

Na quarta-feira como Sr. Altamiro iria visitar a escola da comunidade dos Pedrosas, como de costu-

me, Dona Rosália aproveitara a carona, e fora de carro até a casa da filha, voltaria somente depois que o neto nascesse. Caso Sr. Filomeno não estivesse agora, como funcionário registrado numa firma da construção civil, poderia acompanhar a esposa, rever os amigos, e conhecer também o neto, ou quem sabe a neta.

Não fora difícil Sr. Filomeno e Lúcia, convencerem Vivi acompanhá-los a Casa Espírita no sábado. Quando Carlos, ficara sabendo que encontraria a casa da namorada fechada, deixara seu fusca na garagem, e fora caminhando até a Casa Espírita Paulo de Tarso. Naquela noite, seria Vinicius quem proferiria a palestra, atendendo a um pedido de sua nova namorada, falaria sobre o Apóstolo Paulo, e levaria para ela como seu primeiro presente, um exemplar do Livro “Paulo e Estevão”. Certamente depois de encerrado os trabalhos, todos voltariam para casa caminhando.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 28/02/2024.

Fim







A FRÁGIL JUSTIÇA DOS HOMENS

escrito por

Antonio Martines Brentan

Copyright © 2024 by Antonio Martines Brentan
Av. São Sebastião, 564 - CEP 38292-000 - São Sebastião Pontal - MG